

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

Ana Claudia da Rosa

**APLICATIVOS DE REDES SOCIAIS: USO EXCESSIVO,
PREOCUPAÇÃO COGNITIVA E CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS**

Santa Maria, RS
2017

Ana Claudia da Rosa

**APLICATIVOS DE REDES SOCIAIS: USO EXCESSIVO, PREOCUPAÇÃO
COGNITIVA E CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Administração.**

Orientador: Prof. Dr. Mauri Leodir Löbler

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rosa, Ana Cláudia da
APLICATIVOS DE REDES SOCIAIS: USO EXCESSIVO,
PREOCUPAÇÃO COGNITIVA E CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS / Ana
Cláudia da Rosa.- 2017.
129 p.; 30 cm

Orientador: Mauri Leodir Löbler
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Administração, RS, 2017

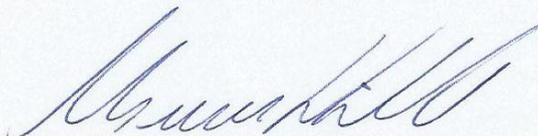
1. Aplicativos de Redes Sociais 2. Uso Excessivo 3.
Preocupação Cognitiva 4. Consequências Negativas 5.
Geração Z I. Löbler, Mauri Leodir II. Título.

Ana Cláudia da Rosa

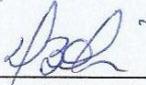
**APLICATIVOS DE REDES SOCIAIS: USO EXCESSIVO, PREOCUPAÇÃO
COGNITIVA E CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Administração**.

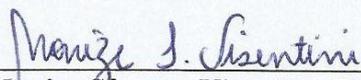
Aprovada em 18 de dezembro de 2017:



Mauri Leodir Löbler, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Debora Bobsin, Dra. (UFSM)



Monize Sâmara Visentini, Dra. (UFFS)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a Santa Terezinha das Rosas, por me iluminarem, ouvirem minhas orações e por nunca me deixarem perder a fé.

Agradeço a minha mãe, minha maior incentivadora e fonte de inspiração. Meu maior exemplo de vida, que sempre me incentivou e acreditou no meu potencial, que me fez não desanimar diante de todos os desafios da trajetória acadêmica.

Agradeço a toda minha família, que mesmo de longe acompanhou toda minha trajetória acadêmica.

Agradeço ao meu namorado, por todo incentivo, palavras de apoio e por ouvir minhas angústias.

Agradeço a todos os professores do PPGA. Em especial, a minha primeira orientadora professora Márcia, por seus ensinamentos. Em especial, ao professor Mauri, que me acolheu e acreditou no meu potencial. Obrigada professor! A realização dessa dissertação não seria possível sem a sua ajuda e seu acolhimento. Em especial, também as professoras Debora e Monize, que gentilmente aceitaram participar da banca examinadora e assim contribuíram de forma extremamente significativa na construção dessa dissertação.

Agradeço aos Colégios Marista, G10 e Marco Polo e ao IFFar/JC por aceitarem participar e por acreditarem na minha pesquisa.

Agradeço a todos os servidores da UFSM. Em especial a Jeanne, que sempre me ajudou.

Agradeço a todos os meus colegas de mestrado e demais que conheci durante a pós-graduação, pela experiência inesquecível que compartilhamos na nossa jornada. Em especial a Veridiane e Juliano, amigos que ficarão para toda a vida, minha eterna gratidão! Em especial também a Cristiane, pelo compartilhamento de experiências e todo auxílio que foi essencial.

Agradeço a todos os meus amigos. Em especial a Amanda, que fizemos uma amizade verdadeira na graduação e que espero continuarmos e nos aventurarmos na vida acadêmica.

Agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram, me apoiaram e acreditaram na realização dessa dissertação. Em especial aos professores do IFFar que me ajudaram a aplicar os questionários. Em especial, também a Sandra e a Bruna, por toda a ajuda e incentivo.

Plans are only good intentions unless they immediately degenerate into hard work.

(Peter Drucker)

RESUMO

APLICATIVOS DE REDES SOCIAIS: USO EXCESSIVO, PREOCUPAÇÃO COGNITIVA E CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS

AUTORA: ANA CLAUDIA DA ROSA
ORIENTADOR: MAURI LEODIR LÖBLER

Com a evolução da Web e a expansão dos sites de redes sociais, as novas tecnologias e dispositivos de informação móveis – *smartphones*, *tablets*, entre outros – apresentaram um constante crescimento nos últimos anos no Brasil e no mundo, criando uma nova possibilidade de trabalhar o acesso às informações móveis (F/NAZCA; SAATCHI; SAATCHI, 2013). Diante disso, a atual pesquisa baseou-se na adaptação do modelo teórico proposto por Zheng e Lee (2016), cujos autores utilizaram o Modelo de Uso Patológico de Internet (UPI) de Davis (2001) para examinar o processo sequencial de uso problemático de aplicativos de redes sociais. Foi operacionalizada uma pesquisa quantitativa e descritiva, com a coleta de dados realizada através da técnica *survey* junto a uma amostra de 340 jovens da Geração Z, sendo estudantes do ensino médio de três colégios da rede particular de Santa Maria/RS e do Instituto Federal Farroupilha - Campus de Júlio de Castilhos (IFFar/JC). O estudo apresentou como objetivo geral investigar o impacto do uso excessivo e da preocupação cognitiva nas consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais em jovens da Geração Z. Ao realizar a validação estatística e atestar a confiabilidade interna do modelo de pesquisa, evidenciou-se a formação de cinco fatores. Após, evidenciou-se que os fatores “uso e tensão” e preocupação cognitiva apresentam impacto positivo e significativo nas consequências negativas do uso dos aplicativos de redes sociais. A maior relação, revelando o maior impacto do modelo ocorreu entre o fator “uso e tensão” e o fator conflito entre tecnologia e vida social. O menor impacto foi encontrado entre os fatores preocupação cognitiva e conflito entre tecnologia e vida pessoal. Como contribuições teóricas, ressalta-se o aprofundamento e adaptação teórica do modelo de Zheng e Lee (2016), além da integração de um novo construto em sua mensuração. Para o ponto de vista prático, o estudo buscou proporcionar aos gestores escolares o conhecimento do comportamento dos jovens da Geração Z frente ao uso de aplicativos de redes sociais. Apesar das limitações evidenciadas, considera-se que a presente dissertação contribuiu para ampliação das pesquisas acerca do lado obscuro e consequências negativas do uso dos aplicativos de redes sociais, bem como, espera-se que possa servir como base e auxiliar na realização de estudos futuros sobre essa temática.

Palavras-chave: Aplicativos de Redes Sociais. Uso Excessivo. Preocupação Cognitiva. Consequências Negativas. Geração Z.

ABSTRACT

MOBILE SOCIAL NETWORKING SITES: EXCESSIVE USE, COGNITIVE PREOCCUPATION AND NEGATIVE CONSEQUENCES

AUTHOR: ANA CLAUDIA DA ROSA
ADVISOR: MAURI LEODIR LÖBLER

With the evolution of the Web and the expansion of social networking sites, new technologies and mobile information devices - smartphones, tablets, among others - have shown a constant growth in recent years in Brazil and in the world, creating a new possibility of working the access to mobile information (F/NAZCA; SAATCHI; SAATCHI, 2013). Therefore, the current research was based on the adaptation of the theoretical model proposed by Zheng and Lee (2016), whose authors used Davis's (2001) Internet Pathological Use Model (UPI) to examine the sequential process of problematic use of social networking applications. A quantitative and descriptive research was carried out with the data collection performed through the survey technique with a sample of 340 youngsters of the Generation Z, being high school students of three Colleges of the private network of Santa Maria/RS and the Instituto Federal Farroupilha – Campus of Júlio de Castilhos (IFFar/JC). The study aimed to investigate the impact of overuse and cognitive concern on the negative consequences of the use of social networking applications on young people of the Generation Z. When performing the statistical validation and attesting the internal reliability of the research model, the formation of five factors. Afterwards, it was evidenced that the factors "use and tension" and cognitive concern have a positive and significant impact on the negative consequences of the use of social network applications. The largest relation, revealing the greatest impact of the model occurred between the "use and tension" factor and the conflict factor between technology and social life. The smallest impact was found between cognitive concern factors and conflict between technology and personal life. As theoretical contributions, we emphasize the deepening and theoretical adaptation of the model of Zheng and Lee (2016), in addition to the integration of a new construct in its measurement. From the practical point of view, the study sought to provide school managers with knowledge of the behavior of young people of the Generation Z against the use of social networking applications. Despite the limitations, it is considered that the present dissertation has contributed to the expansion of research on the dark side and negative consequences of the use of social network applications, as well as, it is expected that it can serve as a base and help in the accomplishment of future studies about this theme.

Keywords: Social Networking Sites. Excessive Use. Cognitive Preoccupation, Negatives Consequences. Generation Z.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas do estado da arte	18
Figura 2 – Processo de fatores etiológicos e sintomas	49
Figura 3 – Modelo Cognitivo-Comportamental de Uso Patológico da Internet (UPI)	51
Figura 4 – Síntese Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI	52
Figura 5 – Processo sequencial.....	52
Figura 6 – Modelo teórico da pesquisa.....	53
Figura 7 – Relações entre determinantes na causação recíproca triádica.....	55
Figura 8 – Modelo de estresse tecnológico	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução das publicações.....	20
Gráfico 2 – País/Território das publicações	21
Gráfico 3 – Artigos publicados nos eventos da ANPAD	34
Gráfico 4 - Periódicos nacionais.....	37
Gráfico 5 – Número de jovens por rede de ensino	69
Gráfico 6 – Gênero dos jovens	70
Gráfico 7 – Idade dos jovens	70
Gráfico 8 – Ano em que estuda	71
Gráfico 9 – Tempo que utiliza os aplicativos	72
Gráfico 10 – Acesso diário aos aplicativos	74
Gráfico 11 – Aplicativos de redes sociais utilizados.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultado das áreas de interesse da pesquisa WOS	20
Quadro 2 – Periódicos internacionais que mais publicam.....	22
Quadro 3 – Artigos mais citados	23
Quadro 4 – Artigos publicados na ANPAD sobre uso de redes sociais virtuais	30
Quadro 5 – Artigos encontrados na Scielo sobre redes sociais	35
Quadro 6 – Construtos uso excessivo e preocupação cognitiva	64
Quadro 7 – Construtos de conflito.....	64
Quadro 8 – Construto tensão original.....	65
Quadro 9 – Construto tensão adaptado para a pesquisa	65
Quadro 10 – Objetivos da pesquisa e suas respectivas fases estatísticas	67
Quadro 11 – Teste das hipóteses da pesquisa atual e do estudo Zheng e Lee (2016)	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População e amostra da pesquisa.....	63
Tabela 2 – Cruzamento entre gênero e há quanto tempo utiliza os aplicativos.....	72
Tabela 3 – Cruzamento entre idade e há quanto tempo utiliza os aplicativos.....	74
Tabela 4 – Cruzamento entre gênero e tempo de acesso diário aos aplicativos.....	75
Tabela 5 – Cruzamento entre idade e tempo de acesso diário aos aplicativos	76
Tabela 6 – Comunalidades das variáveis.....	79
Tabela 7 – Variância total explicada	80
Tabela 8 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 1	80
Tabela 9 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 2	81
Tabela 10 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 3	81
Tabela 11 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 4	81
Tabela 12 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 5	82
Tabela 13 – <i>Alpha</i> de Cronbach	83
Tabela 14 – Médias e desvios-padrões do fator 1	84
Tabela 15 – Médias e desvios-padrões do fator 2	85
Tabela 16 – Médias e desvios-padrões do fator 3	85
Tabela 17 – Médias e desvios-padrões do fator 4	86
Tabela 18 – Médias e desvios-padrões do fator 5	86
Tabela 19 – Médias e desvios-padrões dos fatores.....	87
Tabela 20 – Teste T: gênero e fatores.....	88
Tabela 21 – Teste ANOVA: idade e fatores.....	89
Tabela 22 – Teste ANOVA: tempo de acesso diário e fatores	90
Tabela 23 – Teste das hipóteses	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	15
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 ESTADO DA ARTE SOBRE REDES SOCIAIS	18
2.1.1 Estudo sobre redes sociais no âmbito internacional	18
2.1.2 Estado da arte no Brasil	28
2.2 REDES SOCIAIS	38
2.2.1 Aplicativos de redes sociais	40
2.3 MODELO TEÓRICO E HIPÓTESES DO ESTUDO.....	47
3 METODOLOGIA	62
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	62
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	62
3.3 COLETA DE DADOS	63
3.4 ETAPAS DO ESTUDO E ANÁLISE DOS DADOS	66
3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DO ESTUDO	68
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	69
4.1 PERFIL DOS ALUNOS	69
4.2 VALIDAÇÃO ESTATÍSTICA E CONFIABILIDADE.....	78
4.3 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES	83
4.4 TESTE DAS HIPÓTESES	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	110
APÊNDICE A – ARTIGOS DA WEB OF SCIENCE (2007 a 2016)	111
APÊNDICE B - ARTIGOS DOS ANAIS DA ANPAD (2007 a 2016)	116
APÊNDICE C – ARTIGOS DA SCIELO (2007 a 2016)	122
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO	129

1 INTRODUÇÃO

Na medida em que a Internet evoluiu ao longo do tempo, a World Wide Web (WWW), conhecida como Web 1.0, transformou-se na chamada Web 2.0, ou segunda geração da World Wide Web, facilitando a informação. Este novo formato se caracterizou pela utilização de plataformas, nas quais as aplicações e conteúdos poderiam, de forma independente e conjunta, serem constantemente modificadas pelos usuários (AMBONI; ESPINOZA, 2014).

Com esse advento da Web 2.0, a partir do ano de 2004, ocorreu o desenvolvimento e evolução de comunidades baseadas na Web, serviços hospedados e aplicativos de sites, dentre esses, os sites de redes sociais, também denominados de redes sociais online ou virtuais (AL-DEBEI; AL-LOZI; PAPAZAFEIROPOULOU, 2013). Essas redes sociais online são mediadas por tecnologias e têm se destacado por acelerarem a conectividade, permitindo que qualquer indivíduo se torne um produtor e divulgador de conteúdos, levando a uma intensa conexão e compartilhamento de conteúdos (KAPLAN; HAENLEIN, 2010).

Indo ao encontro com a evolução da Web e a expansão dos sites de redes sociais, as novas tecnologias e dispositivos de informação móveis – *smartphones*, *tablets*, entre outros – apresentaram um constante crescimento nos últimos anos no Brasil e no mundo, criando uma nova possibilidade de trabalhar o acesso às informações móveis (F/NAZCA; SAATCHI; SAATCHI, 2013). De acordo com uma pesquisa realizada pela agência eMarketer e divulgada pela Forbes (2016), o Brasil é o país com o maior número de usuários de redes sociais na América Latina, com cerca de 93,2 milhões de usuários ativos no ano de 2016. Conforme a mesma pesquisa, cerca de 45% da população brasileira possuía perfil ativo nos sites de redes sociais e para o ano de 2017 projeta-se que 97,8 milhões de usuários brasileiros irão acessar os sites de redes sociais.

Além disso, a 28ª Pesquisa Anual do Uso de Tecnologia da Informação (T.I.) realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2017) e divulgada pelo Portal UOL (2017), ressalta que os dispositivos móveis, em especial os *smartphones* estão provocando uma ruptura nos processos empresariais e no modo de consumo de tecnologia no Brasil. Conforme dados do estudo, em abril de 2017, o número de *smartphones* estava em 198 milhões e projeta-se que nos próximos dois anos, o total poderá chegar a 236 milhões, sendo que a pesquisa aponta que cada brasileiro terá um *smartphone* até o final do ano de 2017.

Desse modo, o uso das redes sociais acessadas via dispositivos móveis apresenta-se como ferramenta de estudo que está fortemente se expandindo para compreender a nova demanda de usuários que estão se atualizando de forma virtual (FERREIRA; ARRUDA FILHO, 2015). Neste cenário, em virtude do crescente uso das redes sociais, diversas pesquisas foram realizadas para compreender as motivações e benefícios que os usuários buscam para se conectarem e permanecerem nesses sites (CHEUNG; LEE, 2010).

A disponibilidade de acesso às redes sociais via dispositivos móveis fornece benefícios importantes, como capacidade de manter contato com amigos e familiares distantes, entretanto alguns indivíduos podem desenvolver padrões problemáticos de uso (BURNELL; KUTHER, 2016). Assim, nem todos os benefícios do uso de redes sociais são positivos, pois o uso excessivo pode resultar em comportamentos problemáticos sob a forma de usos impulsivos, arriscados e desvantajosos dessas tecnologias (TARAFDAR et al., 2015; TUREL; BECHARA, 2017).

Sobre isso, as pesquisas recentes apontaram para os efeitos negativos de interrupções e interferências criadas pelo uso impulsivo de aplicativos de redes sociais sobre as relações interpessoais, revelando um tipo de uso problemático com prováveis consequências negativas aos usuários (VISHWANATH, 2015), contudo esse fenômeno tem sido largamente inexplorado pela literatura (ZHENG; LEE, 2016).

Integrando essas perspectivas, no atual estudo definiu-se uso problemático de aplicativos de redes sociais como seu acesso tipicamente excessivo, podendo levar a consequências negativas para o usuário. Diante dessa perspectiva, o uso problemático desses aplicativos de redes sociais podem gerar conflitos na vida social, profissional/escolar e pessoal, causando no usuário, além desses conflitos, o aumento do estresse ou tensão causado pelo uso dessas tecnologias (ZHENG; LEE, 2016).

Conforme aponta Pontes (2013), os adolescentes estudantes – integrantes da Geração Z – podem ser considerados como o grupo de maior risco aos problemas causados pelo uso excessivo da Internet, devido à maior vulnerabilidade e superexposição a essas novas tecnologias móveis. Os jovens dessa geração querem estar conectados o tempo todo e usam a tecnologia – de *smartphones* por meio dos aplicativos de redes sociais – para atingir esse objetivo (TAPSCOTT, 2010).

Sob essa perspectiva, a atual pesquisa baseia-se na adaptação ao contexto brasileiro do modelo teórico proposto por Zheng e Lee (2016), cujos autores utilizaram o Modelo de Uso Patológico de Internet (UPI) de Davis (2001) para examinar o processo sequencial de uso

problemático de redes sociais móveis, envolvendo os fatores uso excessivo, preocupação cognitiva, conflitos e tensão tecnológica. Desse modo, inseriram ao Modelo de UPI o fator uso excessivo como uma condição suficiente para experimentar resultados negativos, baseando esse pressuposto na Teoria Cognitiva Social (BANDURA, 2001) e agregaram a variável tensão, com base no estresse tecnológico do Modelo de Ajuste entre Pessoa e Ambiente (EDWARDS; CAPLAN; VAN HARRISON, 2000).

Para tanto, operacionalizou-se uma pesquisa quantitativa e descritiva, com a coleta de dados realizada através da técnica *survey* junto a jovens da Geração Z, sendo estudantes do ensino médio de três colégios da rede particular de Santa Maria/RS e do Instituto Federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos/RS (IFFar/JC). Seguindo abordagem de investigação semelhante e já desenvolvida em trabalhos anteriores (CAPLAN, 2010; HAAGSMA et al., 2013; ZHENG; LEE, 2016), a presente dissertação investigou o uso excessivo, a preocupação cognitiva e as consequências negativas relacionados ao uso dos aplicativos de redes sociais.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa buscou responder ao problema: *o uso excessivo e a preocupação cognitiva impactam nas consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais em jovens da Geração Z?*

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar o impacto do uso excessivo e da preocupação cognitiva nas consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais em jovens da Geração Z.

1.2.2 Objetivos específicos

Para atender ao objetivo geral, foram definidos como objetivos específicos:

- a) Realizar a validação estatística e confiabilidade do modelo teórico;

- b) Mensurar a percepção dos jovens da Geração Z quanto ao uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais;
- c) Verificar divergências nas avaliações dos jovens da Geração Z quanto ao uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais;
- d) Testar o impacto e a relação do uso excessivo e preocupação cognitiva nas consequências negativas do uso dos aplicativos.

1.3 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento das tecnologias móveis tem revolucionado a maneira como as pessoas vêm se comunicando e se relacionando e, nesse contexto, o *smartphone* tem se destacado enquanto equipamento preferencial de acesso, pelas facilidades e praticidades que proporciona. Além da facilidade na comunicação oral, permite a realização de tarefas de computador (comunicação escrita), com a vantagem de ter um tamanho menor e fácil portabilidade (MALVIYA; SALUJA; THAKUR, 2013).

Os *smartphones* estão cada vez mais interligados nas atividades diárias das pessoas, pelos recursos que oferecem, dentre os quais o acesso à internet nas 24 horas do dia, sete dias por semana e os 365 dias do ano, em qualquer lugar (SUKI, 2013). Esses telefones móveis têm-se tornado um inseparável instrumento na vida das pessoas e a maior parte delas, os carregam o tempo todo (SUKI, 2013).

Embora as redes sociais acessadas via aplicativos desses dispositivos móveis possam aumentar a conveniência, facilidade e flexibilidade de acesso, seu uso excessivo pode trazer consequências negativas aos indivíduos. Esse lado obscuro das redes sociais motiva a atual pesquisa a enriquecer a literatura sobre o seu uso problemático, ao passo que as consequências negativas do uso excessivo das redes sociais móveis são sub exploradas pela literatura, conforme apontado por Zheng e Lee (2016).

Indo ao encontro do que afirmam Zheng e Lee (2016), uma pesquisa bibliométrica realizada na base Web of Science com o termo “mobile social networking sites”, também revelou carência de estudos em artigos científicos sobre os aspectos negativos no acesso de redes sociais, no que se refere às áreas das ciências sociais, psicologia, negócios e economia. Conforme a pesquisa realizada no dia 13 de maio de 2017, pelo domínio da Universidade

Federal de Santa Maria (UFSM), esse termo pesquisado representou apenas 75 artigos científicos nos últimos dez anos, ou seja, no período compreendido entre os anos de 2007 e 2016, sendo 1,6 o valor obtido do índice M^1 , indicando que o tema pode se tornar um *hot-topic* nessas áreas de pesquisa (BANKS, 2006), sendo poucos estudos apontando os aspectos negativos (BURNELL; KUTHER, 2016; TUREL; QAHRI-SAREMI, 2016).

Desse modo, estudos anteriores analisaram o uso problemático de dispositivos móveis sob origem psiquiátrica (GUTIÉRREZ; CÁMARA, 2015), psicológica (BURNELL; KUTHER, 2016) e perspectivas sócio psicológicas. Além disso, algumas pesquisas verificaram os traços demográficos e de personalidade dos usuários de telefonia celular (BIANCHI; PHILLIPS, 2005), dependência ou vício de tecnologia (BALAKRISHNAN; SHAMIM, 2013), segurança, além de abordarem as dimensões e os instrumentos de medição do uso problemático de dispositivos móveis (TUREL; QAHRI-SAREMI, 2016).

No entanto, Zheng e Lee (2016) revelam que os estudos empíricos orientados pela teoria sobre a exploração dos resultados negativos de usos excessivos de aplicativos de redes sociais são relativamente raros (HAAGSMA et al., 2013). Para Zheng e Lee (2016), uma revisão da literatura revela que as pesquisas anteriores adotaram vários termos e definições que muitas vezes são inconsistentes para lidar com o problema de uso ou dependência de tecnologia, variando de estudo para estudo, dependendo do foco do estudo em questão. Muitos estudos tendem a se concentrar na exploração da natureza, dimensões e medição da dependência tecnológica (TUREL; SERENKO; BONTIS, 2011; TUREL; SERENKO, 2012).

A interconexão cognitiva e comportamental neste fenômeno tem sido relativamente negligenciada na literatura anterior, especialmente na perspectiva de consequências negativas e no contexto de dispositivos móveis (ZHENG; LEE, 2016). Embora algumas pesquisas basearam-se no modelo cognitivo-comportamental para examinar o uso problemático de tecnologias (CAPLAN, 2010; HAAGSMA et al., 2013), não utilizaram o modelo sob uma abordagem profunda.

Além disso, conforme apontam Burnell e Kuther (2016), a investigação sobre a dependência e uso problemático de aplicativos de redes sociais concentra-se em amostras de estudantes do ensino médio e, mais frequentemente, com estudantes universitários. Essa dependência causa danos aos indivíduos e a sociedade, especialmente para os jovens estudantes, que apresentam as maiores taxas de uso problemático destas tecnologias (TUREL;

¹ O índice M é obtido através da divisão do índice $h-b$ pelo período de anos que se deseja obter informações. O resultado 1,6 revela que o tópico/combinção pode ser um *hot topic* como área de pesquisa, onde a comunidade é grande ou tópico/combinção apresenta características muito interessantes (BANKS, 2006).

QAHRI-SAREMI, 2016). Desse modo, a presente pesquisa propôs-se a investigar o uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso aplicativos de redes sociais junto a jovens da Geração Z.

A partir dos aspectos expostos, o presente projeto busca proporcionar: i) para a comunidade acadêmica, avanços no entendimento acerca do lado obscuro, ou seja, do uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais pelo aprofundamento teórico do Modelo de UPI (DAVIS, 2001), da Teoria Cognitiva Social (BANDURA, 2001) e do Modelo de Ajuste Pessoa-Ambiente (EDWARDS; CAPLAN; VAN HARRISON, 2000), bem como enriquecer as pesquisas acerca dos jovens da Geração Z e ii) para o ponto de vista prático, proporcionar aos gestores escolares o conhecimento do comportamento dos jovens frente ao uso de aplicativos de redes sociais, auxiliando no planejamento de ações que visem a redução dos impactos negativos devido ao uso desses aplicativos.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A atual dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo foi apresentada a introdução, a qual conteve uma breve contextualização dos aspectos relacionados ao uso de aplicativos de redes sociais, a delimitação do problema de pesquisa, os objetivos propostos e a justificativa do atual estudo.

No segundo capítulo, discute-se o escopo teórico do trabalho, sendo abordados aspectos sobre as redes sociais, seu estado da arte em âmbito internacional e nacional, bem como o modelo teórico e as hipóteses propostas pelo atual estudo.

O terceiro capítulo é reservado para a metodologia, onde são apresentados os procedimentos metodológicos que serão utilizados para o desenvolvimento do estudo, delineando aspectos relacionados à abordagem metodológica, população e amostra, procedimentos de coleta e análise de dados e considerações éticas envolvidas no estudo.

No quarto capítulo são apresentados os resultados e discussões do desenvolvimento do presente estudo, tendo em vista os objetivos e os respectivos testes estatísticos e análises pertinentes.

Por fim, no quinto capítulo são discutidas as considerações finais, com as limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

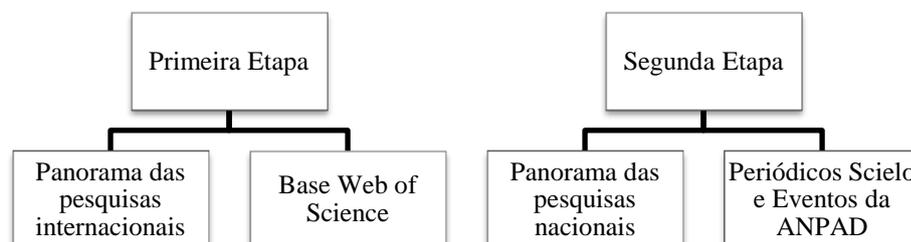
2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem por objetivo dar suporte teórico para o presente estudo. Para tanto, foi organizado em três partes. A primeira etapa apresenta o estado da arte sobre as pesquisas de redes sociais, trazendo um panorama dos estudos no âmbito internacional e nacional. A segunda parte aborda questões relacionadas as redes sociais e seu acesso via aplicativos móveis. Por fim, são apresentados o modelo teórico e hipóteses propostas.

2.1 ESTADO DA ARTE SOBRE REDES SOCIAIS

O estado da arte objetivou apresentar um panorama das pesquisas sobre redes sociais, visando identificar a evolução do tema, os países que mais publicam, as principais fontes de consulta e os autores mais relevantes. As duas etapas realizadas na pesquisa do estado da arte são expostas na Figura 1.

Figura 1 – Etapas do estado da arte



Fonte: Autora (2017).

Conforme revela a Figura 1, primeiramente realizou-se o panorama das pesquisas internacionais na Base Web of Science (WOS), e em um segundo momento buscou-se averiguar o panorama das pesquisas nacionais, coletando os dados na Scientific Electronic Library Online (Scielo) e nos Anais dos Eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD).

2.1.1 Estudo sobre redes sociais no âmbito internacional

Esta etapa objetiva identificar a atualidade do tema redes sociais nas pesquisas internacionais das áreas da administração, psicologia e ciências sociais, além de encontrar

fontes internacionais acerca dessa temática e verificar se o tema é um *hot topic* dessas áreas. A escolha por trabalhar essas áreas justifica-se pelo fato de almejar estudar sobre o uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas relacionadas ao acesso de redes sociais via aplicativos, assim durante as buscas preliminares nas bases internacionais verificou-se que as pesquisas encontram-se nessas áreas.

Para isso, pautou-se no método bibliométrico, uma técnica quantitativa e estatística que tem como finalidade medir os índices de produção e disseminação do conhecimento científico (ARAÚJO, 2006). De acordo com Quevedo-Silva et al. (2016), antes de realizar uma Bibliometria é importante entender um pouco sobre o tema que será pesquisado para definição das palavras-chave, as quais devem abordar o principal tema da pesquisa. No segundo momento, os autores afirmam que se torna necessário definir os filtros da busca (tempo de pesquisa, área e subárea, apenas artigos publicados em periódicos ou em anais de eventos e idioma da publicação). Assim sendo, antes da realização da pesquisa bibliométrica, foram realizadas leituras para aprofundamento teórico sobre redes sociais online, e a partir de buscas preliminares, evidenciaram-se os termos mais adequados para realização da pesquisa nas bases científicas.

Dessa forma, as bases de dados mais utilizadas nas pesquisas bibliométricas internacionais são Web of Science (Thomson Reuters) e Scopus (Elsevier), as quais já estão dispostas para pesquisas bibliométricas com informações sobre número de citações de cada artigo, relevância de periódicos, entre outras.

Assim sendo, a base de dados escolhida para a atual pesquisa foi a Web of Science (WOS) da coleção principal do índice de citações ISI Citation Indexes. Essa base oferece acesso direto as informações de cerca de 12 mil journals e 148 mil conferências de todas as áreas do conhecimento, proporcionando encontrar pesquisas de alta qualidade e de relevância para a área pesquisada (THOMSON REUTERS, 2013).

Buscou-se descobrir o número de trabalhos publicados sobre aplicativos de redes sociais durante o período de 2007 a 2016, considerado, a última década, na base de dados WOS. A pesquisa realizou-se dia 13 de maio de 2017 pelo domínio da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), utilizando como tópicos de pesquisa as palavras “mobile”, “social”, “networking” e “sites”. Ressalta-se que a escolha dos tópicos para a realização das buscas deu-se após pesquisas preliminares, e com a utilização destes tópicos foram encontrados os artigos mais adequados a temática proposta pelo atual estudo. O Quadro 1 apresenta essa pesquisa inicial.

Em todas as áreas de pesquisa foram encontrados 448 documentos, sendo 259 artigos científicos. Considerando as áreas de interesse, “Business and Economics”, “Psychology e Social Sciences Other Topics”, foram encontrados 75 artigos científicos, cujos autores, títulos e eventos são apresentados no Apêndice A.

Quadro 1 – Resultado das áreas de interesse da pesquisa WOS

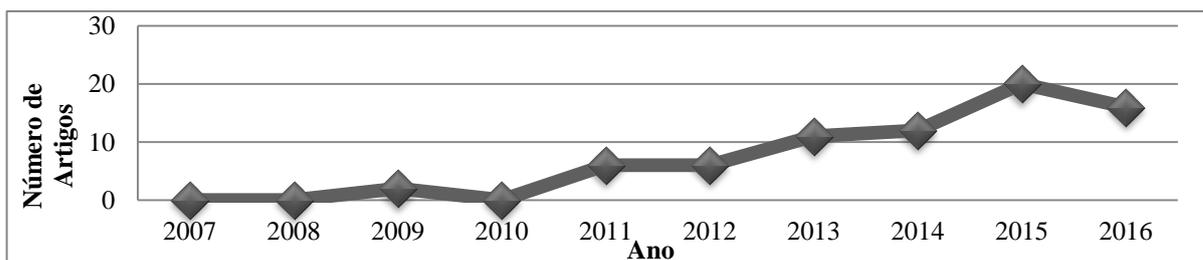
Temas de entrada (<i>topics</i>)				Saída (Resultados)
Mobile	Social	Networking	Sites	Tópico: (mobile) AND Tópico: (social) AND Tópico: (networking) AND Tópico: (sites) Refinado por: Tipos de documento: (ARTICLE) AND Áreas de pesquisa: (PSYCHOLOGY OR BUSINESS ECONOMICS OR SOCIAL SCIENCES OTHER TOPICS) Tempo estipulado: 2007-2016. Índices: SCI-EXPANDED, SSCI, A&HCI, CPCI-S, CPCI-SSH, ESCI.

Fonte: Web of Science (2017).

Partindo-se da análise do número de artigos das áreas, evidenciou-se que a maioria, 37 artigos (49,33%), pertenciam à área “Psychology”, 27 (36,00%) à área “Business and Economics” e 15 artigos (20,00%) à área de “Social Sciences Other Topics”. Ressalta-se que ultrapassa os 75 artigos, pois alguns artigos encontram-se inseridos em mais de uma área.

Em termos de evolução dos artigos científicos das áreas de interesse analisados, evidenciou-se que nos últimos anos houve um aumento crescente das publicações. A primeira publicação foi em 2009, com 2 artigos (2,67%), em 2010 não há publicações registradas, nos anos de 2011 e 2012, foram publicados, em ambos, 6 artigos (8,00%), 2013 apresentou 11 artigos (14,67%), em 2014 foram registrados 12 artigos (16,00%), em 2015, houve o maior número de publicações, com 20 artigos (26,67%) e no ano de 2016 foram publicados 16 artigos (21,33%). Esses dados são expostos no Gráfico 1.

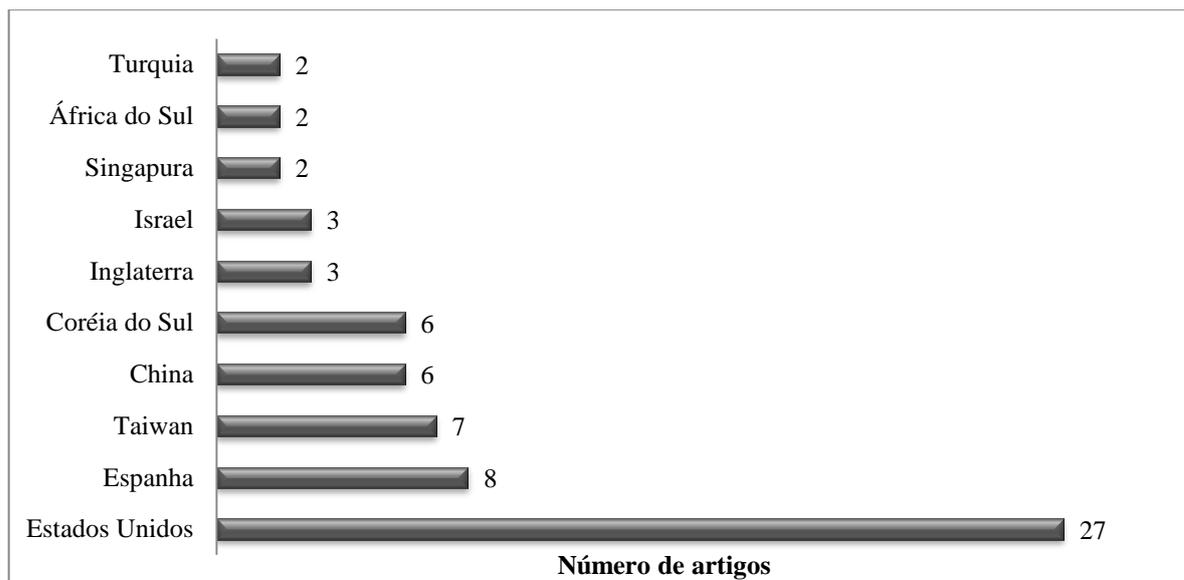
Gráfico 1 – Evolução das publicações



Fonte: Web of Science (2017).

Com relação aos dez principais países e territórios onde as pesquisas sobre aplicativos de redes sociais foram publicadas nas áreas específicas, observa-se uma predominância dos Estados Unidos com 27 artigos, representando 36,00% das publicações encontradas. Na sequência aparece a Espanha com 8 artigos, o que representa 10,67% das publicações. Taiwan apresenta 7 artigos, revelando 9,33% das publicações, após a China e a Coreia do Sul apresentam 6 artigos publicados, atingindo 8,00% das pesquisas, Inglaterra e Israel surgem na sequência, com 3 artigos publicados sobre o tema em cada um desses países, o que revela 4,00% das pesquisas, e por fim têm-se os países Singapura, África do Sul e Turquia, ambos com 2 artigos sobre aplicativos de redes sociais, representando 2,67% das pesquisas. Esses dados podem ser observados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – País/Território das publicações



Fonte: Web of Science (2017).

Referente aos periódicos internacionais que mais publicam sobre aplicativos de redes sociais, o periódico *Computers in Human Behavior* apresenta o maior número de publicações, com 18 artigos publicados (24,00%), na sequência o periódico *Cyberpsychology Behavior and Social Networking* com 7 publicações (9,33%), após o periódico *Internet Research* com 4 artigos (5,33%), e por fim, os periódicos *International Journal of Electronic Commerce*, *Prisma Social* e *Social Science Computer Review* apresentam 2 (2,67%) artigos publicados sobre o tema. Esses resultados são expostos no Quadro 2.

Quadro 2 – Periódicos internacionais que mais publicam

Periódicos	Números de artigos	Percentual (de 75)
Computers in Human Behavior	18	24,00%
Cyberpsychology Behavior and Social Networking	7	9,33%
Internet Research	4	5,33%
International Journal of Electronic Commerce	2	2,67%
Prisma Social	2	2,67%
Social Science Computer Review	2	2,67%

Fonte: Web of Science (2017).

Para identificar os principais autores sobre a temática, utilizou-se o critério do número de publicações, sem entrar no mérito de qualidade das publicações (número de citações). Os autores que mais publicaram, ambos com 2 artigos, assim cada autor representando 2,67% das publicações, foram: Melissa A. Cyders (CYDERS, M. A.); Allyson L. Dyr (DIR, A. L.); Shintaro Okazaki (OKAZAKI, S.) e Michael A. Stefanone (STEFANONE, M. A.).

Um critério utilizado para classificar pesquisas e temáticas é o cálculo do índice h-index ou o índice h-b, uma extensão do h-index (BANKS, 2006). Para Banks (2006), esse índice é obtido através do número de citações de um tópico ou combinação de tópicos, em dado período, sendo encontrado em publicações que tenham obtido um número de citações igual ou maior à sua posição no ranking.

Para Banks (2006), outro critério de análise é o índice m, obtido através da divisão do índice h-b pelo período de anos que se deseja obter informações. O resultado deste índice é interpretado da seguinte forma: quando $0 < m \leq 0,5$ o tópico/combinação pode ser de interesse em uma área específica, onde o campo engloba uma comunidade pequena; quando $0,5 < m < 2$, o tópico/combinação pode ser um *hot topic* como área de pesquisa, onde a comunidade é grande ou tópico/combinação apresenta características muito interessantes; e quando $m \geq 2$ o tópico/combinação é exclusivo, onde as pesquisas tem um amplo alcance, indo além da sua área. O índice h-index encontrado foi 14 e o cálculo do índice m resultou 1,4, apontando que as pesquisas sobre aplicativos de redes sociais podem ser um *hot topic* como área de pesquisa.

Com relação à qualidade das publicações, foram identificados os 10 artigos mais citados sobre a temática, os quais são expostos no Quadro 3 e discutidos na sequência.

Quadro 3 – Artigos mais citados

Autores	Título	Periódico	Número de citações e média por ano
MANAGO, A. M.; TAYLOR, T.; GREENFIELD, P. M.	Me and My 400 Friends: The Anatomy of College Students' Facebook Networks, Their Communication Patterns, and Well-Being	Developmental Psychology , v. 48, n. 2, p. 369 -380, 2012	Citações: 106 Média: 17,67
SALEHAN, M.; NEGAHBAN, A.	Social networking on smartphones: When mobile phones become addictive	Computers in Human Behavior , v. 29, p. 2632-2639, 2013	Citações: 56 Média: 11,20
WINER, R. S.	New Communications Approaches in Marketing: Issues and Research Directions	Journal of Interactive Marketing , v. 23, p. 108-117, 2009	Citações: 53 Média: 5,89
KAPLAN, A. M.	If you love something, let it go mobile: Mobile marketing and mobile social media 4x4	Business Horizons , v. 55, p. 129-139, 2009	Citações: 50 Média: 8,33
PAGANI, M.; HOFACKER, C. F.; GOLDSMITH, R. E.	The Influence of Personality on Active and Passive Use of Social Networking Sites	Psychology & Marketing , v. 28, n. 5, p. 441-456, 2011	Citações: 47 Média: 6,71
ZHAO, L.; LU, Y.; GUPTA, S.	Disclosure Intention of Location-Related Information in Location-Based Social Network Services	International Journal of Electronic Commerce , v. 16, n. 4, p. 53-89, 2012	Citações: 44 Média: 4,33
BULL, S. S.; BRESLIN, L. T.; WRIGHT, E. E.; BLACK, S. R.; LEVINE, D.; SANTELLI, J. S.	Case Study: An Ethics Case Study of HIV Prevention Research on Facebook: The Just/Us Study	Journal of Pediatric Psychology , v. 36, n. 10, p. 1082-1092, 2011	Citações: 39 Média: 5,57
CHATTERJEE, P.	Drivers of new product recommending and referral behaviour on social network sites	International Journal of Advertising , v. 30, n. 1, p. 77-101, 2015	Citações: 32 Média: 4,57
LIEN, C. H.; CAO, Y.	Examining We Chat users' motivations, trust, attitudes, and positive word-of-mouth: Evidence from China	Computers in Human Behavior , v. 41, p. 104-111, 2014	Citações: 22 Média: 5,50
ZHOU, T.; LI, H.	Understanding mobile SNS continuance usage in China from the perspectives of social influence and privacy concern	Computers in Human Behavior , v. 37, p. 283-289, 2014	Citações: 22 Média: 5,50

Fonte: Web of Science (2017).

O artigo mais citado, intitulado “Me and My 400 Friends: The Anatomy of College Students' Facebook Networks, Their Communication Patterns, and Well-Being” de Manago, Taylor e Greenfield (2012) foi realizado com 88 estudantes da Universidade da Califórnia. Os estudantes responderam sobre seus relacionamentos através de uma amostragem sistemática de 20 dos seus contatos no Facebook. Os resultados confirmaram que o Facebook facilita as redes sociais expansivas que crescem desproporcionalmente através de tipos distantes de relacionamento (conhecimentos e conexões de atividade), enquanto também expande o

número de relacionamentos próximos e relações mais estranhas, embora em taxas mais lentas. Além disso, os resultados obtidos enfatizaram a importância psicológica da audiência do Facebook, revelando que jovens com maiores números de amigos, apresentam autoestima mais elevada.

O segundo artigo, “Social networking on smartphones: When mobile phones become addictive” (SALEHAN; NEGAHBAN, 2013) investigou como a intensidade de uso dos aplicativos e o tamanho da rede de conexões (número de pessoas conectadas a rede social) pode estar associada a dependência móvel. Para isso, os autores realizaram uma pesquisa quantitativa, com aplicação de 214 questionários (209 válidos) junto a estudantes de uma universidade do noroeste dos Estados Unidos, por meio da adaptação de pesquisas prévias (ELLISON et al., 2007; NEGAHBAN, 2012). O estudo confirmou que intensidade de uso e o tamanho da rede de conexões são preditores da dependência móvel, ressaltando a recente advertência sobre os efeitos associados ao uso excessivo, chamando a atenção de universitários, governos e organizações sem fins lucrativos para a tendência de uso excessivo desses aplicativos.

O terceiro artigo mais citado, “New Communications Approaches in Marketing: Issues and Research Directions” de Winer (2009) descreveu os tipos de novas mídias que as empresas estão usando para envolver os clientes e os desafios que essas mídias apresentam da perspectiva do gerente de marketing. Além disso, a pesquisa apontou algumas oportunidades oferecidas por esses meios e onde acadêmicos de marketing podem fazer as maiores contribuições. Assim, o autor elencou diversos tópicos que merecem atenção das pesquisas acadêmicas, que podem ser utilizadas pela gerência de marketing, como: utilização da internet, estratégias de comunicação, impacto das redes sociais no patrimônio da marca, impacto do mundo virtual nos comportamentos dos consumidores, dentre outros.

Kaplan (2012), no quarto artigo mais citado “If you love something, let it go mobile: Mobile marketing and mobile social media 4x4” buscou fornecer uma introdução ao tópico geral de marketing e mídia social móvel. Desse modo, o autor discutiu como as empresas podem fazer uso de mídia para pesquisa de marketing, comunicação, promoções, descontos de vendas e desenvolvimento de relacionamento e programas de fidelidade. Para isso, o autor apresentou quatro “conselhos” para o uso de mídia social móvel, que denominou de os “Quatro I's” de mídias sociais móveis: *individualize, integrate, initiate and involve*, ou seja, individualizar, integrar os acessos, criação de conteúdos pelos usuários e envolver o usuário.

No quinto artigo, “The Influence of Personality on Active and Passive Use of Social Networking Sites” (PAGANI; HOFACKER; GOLDSMITH, 2011), os autores buscaram a compreensão de atributos psicológicos e as interações sociais dos participantes. Para isso, realizaram uma pesquisa sobre a importância de dois traços de personalidade (inovação e expressividade) no uso ativo (usuários mais voltados à criação de conteúdos) e passivo (usuário mais voltado a consumir os conteúdos) das redes sociais entre consumidores italianos. Desse modo, os autores realizaram dois estudos, ambos com a aplicação de questionários. No Estudo 1, com 753 respondentes foi encontrado que a inovação está positivamente relacionada com o uso ativo e passivo das redes sociais. O Estudo 2, com 277 respondentes revelou que a expressividade de auto identidade e expressividade da identidade social influenciam positivamente apenas no uso passivo. Estes resultados sugerem que os gerentes precisam distinguir o uso ativo do uso passivo das redes sociais, podendo aumentar o impacto de suas redes sociais.

Em “Disclosure Intention of Location-Related Information in Location-Based Social Network Services”, Zhao, Lu e Gupta (2012) construíram um modelo de cálculo para investigar os fatores que influenciam a intenção dos usuários sobre os serviços de rede social referentes as postagens contendo sua localização (*checkins*). Além disso, os autores aplicaram a teoria da justiça no papel das abordagens de intervenção de privacidade usadas pelos sites de serviços de localização na percepção de justiça por parte dos utilizadores, incluindo a oferta de incentivos, a promoção de controle e política de privacidade. A coleta de dados realizou-se por questionário on-line na China, obtendo 368 respostas. Dentre os resultados obtidos, o custo percebido (preocupações de privacidade dos usuários) e benefícios percebidos (personalização e conectividade) influenciam a intenção de divulgar informações relacionadas à localização. Enquanto isso, o fornecimento de incentivos promove a interação, aprimorando a personalização e conexão, sendo que as políticas de privacidade ajudam a reduzir as preocupações com privacidade.

O sétimo artigo com maior número de citações, “Case Study: An Ethics Case Study of HIV Prevention Research on Facebook: The Just/Us Study” de Bull et al. (2011), foi realizado com 1.588 participantes em um ensaio controlado, com o intuito de testar a eficácia da educação sobre prevenção ao HIV na rede social Facebook. Desse modo, os autores apontaram que os pesquisadores devem: levar em consideração se o site de rede social on-line será o local apropriado para implementar o estudo de pesquisa, revisar os documentos de consentimento do estudo, e coletar dados fora do site de rede social e armazená-los em

firewalls seguros, garantindo que os dados não estarão acessíveis a qualquer pessoa no site de redes sociais.

A pesquisa de Chatterjee (2011) denominada “Drivers of new product recommending and referral behaviour on social network sites” examinou o papel da atividade de um influenciador em um site de rede social (tamanho da rede, duração da associação, compartilhamento de mensagens), fonte da mensagem da marca (marketing-gerado pela marca versus gerado pelo membro) e tipo de receptor (membro da rede social versus não-membro) sobre a decisão de um influenciador de recomendar uma nova marca e decisão de fazer uma visita de referência. Os resultados revelaram que as mensagens de marca geradas pelo consumidor são significativamente mais propensas a serem recomendadas, mas não são significativamente mais propensas a gerar referências.

O nono artigo mais citado “Examining We Chat users' motivations, trust, attitudes, and positive word-of-mouth: Evidence from China” (LIEN; CAO, 2014) objetivou examinar os efeitos da psicologia (entretenimento, socialidade e informação) na confiança e nas atitudes dos usuários da rede WeChat (importante plataforma de mídia social na China), e avaliar a influência das atitudes dos usuários e sua confiança no boca-a-boca positivo dessa rede social. Para isso, realizou-se uma pesquisa com dados coletados aleatoriamente, resultando em 264 observações. Os resultados confirmam os efeitos do caminho que mostram que entretenimento, socialidade, informações e confiança influenciam positivamente as atitudes e confiança dos usuários.

Por fim, o décimo artigo “Understanding mobile SNS continuance usage in China from the perspectives of social influence and privacy concern” de Zhou e Li (2014) examinou a continuidade do uso do SNS móvel na China, integrando as perspectivas de influência social e privacidade. A coleta de dados realizou-se através de questionários, com 330 universitários chineses. Os resultados revelaram que as perspectivas de influencia social - conformidade, identificação e internalização – e preocupação com a privacidade exercem efeitos significativos no uso da continuidade. Além disso, os resultados sugeriram que as prestadoras de serviços devem levar em consideração questões de influência social e preocupação com a privacidade para incentivar a continuidade de uso das redes sociais online.

Portanto, com base na apresentação dos 10 artigos mais citados, pôde-se verificar que diversos pontos sobre as redes sociais online foram pesquisados, como aspectos psicológicos e sociais na utilização dessas redes; mídia e marketing móvel e mensagens entre marca e consumidores; políticas de privacidade e serviços oferecidos pelos sites, como serviços de

localização. Sobre as metodologias de pesquisa entre os 10 artigos mais citados, destacou-se a pesquisa *survey*, através da aplicação de questionários, sendo que 5 artigos (50,0%) utilizaram essa técnica.

Dentre esses artigos mais citados, apenas a pesquisa de Salehan e Negahban (2013) investigou sobre aspectos negativos relacionados a uso excessivo dessas redes, pesquisando se a intensidade de uso dos aplicativos e o tamanho da rede de conexões pode estar associada a dependência móvel. Os autores ressaltaram a sua contribuição teórica aos estudos do lado negativo do uso das redes sociais, ao passo em que afirmam ser uma das primeiras pesquisas nesta linha de investigação. Desse modo, esses autores apontaram uma lacuna teórica, sugerindo novas pesquisas sobre aspectos negativos das redes sociais, principalmente entre o público jovem.

Além disso, foram encontrados artigos recentes que não se enquadravam dentre os mais citados, mas que exploraram sobre aspectos negativos do uso das redes sociais virtuais. Dentre essas pesquisas, o estudo de Kwon et al. (2016) explorou as vulnerabilidades digitais impulsionadas pela dependência de consumo de aplicativos sociais móveis através de dados secundários fornecidos por uma empresa especializada em medição de audiência na Internet e na Internet móvel. Os pesquisadores evidenciaram que a noção de vício racional indica que os usuários estão no controle de seus pensamentos e ações quando confrontados com decisões de consumo. Assim, os autores trazem que os pesquisadores que estudam dependência digital devem usar dados de nível individual para entender as diferenças estruturais na capacidade dos indivíduos para exercer o autocontrole e gerenciar racionalmente o consumo deles, apontando a importância de pesquisas realizadas diretamente com os usuários dos aplicativos, não apenas através de dados secundários.

Burnell e Kuther (2016) pesquisaram sobre os preditores sociais e psicológicos dos sites de redes sociais e sobre a sua dependência entre adultos e jovens. A análise revelou que a dependência dos sites mediou o relacionamento de comparação social e impulsividade na dependência do celular e a impulsividade também mostrou links diretos para a dependência do celular. Os resultados sugeriram que os indivíduos com uma forte orientação para a comparação social, que percebem um forte senso de apoio através de redes ou que demonstram dificuldades com a auto regulação podem estar em risco de dependência. Em conclusão, o estudo ofereceu várias contribuições para a compreensão da dependência de aplicativos de redes sociais, sendo que adultos jovens relatam níveis semelhantes de dependência. Assim, os autores revelaram que se torna necessário novas pesquisas para

possibilitar a compreensão de como os padrões de interações nos sites de redes sociais influenciam o senso de suporte dos usuários e como o suporte, juntamente com tendências para a comparação social, relaciona-se ao uso problemático dessas redes.

Além disso, através da pesquisa bibliométrica realizada foi encontrado o artigo com o modelo teórico utilizado para a construção da atual pesquisa, ou seja, o artigo de Zheng e Lee (2016). Portanto, indo ao encontro do atual estudo, a pesquisa bibliométrica realizada apontou um campo de pesquisa a ser explorado, para evidenciar e mensurar os aspectos negativos que podem resultar do uso e acesso as redes sociais, principalmente entre o público jovem que está mais exposto ao acesso das tecnologias das redes sociais (SALEHAN; NEGAHBAN, 2013; ZHENG; LEE, 2016).

Na sequência é apresentado o estado da arte das pesquisas sobre redes sociais no contexto brasileiro.

2.1.2 Estado da arte no Brasil

Para verificar o panorama das pesquisas brasileiras acerca de aplicativos de redes sociais, foram utilizados procedimentos diferentes para a coleta de dados, visto que poucos periódicos nacionais estão indexados à plataforma WOS. Portanto, a pesquisa bibliométrica nacional foi desenvolvida em duas etapas: coleta de dados nos Anais dos Eventos da ANPAD e pesquisa na Scielo, utilizando-se como filtro os estudos publicados em coleções brasileiras.

A escolha desse universo foi intencional, pois, de acordo com Araújo, Mottin e Rezende (2013), a ANPAD engloba hoje os maiores eventos da comunidade científica e acadêmica de administração do Brasil. Além disso, possui o evento brasileiro mais qualificado, o Encontro da ANPAD (EnANPAD), evento científico internacional. A utilização da base Scielo justifica-se, pois estão presentes as revistas científicas mais renomadas no Brasil e com as maiores classificações no sistema Qualis CAPES.

Dessa forma, partindo de pesquisas preliminares, optou-se em realizar a coleta de dados dos artigos nas bases da ANPAD através da busca pelo termo “redes sociais”. Assim sendo, utilizaram-se os seguintes procedimentos: uma análise geral em busca em todos os eventos da ANPAD com o termo; análise dos títulos e resumos dos artigos para expor os principais aspectos encontrados nas pesquisas, bem como a exposição de artigos que abordaram especificamente o uso de redes sociais virtuais; por fim, são apresentados os anos e eventos das publicações encontradas.

Portanto, na busca pelo termo “redes sociais” foram encontrados 76 artigos (Apêndice B) nos Anais dos Eventos da ANPAD, considerando a última década (2007 a 2016). Com base na análise preliminar dos artigos encontrados, verificou-se que versaram sobre diversas perspectivas relacionadas as redes sociais.

Os principais assuntos verificados na leitura foram: redes sociais informais ou virtuais e as dinâmicas organizacionais (relações de trabalho, cooperação, mudança, aprendizagem, conhecimento, etc.) nas organizações; uso das redes sociais virtuais para formação e engajamento em movimentos e ações coletivas e/ou sociais; pesquisas bibliométricas envolvendo redes sociais ou juntamente com outros termos de pesquisa (inovação, capital social, estratégia, etc.), bem como bibliometrias buscando a rede social entre os autores da temática; relação entre redes sociais, empresas e consumidores; e técnica de Análise das Redes Sociais (ARS) para mapear a rede de conexões e relacionamentos dos indivíduos.

Além disso, foi encontrado o levantamento bibliográfico realizado por Visentini, Bobsin e Chagas (2015), publicado no V Encontro de Administração da Informação (EnADI). No levantamento, as autoras pesquisaram os artigos publicados nos últimos 10 anos (2005-2014) nos anais do EnANPAD, EnADI e do Encontro da Divisão de Marketing da ANPAD (EMA). Dos 37 artigos selecionados no levantamento, as autoras verificaram que:

- A maioria caracterizou-se como pesquisa empírica, com equilíbrio entre os trabalhos de cunho qualitativo e quantitativo;
- Predominância de pesquisa descritiva, destacando uso de *survey* e estudos de caso;
- Ampla utilização de questionários virtuais para a coleta de dados, indicando uma tendência nas publicações da área;
- Entre as técnicas de análise, destacam-se a análise do discurso e do conteúdo nas pesquisas qualitativas e estatísticas multivariadas nos estudos quantitativos;
- A rede social virtual mais estudada nos artigos foi o Facebook;
- Sobre as teorias de base, destacaram-se a Teoria da Absorção Cognitiva, a Teoria do Capital Social, a Teoria da Estruturação e modelos de aceitação da tecnologia (TAM, PAM, UTAUT).

Desse modo, na atual pesquisa bibliométrica após a leitura dos artigos, foram selecionados nove artigos que versaram sobre a temática do atual estudo, expostos no Quadro 4.. O critério utilizado para selecionar os respectivos artigos baseou-se na leitura dos seus resumos, com o intuito de verificar se a pesquisa englobou a temática de redes sociais online.

Quadro 4 – Artigos publicados na ANPAD sobre uso de redes sociais virtuais

Autores	Título	Evento/Ano	Divisão/Tema de interesse
SILVA, D. J. C da; RANCIARO NETO, A.; ANJOS, L. C. M dos; MIRANDA, L. C.	Redes Sociais e o Desempenho Acadêmico: Um Estudo com Alunos de Contabilidade	XXXVI EnANPAD, 2012	Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade/ O Processo de Ensino na Administração e na Contabilidade
ALMEIDA, R. X. E. de; FERREIRA, S. B. L.; SILVEIRA, D. S. da; PIMENTEL, M.; GOLDBACH, R.; BESSA, A. T.	Heurísticas de Usabilidade Orientadas às Redes Sociais	EnADI 2013	Desenvolvimento de Sistemas de Informação
AMARAL, H. G.; TESTA, M. G.; LUCIANO, E. M.	A Formação de Capital Social Através de Redes Sociais na Internet: um Estudo Entre Estudantes Universitários	XXXVII EnANPAD, 2013	Administração da Informação/ Aspectos Sociais, Culturais e Comportamentais dos Sistemas de Informação (SI)
STEFANAN, A. A.; ALMEIDA, D. M. DE; LOPES, L. F. D.	Motivações de Estudantes acerca de Redes Sociais Virtuais	XXXVII ENANPAD, 2014	Administração da Informação Aspectos Sociais, Culturais e Comportamentais dos Sistemas de Informação (SI)
RINKER, C. M. da R.; BESSI, V. G.	A Utilização de Redes Sociais no Ambiente de Trabalho: a Visão de Gestores e Usuários	XXXIX EnANPAD, 2015	Administração da Informação/ Aspectos Individuais e de Grupo no uso de Sistemas de Informação (TI/SI)
VISENTINI, M. S.; CHAGAS, F. B.; RADONS, D. L.	Proposição e Validação de Instrumento para Mensurar os Fatores Motivadores do Comportamento de Uso das Redes Sociais Virtuais	XXXIX EnANPAD, 2015	Administração da Informação/ Aspectos Individuais e de Grupo no uso de Sistemas de Informação (TI/SI)
FERRETTI, A. S. Z.; ARAÚJO, B. F. V. B. de	Comportamentos nas Redes Sociais Online e Seus Impactos nas Relações Profissionais	XXXIX EnANPAD, 2015	Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho/ Trabalho, Gestão e Subjetividade
CARNEIRO, M. G.; CHIMENTI, P. G. P. de S.; NOGUEIRA, R.; RODRIGUES, M. A. de S.	Como não Morrer de Sucesso? O Conceito de Rede Suja e o Desafio das Redes Sociais	EMA 2016	Divisão de Marketing/ Inovação, Tecnologia e Interatividade

Fonte: ANPAD (2017).

Silva et al. (2012) na pesquisa “Redes Sociais e o Desempenho Acadêmico: Um Estudo com Alunos de Contabilidade” objetivaram investigar se o uso de redes sociais poderia estar relacionado ao desempenho acadêmico de 105 estudantes de graduação em contabilidade. Com base no modelo proposto por Kirschner e Karpinski (2010), os autores elaboraram uma pesquisa *survey*. Por meio de análises quantitativas (estatística descritiva e MANOVA) e qualitativas (análise das respostas abertas), os resultados mostraram que não há

como afirmar, com base na amostra analisada e com o nível de significância adotado, que o uso de redes sociais impacta o desempenho acadêmico dos estudantes. Desse modo, dentre as limitações da pesquisa os autores trazem que a relação entre Redes Sociais/Tecnologia e desempenho acadêmico permanece em grande parte sem resposta.

No artigo “Heurísticas de Usabilidade Orientadas às Redes Sociais”, Almeida et al. (2013) buscaram explorar e classificar os problemas encontrados na interação com o Facebook, para avaliar as heurísticas de usabilidade (*feedback*, clareza, consistência, etc.) já existentes. O questionário foi disponibilizado no Google Docs, além disso, os usuários foram entrevistados via bate papo. Após a análise das entrevistas e, posteriormente o agrupamento dos conteúdos relevantes, as classes de problemas foram selecionadas e ordenadas, possibilitando correlação e comparação com as heurísticas de mundos virtuais, chegando à formulação da proposta de heurísticas para as redes sociais. Com isso, os autores verificaram a necessidade de adequação das heurísticas já existentes ao contexto das redes sociais.

Amaral, Testa e Luciano (2013), na pesquisa “A Formação De Capital Social Através De Redes Sociais Na Internet: Um Estudo Entre Estudantes Universitários”, procuraram identificar a formação de capital social - um conceito que pode auxiliar na mensuração das vantagens obtidas pela presença e participação em uma rede social na internet - em redes sociais na internet entre estudantes de uma universidade de grande porte. Para isso, os autores realizaram uma pesquisa *survey* com 258 estudantes, baseado nos modelos de Ellison et al. (2007) e Williams (2006). Os resultados indicam que os estudantes acreditam que as pessoas que mais acessam seus perfis de redes sociais referem-se aos seus colegas de aula, amigos e familiares. Além disso, os autores evidenciaram que as redes sociais na Internet auxiliam na formação do capital social conector (ligado aos laços fracos, ou seja, muitos contatos, porém com relações não muito intensas) e do capital social fortalecedor (acontece geralmente entre laços fortes de indivíduos) dos estudantes.

A pesquisa “Motivações de Estudantes acerca de Redes Sociais Virtuais”, de Stefanan, Almeida e Lopes (2014), apresentou a investigação sobre as motivações subjacentes dos estudantes para engajar-se em redes sociais virtuais. Para isso, os autores aplicaram o questionário proposto por Shin (2010), baseado no modelo TAM de Davis (1989), com 191 estudantes de graduação ou pós-graduação, de forma *online* na plataforma *Google Docs* e também impressos. Com base nos resultados, os autores constataram a predominância da rede social Facebook, e outras redes sociais virtuais mais citadas foram Twitter, Instagram, LinkedIn, Skype e Orkut. Além disso, os resultados encontrados sugerem como principal

motivação dos estudantes a diversão percebida, seguida da utilidade percebida, fortemente influenciada pelos sentimentos de conectividade percebida.

No artigo “A Utilização de Redes Sociais no Ambiente de Trabalho: a Visão de Gestores e Usuários” os autores Rinker e Bessi (2015) buscaram identificar como o emprego das redes virtuais podem afetar o dia a dia de uma empresa e o desempenho dos funcionários. Para isto, realizou-se uma pesquisa *survey* aplicada com 779 alunos (191 gestores e 588 usuários de redes sociais) de uma Instituição de Ensino Superior em Novo Hamburgo/RS. Os resultados da pesquisa revelam que gestores e usuários não percebem o uso frequente das redes sociais como algo corriqueiro, durante a jornada de trabalho, e assim o uso das redes sociais virtuais não está trazendo reflexos negativos no desempenho do usuário. Além disso, os usuários de redes sociais avaliaram seu acesso de forma não frequente, ocorrendo poucas vezes durante a jornada de trabalho.

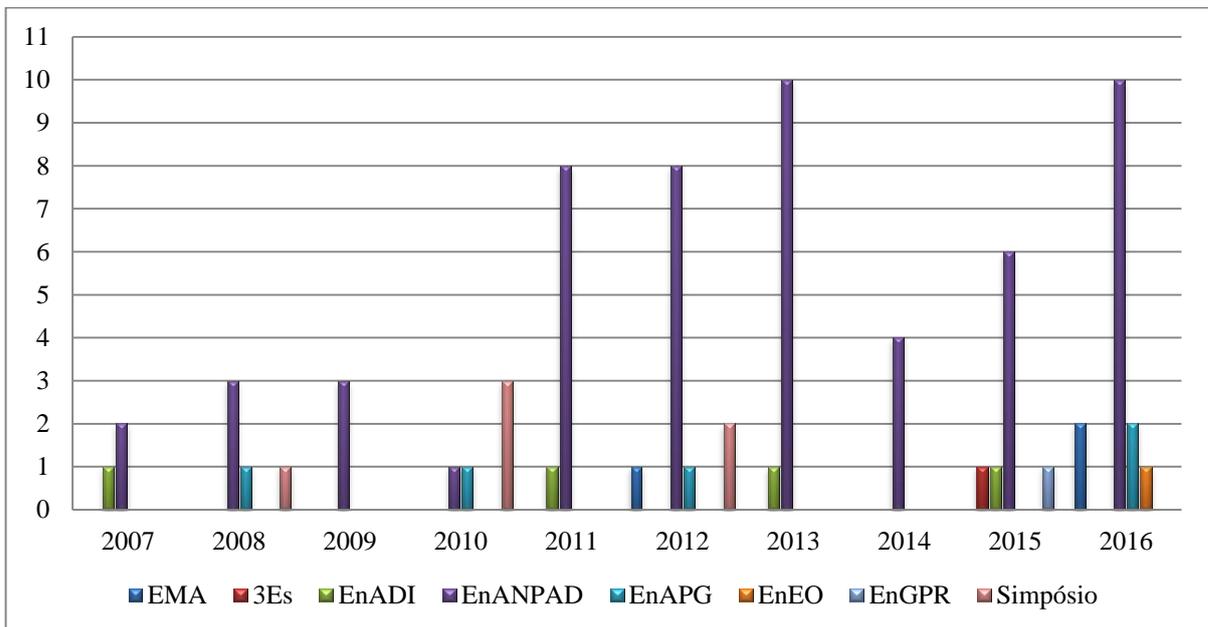
Ferretti e Araujo (2015) na pesquisa “Comportamentos nas Redes Sociais Online e Seus Impactos nas Relações Profissionais” testaram empiricamente o modelo desenvolvido por Ollier-Malaterre et al. (2013), para verificar quais os impactos dos comportamentos de indivíduos nas redes sociais online nas relações profissionais. Para isso, os pesquisadores realizaram a coleta a partir de experimento, em que os participantes responderam a uma escala, para identificar quais os impactos dos comportamentos de indivíduos nas redes sociais online nas relações profissionais. Os resultados mostram o quanto mudou o contexto de interação social, a partir da utilização das mídias eletrônicas. Assim, os autores afirmam que se não forem bem gerenciados, os comportamentos adotados nas podem afetar a credibilidade da carreira profissional ou a relação de proximidade e amizade entre os grupos que faz parte.

Na pesquisa “Proposição e Validação de Instrumento para Mensurar os Fatores Motivadores do Comportamento de Uso das Redes Sociais Virtuais”, Visentini, Chagas e Radons (2015) objetivaram desenvolver e validar um instrumento para mensurar, no contexto nacional, quais os fatores motivadores do comportamento de uso das redes sociais virtuais. Assim, as autoras utilizaram diferentes estratégias metodológicas - etapa qualitativa que consistiu na realização de amplo levantamento da bibliografia nacional e internacional sobre os fatores influenciadores do uso das redes sociais virtuais e etapa quantitativa na aplicação do instrumento. Após a aplicação, realizou-se a validação estatística do instrumento, através da verificação da sua validade e confiabilidade, onde foram encontrados cinco fatores que explicam o uso das redes sociais virtuais (Facilidade de Uso, Entretenimento, Imersão Focada, Utilidade no Trabalho e Utilidade Informacional), além do fator Comportamento de Uso.

Carneiro et al. (2016), no artigo “Como não Morrer de Sucesso? O Conceito de Rede Suja e o Desafio das Redes Sociais” objetivaram identificar os fatores que influenciam o crescimento ou declínio das redes sociais online. Desse modo, os autores realizaram sete sessões de focus group com jovens usuários de redes sociais, onde os participantes apontaram tendências de uso das redes e levantaram os principais motivos que levam à diminuição da frequência ou abandono. Assim, os resultados apontaram que se por um lado, a presença de laços fracos, gerada por efeitos de rede, é um ponto importante no processo de crescimento, as mesmas podem gerar, a partir de determinado nível, redes sujas (no que diz respeito ao conteúdo e perfil dos usuários), comprometendo sua relevância e interesse, afastando os usuários iniciais, o que levanta um novo e importante aspecto na teoria de efeitos de rede.

Sobre os eventos e anos das publicações dos artigos dos Anais dos Eventos da ANPAD, verificou-se que em 2007 foram publicados 3 artigos, sendo 2 no EnANPAD e 1 no EnADI; no ano de 2008, 3 artigos foram apresentados no EnANPAD, 1 no Encontro de Administração Pública da ANPAD (EnAPG) e 1 no Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica; em 2009, 3 artigos foram apresentados no EnANPAD; no ano de 2010, foram encontrados 5 artigos, sendo 3 no Simpósio, 1 no EnANPAD e 1 no EnAPG; no ano de 2011 o EnANPAD contou com 8 artigos sobre redes sociais, e o EnADI com 1 artigo; em 2012 também foram apresentados 8 artigos no EnANPAD, além de 1 no EMA e também no EnAPG, bem como 2 artigos no Simpósio; em 2013, foram publicados 10 artigos no EnANPAD e 1 no EnADI; já em 2014 o EnANPAD teve 4 artigos sobre o tema; em 2015, 6 artigos no EnANPAD, 1 no Encontro de Estudos em Estratégia (3Es), no EnADI e no Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho (EnGPR); por fim, em 2016, 10 artigos foram apresentados no EnANPAD, 2 no EMA e no EnAPG e 1 no Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO). Esses dados são expostos no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Artigos publicados nos eventos da ANPAD



Fonte: ANPAD (2017).

Desse modo, com base na pesquisa nos Anais dos Eventos da ANPAD, destaca-se que o EnANPAD foi o evento com maior número de pesquisas sobre redes sociais, com 55 artigos, destacando a área de Administração da Informação. Na sequência, o Simpósio contou com 6 artigos apresentados sobre o tema, após o EnAPG teve 5 artigos publicados, no EnADI foram encontrados 4 artigos, no EMA foram publicados 3 artigos, e apenas 1 artigo nos encontros 3Es, EnGPR e EnEO. Contudo, o número de publicações sobre consequências negativas e uso excessivo de redes sociais virtuais demonstrou-se pequena, contando com apenas alguns estudos que versaram sobre o impacto no desempenho de alunos e também nas relações de trabalho, o que revela um objeto de estudo a ser explorado em âmbito nacional.

Por fim, realizou-se a busca de artigos na Base Scielo, também com o termo “redes sociais”. A pesquisa foi realizada considerando a última década (2007 a 2016), nas coleções brasileiras das áreas de psicologia, ciências sociais interdisciplinares, administração pública, economia, negócios e finanças. Assim, após a pesquisa, foi realizada uma análise geral dos títulos e resumos dos artigos para expor os principais aspectos encontrados nas pesquisas, bem como a exposição de artigos que abordaram especificamente o uso de redes sociais virtuais; e por fim, são apresentados os periódicos das publicações encontradas.

Desse modo, ao total foram encontrados 74 artigos científicos, cujos autores, títulos e periódicos podem ser visualizados no Apêndice C. A partir da leitura dos artigos, constatou-se

que diversas temáticas foram abordadas, como as relações de redes sociais entre pesquisadores; apoio das redes de relacionamento sociais; redes sociais em movimentos sociais, dentre outros. Por meio da leitura prévia de cada artigo e seus resumos, foram selecionados os 6 artigos que abordaram especificamente sobre pesquisas de uso de redes sociais virtuais. Os artigos são expostos no Quadro 5 e são descritos na sequência.

Quadro 5 – Artigos encontrados na Scielo sobre redes sociais

Autores	Título	Periódico
ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M.	Perspectivas Dos Adolescentes Sobre O Uso Do Facebook: Um Estudo Qualitativo	Psicologia em Estudo , v. 19, n. 3, p. 539-547, jul./set. 2014
NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; MATOS-SILVA, M. S. de	Smartphones E Recursos Locativos No Brasil: Reações De Usuários	Paidéia , v. 24, n. 57, p. 115-123, jan-apr. 2014
SANTOS, F. C.; CYPRIANO, C. P	Produção De Subjetividade Em Blogs E Microblogs	Psicologia & Sociedade ; v. 26, n. 3, p. 685-695, 2014
ARRUDA, M. P. de; PONTES, L. F. de A.; GIRÃO, L. F. de A. P.; LUCENA, W. G. L.	Assimetria Informacional E O Preço Das Ações: Análise Da Utilização Das Redes Sociais Nos Mercados De Capitais Brasileiro E Norte-Americano	R. Cont. Fin. , v. 26, n. 69, p. 317-330, set./out./nov./dez. 2015
ROSA, G. A. M. e; SANTOS, B. R. dos; FALEIROS, V. de P.	Opacidade Das Fronteiras Entre Real E Virtual Na Perspectiva Dos Usuários Do Facebook	Psicol. USP , v. 27, n. 2, May/Aug. 2016
REIS, P. C. S. S. C.; LEITE, A. M. T.; AMORIM, S. M. M.; SOUTO, T. S.	A Solidão Em Utilizadores Portugueses Do Facebook	Psicologia & Sociedade , v. 28, n. 2, p. 237-246, 2016

Fonte: Scielo (2017).

Assunção e Matos (2014) publicaram a pesquisa “Perspectivas dos Adolescentes sobre o Uso do Facebook: um Estudo Qualitativo”, objetivando compreender os posicionamentos de adolescentes quanto ao uso do Facebook, em particular no que se refere às dicotomias público/privado, real/virtual, riscos/benefícios e, ainda, o conceito de amizade. Para isso, os autores realizaram uma pesquisa qualitativa por meio de grupos focalizados, com a participação de vinte adolescentes. Os resultados revelaram que os jovens distinguem entre a dimensão privada e a dimensão pública da utilização da rede social, utilizam essencialmente a rede social para conhecer os acontecimentos das vidas de outros jovens e para comunicar-se com amigos e familiares. Além disso, os jovens consideram mais fácil compartilhar alguns assuntos de forma online ao invés do contato face-a-face.

No artigo “Smartphones e Recursos Locativos no Brasil: Reações de Usuários”, Nicolaci-da-Costa e Matos-Silva (2014) buscaram entender como os usuários reagem à novidade dos serviços de localização das redes sociais. Os autores realizaram uma pesquisa

qualitativa por meio de entrevistas individuais com quinze usuários assíduos de tecnologias digitais, com idades entre 23 e 38 anos. Os resultados revelaram que o compartilhamento da própria localização reforçava medos relacionados à violência e à criminalidade.

Santos e Cypriano (2014) na pesquisa “Produção De Subjetividade Em Blogs E Microblogs” realizaram uma discussão teórica acerca das possibilidades de uso de blogs e microblogs, em especial o Twitter, para identificar as maneiras pelas quais tais redes sociais proporcionam a objetivação de subjetividades dos usuários.

O artigo “Assimetria Informacional e o Preço das Ações: Análise da Utilização das Redes Sociais nos Mercados de Capitais Brasileiro e Norte-americano” (ARRUDA; GIRÃO; LUCENA, 2015) objetivou analisar o modo pelo qual as redes sociais afetam o nível de assimetria informacional e a precificação das ações das companhias abertas brasileiras e estadunidenses. Os resultados apontaram que as redes sociais podem afetar o nível de assimetria informacional nesses mercados, porém os investidores não devem utilizar essa informação para traçar estratégias que gerem melhores retornos.

Rosa, Santos e Faleiros (2016) publicaram o artigo “Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook” para analisar a relação entre o mundo real e o virtual na perspectiva dos jovens usuários da rede social Facebook. Para a consecução do objetivo, os autores realizaram uma pesquisa qualitativa com dez jovens usuários. Pelos resultados evidenciou-se que os indivíduos participantes das redes estão imersos nesse ambiente de produção subjetiva pelo fato de estarem interagindo com outros que se conectam desde localidades distintas e expressam o que sentem, pensam e desejam.

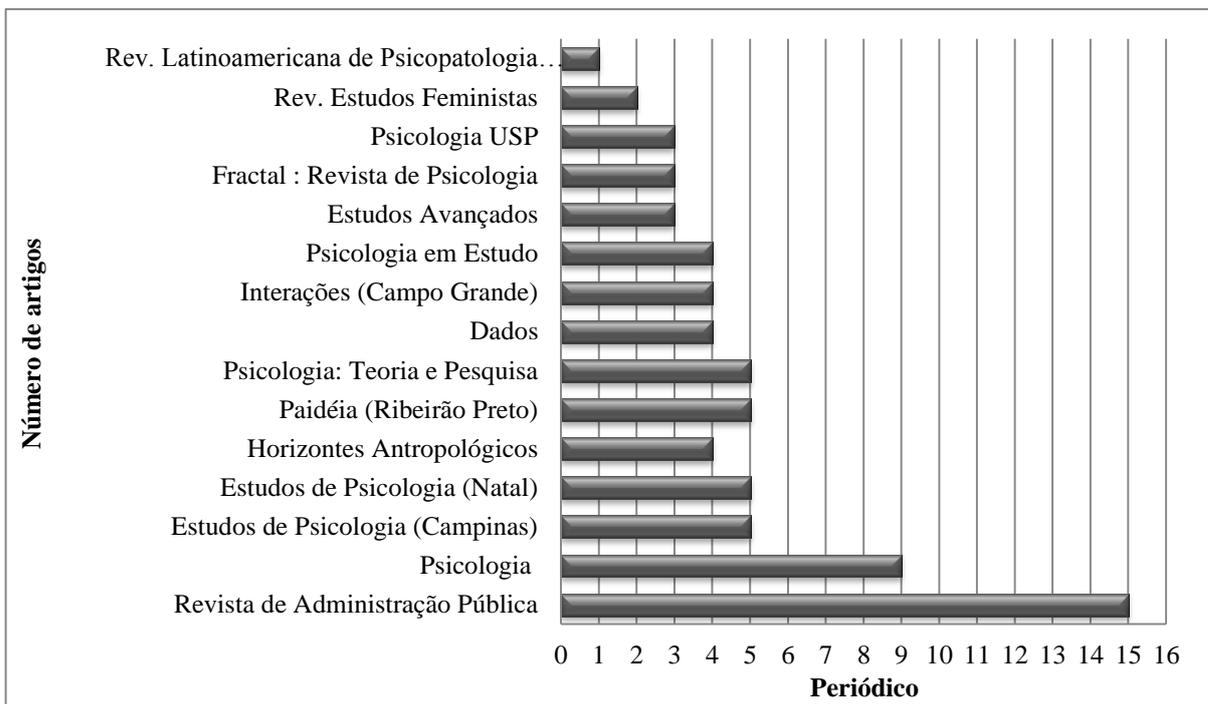
A pesquisa “A solidão em utilizadores Portugueses do Facebook”, de Reis et al. (2016), buscou compreender se o uso do Facebook interfere nas amizades pessoais dos seus utilizadores, contribuindo para que os indivíduos se distanciem uns dos outros, conduzindo ao isolamento e, conseqüentemente, à solidão. Assim, por meio de questionários, a população do estudo formou-se por 201 utilizadores do Facebook, de nacionalidade portuguesa, com mais de 18 anos. Com base nos resultados, os dados apontaram maiores níveis de solidão em usuários que despendem mais tempo no Facebook.

Portanto, entre os 6 artigos apresentados que versaram sobre uso de redes sociais virtuais, apenas as pesquisas de Arruda et al. (2015), Nicolaci-da-Costa e Matos-Silva (2014) e Reis et al. (2016) abordaram sobre algum aspecto negativo de uso, retratando sobre a solidão dos usuários dessas redes e também sobre o medo de compartilhamento de informações de localização nas redes sociais. É possível verificar que o uso excessivo e as

consequências negativas dos aplicativos de redes sociais virtuais revelam-se como temas que podem ser explorados nas pesquisas nacionais.

Sobre os periódicos em que os artigos sobre redes sociais foram encontrados, verificou-se que a Revista de Administração Pública apresentou o maior número de pesquisas, com 15 artigos, na sequência a Revista Psicologia com 9 artigos, Estudos de Psicologia (Campinas) apresentou 5 artigos, bem como os periódicos Estudos de Psicologia (Natal e Campinas), Paidéia (Ribeirão Preto) e Psicologia: Teoria e Pesquisa, 4 artigos foram encontrados respectivamente nos periódicos Horizontes Antropológicos, Dados, Interações (Campo Grande), Psicologia em Estudo e Horizontes; nos periódicos Estudos Avançados, Fractal: Revista de Psicologia e Psicologia USP foram encontrados 3 artigos, a Revista de Estudos Feministas apresentou 2 estudos e a Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental apenas 1 artigo. Esses dados podem ser verificados no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Periódicos nacionais



Fonte: Scielo (2017).

Após a apresentação e discussão do estado da arte sobre as redes sociais nos âmbitos internacional e nacional, são discutidos os aspectos sobre as redes sociais.

2.2 REDES SOCIAIS

Segundo Fialho (2014), um dos primeiros registros sobre o uso do conceito de rede social (*social network*) refere-se às pesquisas de Barnes, em 1954, com o estudo das configurações sociais, ou seja, das relações interpessoais na estrutura social comunitária. Sob a influência da ideia de Radcliffe-Brown sobre teia e redes de relações sociais, Barnes introduziu o conceito de rede social como aquela que envolve todos os membros da sociedade, ou parte deles, na tentativa de caracterizar a estrutura social enquanto rede de relações institucionalmente controladas ou definidas.

Do ponto de vista conceitual, as redes sociais são definidas e classificadas de diversas formas e com diversos critérios, o que torna o tema complexo, consistindo em representações de conjuntos de pessoas ou organizações ligados entre si por laços sociais, como os de amizade ou de trabalho, com interesses e valores compartilhados (MARTELETO, 2001).

Recuero (2011) apresenta a definição de rede social como um conjunto de dois elementos: atores sociais (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Para a autora, em qualquer rede social os atores formam e moldam as estruturas sociais por meio da interação e constituição de laços sociais. Ressalta-se que essas características não diferem muito o ator da rede social virtual do ator da rede social *off-line*, sendo a principal característica do ator da rede social virtual o fato de ele ser uma representação do ator social.

O aumento do uso de ferramentas de comunicação mediadas por tecnologias nas interações sociais foi influenciado pelo advento da World Wide Web (WWW), criada pelo cientista britânico Tim Berns-Lee no início da década de 1990. O uso dessas ferramentas tornou a Internet “viva”, transformando-a em um instrumento de conectividade e colaboração, ficando conhecida como a primeira geração da internet, ou Web 1.0 (ERCILIA; GRAEFF, 2008).

Em meados de 2002, surgiram as redes sociais virtuais, que constituíram a nova geração das redes de relacionamento. Contudo, a consolidação dessas redes deu-se principalmente após o advento da Web 2.0 no ano de 2004, conhecida como segunda geração da Internet (ANDRADE, 2013). De acordo com Primo (2008), a Web 2.0 potencializa as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de possibilitar a ampliação dos espaços para a interação entre os participantes. O autor explica que as redes

sociais são um dos tipos de ferramentas colaborativas da Web 2.0, ou seja, ferramentas que viabilizam maior participação da sociedade no uso e criação da Web.

Além disso, Ribeiro, Leite e Lopes (2014) afirmam que as redes sociais na Internet surgiram da tendência natural do ser humano de se agrupar, da necessidade de interação e comunicação e também do desenvolvimento da informática. Conforme os autores, “as redes sociais são uma das inovações tecnológicas que diariamente ganham mais e mais adeptos, pois tanto o elemento fundamental para a inovação quanto o princípio básico das redes sociais é a interação (2014, p.11)”.

Assim sendo, as tecnologias da informação e comunicação são fundamentais nos processos de comunicação, ao passo que fornecem os meios tecnológicos para a socialização, aproximando os indivíduos e possibilitando o surgimento de novas formas de relações sociais, como as redes sociais digitais, que possibilitaram a transformação da forma das pessoas se comunicarem e se relacionarem (RECUERO, 2011).

A maioria das atividades em um site de redes sociais assume a forma de visualizar e publicar opiniões, perguntas, respostas, fotos, vídeos, informações pessoais e conhecimento, através da conectividade fornecida pela plataforma de rede (PAGANI; HOFACKER; GOLDSMITH, 2011). Diante disso, Recuero (2011) relata que a Internet permite que os grupos sociais estejam permanentemente conectados, e assim as informações que circulam em tais redes se tornam persistentes e capazes de serem buscadas, organizadas e direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis. Conforme a autora, as conexões entre os indivíduos nas redes virtuais se caracterizam de três formas:

- Laços sociais relacionais, resultantes de reciprocidade e alta interatividade entre os indivíduos;
- Laços sociais associativos, resultantes do fato de que os indivíduos, sem interações, apenas pertencem a um grupo ou instituição;
- Laços sociais multiplexos, que demonstram relações tanto na rede social virtual quanto fora dela.

Souza (2015) afirma não haver uma divisão entre o indivíduo dentro (*online*) e fora da internet (*off-line*). Para o autor, o que existe é um indivíduo que pode utilizar espaços diferentes para se relacionar com outras pessoas, onde as novas características na forma como as relações afetivas são mantidas, não sendo somente fruto do meio que elas utilizam para mediar essas relações.

Além disso, Ramalho (2012) traz que as redes sociais virtuais têm como principal propósito a socialização entre amigos, colegas e outras pessoas, tendo grupos de interesses em que informações podem ser divididas entre eles, aplicativos que podem interligar mais a relação de determinado grupo de amigos ou de colegas de trabalho. Atualmente, uma das ferramentas mais populares das redes sociais digitais são os chamados sites de redes sociais – *mobile social networking* (SNS), que são acessados via aplicativos nos dispositivos móveis, sendo discutidos na sequência.

2.2.1 Aplicativos de redes sociais

De acordo com Salehan e Negahban (2013), as tecnologias de informação e comunicação (TIC) mudaram significativamente a forma como as pessoas vivem, tornando-se uma parte inseparável de suas rotinas. Para os mesmos autores, muitas pessoas, especialmente o público mais jovem, usam essas tecnologias diariamente e para várias finalidades.

Diante disso, a utilização de dispositivos móveis pode transformar a interação das pessoas com as informações e serviços que, há alguns anos, podiam ser acessados apenas nos computadores fixos. Visando suprir as demandas dos usuários de dispositivos móveis, novos equipamentos, aplicações e serviços estão surgindo, assim como estudos relacionados à interação móvel (CYBIS; BETIOL; FAUST, 2015).

O termo móvel é derivado do termo em inglês “mobile”, sendo o termo mais utilizado na literatura para caracterizar os dispositivos portáteis utilizados pelas pessoas (COSTA; BARBOSA, 2014). Esse termo, segundo Kalakota e Robinson (2002), é comumente utilizado para dispositivos que estejam sempre conectados à Internet.

O levantamento de Borges (2015) revelou pesquisas realizadas sobre algumas características das tecnologias móveis que as diferem das demais tecnologias da informação. Assim, a autora traz as seguintes características no levantamento:

- Acessibilidade (KALAKOTA; ROBINSON, 2002; JUNGLAS; WATSON, 2003), ou seja, independentemente de sua localização ou do horário, o usuário pode acessar a rede móvel;
- Disponibilidade (KALAKOTA; ROBINSON, 2002; JUNGLAS; WATSON, 2003), que diz respeito ao fato de que o usuário pode ser contatado em qualquer localização e a qualquer momento. Scornavacca (2014) apresenta a evolução da

disponibilidade como uma consequência quase direta do acesso a dados através de redes sem fio e da portabilidade dos dispositivos;

- Portabilidade (KALAKOTA; ROBINSON, 2002; JUNGLAS; WATSON, 2003), que permite ao usuário levar consigo o dispositivo móvel a qualquer lugar;
- Localização, que permite que o dispositivo móvel seja rastreado geograficamente;
- e,
- Identificação, dado que determinado dispositivo móvel, com uma identificação única, pode servir como uma identificação do usuário (JUNGLAS; WATSON, 2003).

Inseridos nesse contexto, vários estudos sobre serviços móveis na Internet apontaram as redes sem fio de alta velocidade e tarifas especiais de internet móvel das operadoras de telefonia celular como fatores essenciais para o sucesso dos serviços de Web móvel, dada a rápida difusão do *smartphone* (LEE et al., 2013). O alto nível de aquisição de *smartphones* tem sido particularmente notável, uma vez que talvez seja uma das plataformas mais poderosas para acessar uma combinação de modalidades de comunicação (LEE et al., 2013).

O *smartphone* possui características mais avançadas em tecnologia do que um celular, e praticamente pode funcionar como um computador porque tem acesso à Internet, contas de e-mail e aplicativos aproveitáveis para o consumidor. Consequentemente, é lógico pensar que a migração de pessoas de telefones celulares para *smartphones* aumenta a cada dia (SALGADO, 2016).

Outro dispositivo móvel abordado no estudo é o *tablet*. Conforme Medeiros, Vieira e Nogami (2013), os *tablets*, caracterizam-se como um misto de *smartphone* com *netbook*, aparelhos leves e portáteis com telas *touchscreen*, sem teclados externos e que podem ser utilizados para acessar a Internet e seus conteúdos multimídia – vídeos, músicas, fotos, textos, e-mails, etc.

A tecnologia sem fio desses dispositivos – *smartphones* e *tablets* – é um suporte para a recepção e transmissão de informações, que ocorre em tempo real e de forma onipresente. Esses dispositivos permitem uma série de serviços e de aplicações que garantem independência e flexibilidade do indivíduo no acesso às informações (SANTOS; BARBOSA, 2011). Um exemplo são os aplicativos, chamados Apps, que buscam atender à demanda proveniente dos dispositivos móveis e garantir a experiência de navegação do usuário.

Por meio desses aplicativos, os usuários passam a maior parte de seu tempo interagindo *online*, o que modifica também os relacionamentos pessoais devido ao uso

intensivo de Apps de redes sociais virtuais. Essas redes são serviços em que os usuários podem encontrar e adicionar amigos e contatos, enviar mensagens, e atualizar perfis pessoais (BERTHON et al., 2012)

Uma das ferramentas mais populares das redes sociais digitais são os chamados aplicativos de sites de redes sociais. Esses sites de redes sociais fazem parte do grupo dos *softwares* sociais, que são criados especificamente para permitir a comunicação mediada por tecnologias (RECUERO, 2011). Na definição de Ellison e Boyd (2013), esses sites permitem aos participantes:

- A criação de um perfil de identificação único que consiste de conteúdos fornecidos pelo usuário, pelos outros usuários e/ou dados fornecidos pelo sistema;
- Articulação pública de suas conexões que podem ser vistas e navegadas pelos outros;
- Consumo, produção, e/ou interação com fluxos de conteúdos gerados pelos usuários que são providos a partir de suas conexões no site.

Os mundos *online* e *off-line* estão ligados e, por isso, espera-se que os usuários se relacionem no espaço digital com pessoas já conhecidas, contudo, esses indivíduos utilizam a interação por meio dos sites de redes sociais para reforçar conexões que por vezes não são muito fortes no contexto *off-line* (HAYTHORNTHWAITE, 2005).

Sobre a evolução dos sites de redes sociais, Tavares (2015) traz que a primeira rede baseada em “círculo de amigos” que se popularizou foi o Friendster desenvolvido no ano de 2002, pelo cientista britânico Jonathan Bishop, em que os usuários criam perfis públicos e passam a associar-se a outros perfis, como de amigos e de amigos de amigos. A seguir, outras redes sociais virtuais foram surgindo, como MySpace, Facebook e Orkut, os mais popularizados. Atualmente, se verifica expansão do número e da variedade dos tipos de *softwares* sociais – Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat, Youtube e aplicativos móveis de mensagens instantâneas - que oferecem recursos diversos, mas de focos semelhantes, normalmente voltados para a agregação de pessoas do círculo de relacionamentos.

Desde a sua criação em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg, o Facebook tem crescido e se desenvolvido mundialmente. Em poucos anos, passou de um site exclusivo para estudantes universitários americanos para se tornar um dos website mais visitados do mundo (ALHABASH et al., 2012). Sua popularidade pode ser atribuída à facilidade de compreensão e utilização do site, bem como a sua capacidade para contato com uma grande variedade de indivíduos em qualquer momento (BALAKRISHNAN; SHAMIM, 2013).

Essa rede social registrou um crescimento de 17% em seu número de usuários no último ano, chegando a 1,86 bilhão de pessoas conectadas, estando cada vez mais perto de alcançar 2 bilhões de usuários ativos mensais. Em 2016, o Brasil atingiu o terceiro lugar em número de usuários, com 99 milhões de contas ativas, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da Índia (ESTADÃO, 2017).

Nejm (2016) descreveu as principais funcionalidades do Facebook, revelando que as publicações no perfil podem ser feitas em diferentes mídias, no formato de texto, fotos, vídeos ou replicando conteúdos de outras páginas de dentro ou de fora da plataforma. O próprio sistema realiza uma seleção e atualização automática das publicações que são destacadas na página inicial do usuário, não em ordem cronológica, mas de acordo com um complexo cruzamento de variáveis que a empresa desenvolve em seus sistemas.

Para o mesmo autor, a seleção das publicações é feita com base em informações sobre as preferências dos usuários que são registradas a partir dos seguintes elementos: a lista de contatos, as páginas que são acompanhadas, as sinalizações feitas nos conteúdos admirados (a partir da opção de Curtir e Compartilhar – disponíveis na plataforma como botões para que o usuário registre suas preferências em cada publicação), interações com outros usuários que são mencionados em publicações e fotos, conteúdos patrocinados, dentre outros.

Os conteúdos publicados por todos os amigos de um usuário particular são reunidos em uma interface unificada conhecida como *timeline* (linha do tempo) e aparecem justapostas a conteúdos publicados por marcas e outros tipos de grupos que detém páginas, um tipo de perfil reservado a usuários que não correspondem a pessoas físicas (LEITE, 2015).

Os usuários do Facebook têm a opção de delimitar se seu perfil na rede e a privacidade de suas publicações na linha do tempo. Além de ter a opção de editar e apagar as suas publicações antigas, os usuários podem compartilhar conteúdos diretamente com outros usuários através da ferramenta de comunicação direta da plataforma, restringindo a troca apenas aos destinatários eleitos sem registrar os conteúdos na linha do tempo (NEJM, 2016).

Além disso, Leite (2015) afirma que usuários também podem participar de grupos públicos ou privados de acordo com interesses e círculos sociais e expressar suas preferências por temas como músicas, locais, marcas, filmes e livros, de forma a compor seu perfil. Além disso, o Facebook também fornece recursos, como chat e mensagens privadas através da ferramenta Messenger – considerada como aplicativo móvel de mensagens instantâneas (SMOCK et al., 2011).

A rede social Instagram foi lançada em outubro de 2010, sendo adquirida pelo Facebook em abril de 2012. No ano de 2017, atingiu 700 milhões de usuários ativos no mundo, sendo que em 2016, haviam 35 milhões de usuários ativos no Brasil (INSTAGRAM, 2017). A principal interface dessa rede social é um fluxo contínuo de imagens, dispostas em ordem cronológica de publicação, acompanhadas por legendas, sendo que as fotos são publicadas por outras pessoas ou marcas que são seguidas pelo usuário, em semelhança ao Twitter. O usuário pode comentar os posts ou atribuir curtidas – *likes*, abaixo das imagens (LEITE, 2015).

De acordo com Nejm (2016), o Instagram permite a criação de um perfil com lista de amigos associada, com possibilidade de comentários públicos ou privados, e atualizações automáticas das publicações dos usuários interconectados. Assim, conforme o mesmo autor, o Instagram estimula as interações a partir das fotografias – e posteriormente de vídeos, sendo obrigatório o uso de imagem ou vídeo para realizar uma publicação, diferentemente do Facebook, que permite ao usuário escolher entre texto, fotografia, vídeo ou endereços de outras páginas Web.

Segundo o autor, após escolher uma foto ou vídeo, os usuários podem incluir legendas nas fotos, marcar contatos, usar palavras-chaves conhecidas como *Hashtags*, registrar sua localização geográfica a partir do GPS, criar um mapa com a geolocalização das imagens publicadas e ainda compartilhar a mesma publicação em outras plataformas (Facebook). Além de realizar suas próprias publicações, os usuários podem também comentar nas publicações da sua lista de contatos e trocar mensagens diretas com contatos específicos.

Assim como no Facebook, é possível editar ou excluir publicações, mas uma vez que os conteúdos são publicados serão disponibilizados e visualizáveis para todos aqueles que foram previamente autorizados na lista de conexões (no caso dos perfis privados) ou para todo e qualquer usuário do aplicativo (perfis públicos) (NEJM, 2016).

O Snapchat foi criado em 2011, sendo uma das singularidades deste serviço o fato de as publicações serem programadas para ficarem disponíveis por tempo determinado, máximo de 10 segundos para as mensagens trocadas entre os usuários (ou grupo de usuários) diretamente ou no máximo 24 horas para os conteúdos que são disponibilizados na “minha história” - repositório de publicações que o usuário deixa disponível para todos de sua lista neste período de 24 horas (NJEM, 2016).

Além disso, a empresa proprietária do aplicativo o define como um espaço para o compartilhamento de momentos e diversão, sendo necessário compartilhar fotos ou vídeos

feitos diretamente pela câmera do celular ou a partir de vídeos ou fotos da galeria de imagens (NJEM, 2016).

Segundo um estudo global do Connected Life, da Kantar TNS, realizado em 2016 com 70 mil usuários de Internet em 57 países e dentre os quais 1.022 no Brasil, 38% dos internautas da América Latina usam o Snapchat, número que mais que triplicou desde 2014, quando o estudo registrava 12%. Em 2015, 23% dos brasileiros estavam no Snapchat, aumentando para 57% no ano de 2016.

O Twitter foi desenvolvido pelos programadores Van Williams, Jack Dorsey e Biz Stone e lançado em julho de 2006 (RODRIGUES; SIMONETTO; BROSSARD, 2014). É utilizado de maneiras criativas tanto por pessoas como por empresas para fazer conexões, criar seguidores fiéis, desenvolver *feed* de notícias úteis além de compartilhar links para artigos, imagens, áudios e vídeos (REED, 2012).

Para Leite (2015), o Twitter permite aos usuários a publicação de mensagens – *tweets* – visíveis para todos os usuários, e entregues em uma interface conhecida como *timeline* para outros usuários aos quais estão ligados (conhecidos como *followers*, ou seguidores). Conforme o autor, o post típico é composto apenas de texto, com limite de 140 caracteres, e pode incluir *link* para conteúdo externo, sendo possível também a publicação de fotos e vídeos. Por padrão, o autor ressalta que o *tweet* é público, mas pode ser tornado privado, exibido apenas para seguidores aprovados.

A principal característica do Twitter é a possibilidade da unilateralidade, pois em outras redes sociais (Facebook, Instagram, etc.) é necessário um vínculo de amizade virtual para que seja possível acessar informações de outros usuários. No Twitter, ao optar por “seguir” uma pessoa, o usuário irá acompanhar as atualizações dessa pessoa, e esse será notificado por e-mail que o outro usuário o está “seguindo”, cabendo ao usuário decidir se quer segui-lo ou não (PETRY; SIMONETTO, 2013).

No Brasil, conforme notícia divulgada pelo Estadão (CAPELAS, 2017), nos meses entre outubro e dezembro de 2016, o Twitter cresceu 18% em número de usuários mensalmente ativos no Brasil (a empresa não informa os números), contudo o crescimento global no mesmo período foi de apenas 4%, chegando a 319 milhões de usuário ativos em todo o mundo. Além disso, a empresa também informou ter 316 milhões de usuários ativos por mês, que produzem 500 milhões de *tweets* por dia.

Recentemente, uma nova onda de serviços de comunicações móveis chamados de redes sociais de aplicativos móveis de mensagens instantâneas ganharam um impulso

considerável (CHURCH; OLIVEIRA, 2013). Esses aplicativos oferecem diversos recursos para compartilhamento de mídia – imagens, vídeos, clipes de áudio e até mesmo dados de localização (O’HARA et al., 2014).

Aplicativos, como o WhatsApp, Facebook e Messenger (O’HARA et al., 2014) permitem o envio de mensagens de texto em tempo real para uma pessoa ou grupos de amigos, sem nenhum custo. Impulsionada pela evolução e ascensão em *smartphones*, juntamente com o custo decrescente e a conveniência dos planos de dados móveis, a previsão é que estas aplicações continuarão a crescer (CHURCH; OLIVEIRA, 2013).

O aplicativo de mensagens WhatsApp foi criado em 2009, por Brian Acton e Jon Koun, que se mantém até hoje como presidente executivo do serviço. A empresa foi adquirida pelo Facebook em fevereiro de 2014. Desenvolvido como uma alternativa ao serviço de mensagens curtas (SMS), o WhatsApp oferece comunicação ou trocas de mensagem em tempo real, incluindo a facilidade de compartilhamento de conteúdo ou informações de mídia (AHAD; LIM, 2014).

Conforme aponta Nejm (2016), o perfil no WhatsApp é bastante limitado e não agrega conteúdos criados pelos próprios usuários ou seus contatos, permitindo apenas uma foto, frase curta descritiva e indicação de status cuja visibilidade pode ser configurada. Assim, os usuários precisam estar conectados entre si a partir de seus números de telefone diretamente ou indiretamente através de grupos para serem considerados contatos.

Após exposição dos aplicativos de redes sociais listados, ressalta-se que todos estão em constante evolução, ao passo que são atualizados constantemente de acordo com as inovações das tecnologias móveis, tornando-se obsoleto elencar todas as suas funcionalidades e características.

Inseridos nesse universo dos aplicativos de redes sociais, os jovens nascidos depois de 1995, que possuem entre 12 e 20 anos, constituem a Geração Z, também conhecida como M, multitarefas, ou C, de conectada. Esse termo surgiu da Teoria Geracional de Howe e Strauss (2000), que promoveram uma pesquisa utilizando a Web para nomear esta nova geração.

A utilização de letras do alfabeto latino para relacionar cortes definidas pelas idades dos indivíduos que as compõem como Geração X e Geração Y, por exemplo, parece ter auxiliado na disseminação das ideias de autores, que definem a Geração Z (SOUZA, 2011).

Os jovens dessa geração querem estar conectados o tempo todo e usam a tecnologia – de *smartphones* por meio dos aplicativos de redes sociais – para atingir esse objetivo. Para esses jovens, seus *smartphones* não são apenas aparelhos de comunicação úteis, mas sim uma

conexão fundamental com os seus amigos. Assim, por conviver desde o início com o acesso às tecnologias, a Geração Z compartilha inúmeras informações utilizando a televisão, computadores, *smartphones* e recursos de última geração (TAPSCOTT, 2010).

Em decorrência dessa hiperconexão e devido ao fato de se adaptarem facilmente às tecnologias, os jovens da Geração Z, não sentem as consequências negativas que o uso destas tecnologias podem causar. Contudo, as pessoas que vivem ao seu redor, normalmente de gerações passadas – adultos da Geração X e Y – os alertam para o uso excessivo dessas tecnologias, o que muitas vezes gera conflitos entre essas gerações.

Comeau e Tung (2013) destacam que a literatura sobre a Geração Z ainda é muito limitada, mas geralmente considera o grupo com maior preocupação com a responsabilidade ambiental; são indivíduos desconfiados e também propensos a deixar suas carreiras. Froemming e Ceretta (2011) expõem que, apesar da importância destinada à Geração Z, ainda são escassos os estudos focados especificamente nesse público, além de poucas contribuições teóricas acerca do tema.

2.3 MODELO TEÓRICO E HIPÓTESES DO ESTUDO

O fenômeno do uso excessivo da Internet, também conhecido por *Internet Addiction Disorder*, *Internet Addiction* (YOUNG, 1996, 1998), *Pathological Internet Use* (YOUNG, 1996, 1998), *Compulsive Computer Use* (BLACK; BELSARE; SCHLOSSER, 1999), *Virtual Addiction* (GREENFIELD, 1999), *Internet Use Disorder* (BLACK; BELSARE; SCHLOSSER, 1999), *Problematic Internet Use* (SHAPIRA et al., 2003) e *Internet Dependency* (LU, 2008), constitui-se como um problema generalizado entre indivíduos de diversos países.

Além de ter inaugurado esta área de investigação, Young (1996, 1998) também foi a primeira autora a definir a dependência à Internet do ponto de vista científico e em termos clínicos, através da adaptação de vários critérios associados ao diagnóstico do jogo patológico. Devido aos seus trabalhos iniciais, foram reunidos os esforços para desenvolver um questionário de avaliação e diagnóstico. Na sua essência, este questionário consiste numa lista de oito questões de “sim” e “não” sobre o uso da Internet, em que, os sujeitos ao responderem “sim” a pelo menos cinco destas, preenchem os critérios de diagnóstico de dependência à Internet, sendo o restante, classificados como não dependentes.

Inserido nesse contexto e baseado em pesquisas anteriores, Davis (2001) afirma que como resultado da rápida proliferação e da popularização da Internet, tornou-se comum usar o termo uso patológico da Internet (UPI) – *pathological internet use (PIU)*. Conforme o autor, o UPI é um padrão distinto de comportamento “anormal” de um subgrupo específico da população. Assim, o Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI proposto por Davis (2001) define o UPI como sendo mais do que uma simples dependência comportamental. Neste sentido, o UPI é entendido como um padrão distinto de cognições e comportamentos relacionados com a Internet, resultando em consequências negativas para o indivíduo (DAVIS, 2001).

Davis (2001) define dois tipos distintos de UPI – específica e generalizada. Para o autor, o uso patológico específico da Internet inclui utilização ou abuso de funções e conteúdos específicos da Internet (leilão virtual, jogos de azar virtual, pornografia virtual, etc.). Além disso, esta perturbação também é manifestada mesmo com a ausência da Internet, ou seja, esse uso patológico está relacionado apenas a um aspecto da Internet, e existe independente de acesso a Internet.

Já o uso patológico generalizado é definido por Davis (2001) como uso excessivo da Internet. Esse uso ocorre quando o indivíduo desenvolve certos problemas devido ao contexto de comunicação único da Internet, ou seja, o sujeito é atraído para a experiência de estar *online* ainda que esteja desconectado, demonstrando assim, preferência pela comunicação interpessoal virtual ao invés da comunicação face-a-face (PONTES, 2013). Davis (2001) menciona que esse uso generalizado envolve o aspecto social da Internet, onde o usuário tem a necessidade de contato social on-line.

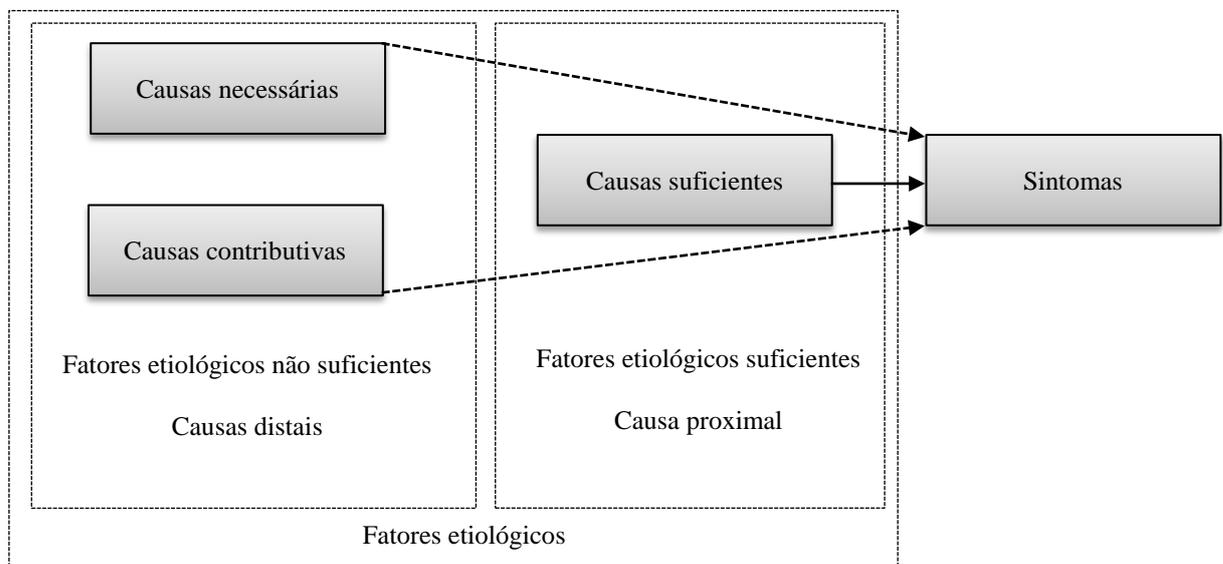
Em termos de etiologia – estudo das causas e origens de um determinado fenômeno – Davis (2001) afirma que o seu Modelo de UPI baseia-se em uma abordagem cognitivo-comportamental. Para o autor, o UPI resulta de cognições problemáticas, juntamente com condições que intensificam ou mantêm a resposta desajustada. Esta teoria é um afastamento das teorias anteriores (BECK, 1976; YOUNG, 1996; PRATARELLI; BROWNE; JOHNSON, 1999) na medida em que enfatiza a cognição do indivíduo (ou pensamentos) como a principal fonte de comportamento anormal.

Davis (2001) afirma que para explicar a natureza cognitiva do UPI, é necessário descrever alguns conceitos preliminares. Em primeiro lugar, Abramson, Metalsky e Alloy (1989) distinguem entre os conceitos de causas - fatores etiológicos - necessárias, suficientes e contributivas de sintomas. Uma causa necessária deve estar presente ou deve ter ocorrido

para que os sintomas ocorram. No entanto, os sintomas não são necessários para ocorrer quando a causa necessária está presente ou ocorreu (ou seja, necessário, mas não suficiente). Uma causa contributiva aumenta a probabilidade da ocorrência do conjunto de sintomas, não sendo nem necessário e nem suficiente para a sua ocorrência, mas contribui para a ocorrência de sintomas. Já uma causa suficiente garante a ocorrência dos sintomas, sendo suficiente para a ocorrência de conjunto de sintomas.

Finalmente, Abramson, Metalsky e Alloy (1989) distinguem entre as causas proximal (próximas) e distal (distantes). Na cadeia etiológica que resulta em um conjunto de sintomas, algumas causas se situam no final da cadeia (proximal) e outras estão próximas ao início da cadeia, distantes do conjunto de sintomas (distal). Zheng e Lee (2016) também dimensionam a causa distal como os fatores que estão um pouco afastados dos sintomas, mas ainda são significativos para o desenvolvimento de sintomas. O processo de desenvolvimento de fatores etiológicos e sintomas é apresentado na Figura 2.

Figura 2 – Processo de fatores etiológicos e sintomas



Fonte: Adaptado de Davis (2001).

Conforme explica Davis (2001), a natureza das causas contributivas distais do UPI deve ser explicada pelo *framework* diátese-estresse. De acordo com essa estrutura, o comportamento anormal é resultado de uma vulnerabilidade predisposta (diátese) e um evento de vida (estresse). Assim, no UPI, a Psicopatologia existente é a diátese, reforçando o desenvolvimento de sintomas que auxiliam na manutenção dos sintomas associados. Desse

modo, o modelo sugere que a Psicopatologia é uma causa distal necessária aos sintomas da UPI, devendo estar presente ou já ter ocorrido para que os sintomas da UPI aconteçam.

Segundo o autor, o evento de vida (estressor) neste modelo é a introdução da Internet ou de algumas novas tecnologias encontradas na Internet. Em si, a experiência dessas tecnologias não causa os sintomas, no entanto são fatores necessários, sendo eventos catalisadores para o processo de desenvolvimento do UPI.

Um fator-chave na experiência da Internet e das novas tecnologias associadas apontado por Davis (2001) é o reforço que um indivíduo recebe do evento. Quando um indivíduo tenta um novo recurso da Internet, ele é reforçado pela resposta resultante. Se a resposta for positiva, o indivíduo é reforçado para continuar a atividade. O indivíduo é então condicionado para executar a atividade mais frequentemente para obter a mesma resposta associada ao evento inicial. Portanto, o modelo de UPI de Davis (2001) sugere que estímulos como o som de um computador conectado a um serviço on-line e a sensação tátil de digitar em um teclado podem resultar em uma resposta condicionada. Desse modo, esses reforçadores secundários atuam como pistas situacionais que reforçam o desenvolvimento dos sintomas da UPI e contribuem para a manutenção dos sintomas associados.

O fator mais central do Modelo de UPI é a presença de cognições desajustadas que estão localizadas na extremidade próxima para causar sintomas de UPI (ZHENG, LEE, 2016). Um indivíduo com UPI apresenta uma disfunção cognitiva fundamental na forma de cognições desajustadas específicas. Essas cognições são causas suficientes proximais, na medida em que são suficientes para causar o conjunto de sintomas associados ao UPI. Para Davis (2001), essas cognições mal adaptadas podem ser divididas em dois subtipos principais: pensamentos sobre o eu e pensamentos sobre o mundo.

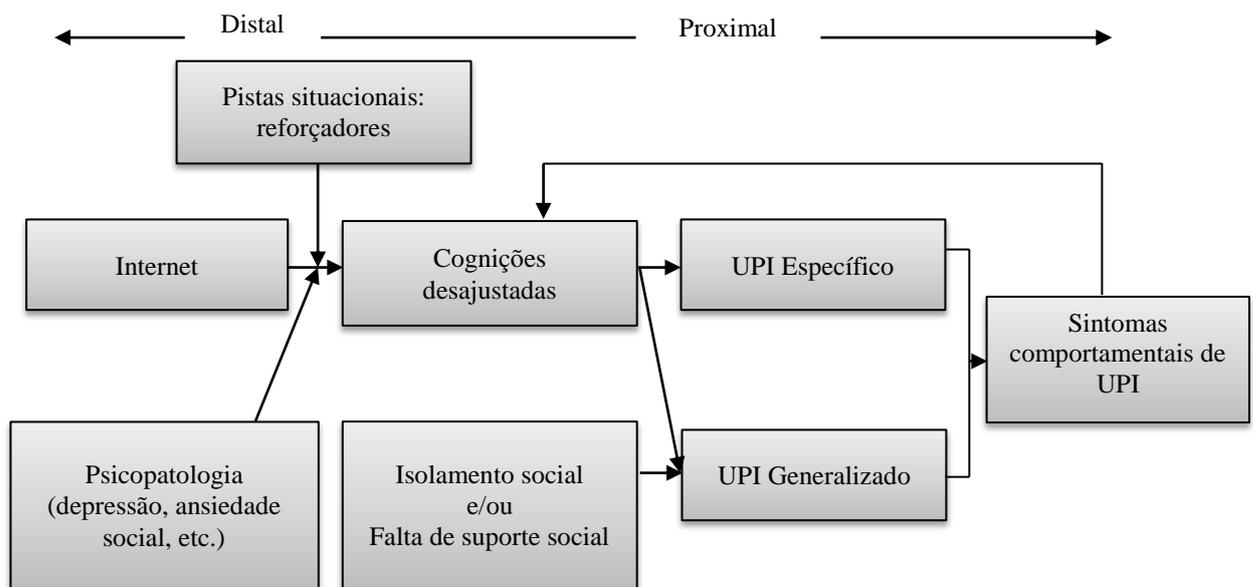
Conforme Davis (2001), pensamentos sobre o eu (*self*) são guiados por um estilo cognitivo que envolve o pensamento constante sobre os problemas associados com o uso da Internet, em vez de ser capaz de ser distraído por outros eventos na vida. Além disso, leva um indivíduo a recordar memórias mais reforçadas sobre a Internet, mantendo assim o ciclo vicioso de UPI. Outras distorções cognitivas sobre o eu incluem autódúvida, baixa autoestima e autoavaliação negativa, ou seja, o indivíduo tem uma visão negativa de si mesmo e usa a Internet para obter respostas mais positivas dos outros.

As distorções cognitivas sobre o mundo envolvem a generalização de eventos específicos para as tendências globais. Em outras palavras, o indivíduo pode pensar que a Internet é o único lugar onde é respeitado. Este pensamento é considerado uma distorção

cognitiva desajustada que exacerba a dependência da Internet do indivíduo. Estas distorções de pensamento são automaticamente impulsionadas quando um estímulo associado com a Internet está disponível. Tem-se como resultado de tais cognições desajustadas tanto um UPI específico quanto um UPI generalizado.

Portanto, Davis (2001) afirma que essas causas suficientes – condições mal adaptadas – são determinantes para o desenvolvimento de sintomas de UPI, ressaltando que o objetivo do desenvolvimento do Modelo-Cognitivo da UPI foi introduzir essas cognições desajustadas (isto é, pensamentos e processos de pensamento) como uma causa proximal do conjunto de Sintomas da UPI. O Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI proposto por Davis (2001) pode ser visualizado na Figura 3.

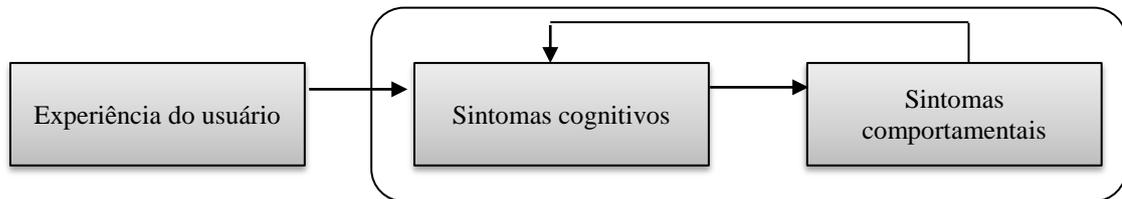
Figura 3 – Modelo Cognitivo-Comportamental de Uso Patológico da Internet (UPI)



Fonte: Adaptado de Davis (2001).

Zheng e Lee (2016) sintetizam que nesse modelo de Davis (2001) os sintomas são combinados para explicar a natureza do desenvolvimento de UPI. O modelo proposto está focado em um ciclo de distorções cognitivas. Conforme visto anteriormente, no Modelo de Cognitivo-Comportamental de UPI (DAVIS, 2001), a experiência de uso de alguma T.I. atua como um fator distal no desenvolvimento do UPI, e os sintomas cognitivos (cognição desajustada) agem como uma causa proximal e suficiente. Os autores elaboraram um esquema síntese do modelo proposto por Davis (2001), conforme pode ser visualizado na Figura 4.

Figura 4 – Síntese Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI

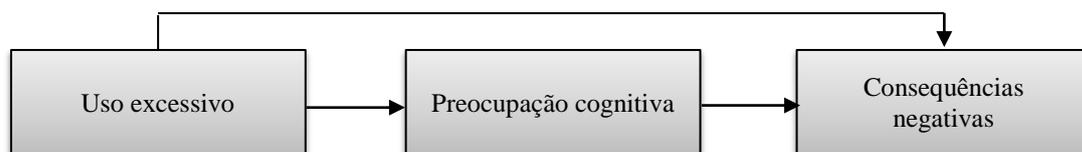


Fonte: Adaptado de Zheng e Lee (2016).

Sob essa perspectiva, a atual pesquisa baseia-se no modelo teórico proposto por Zheng e Lee (2016), cujos autores utilizaram o Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI proposto por Davis (2001) para examinar o processo sequencial de uso problemático de aplicativos de redes sociais (Figura 5), envolvendo os fatores uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas. Zheng e Lee (2016) não explicam o nível viciante da problemática utilização da tecnologia, uma vez que se concentram nas consequências negativas.

Desse modo, Zheng e Lee (2016) inseriram ao Modelo de UPI (DAVIS, 2001) o fator uso excessivo como uma condição suficiente para experimentar resultados negativos associados ao uso de aplicativos de redes sociais, baseando esse pressuposto na Teoria Cognitiva Social (BANDURA, 2001) e agregaram a variável tensão tecnológica, com base no estresse tecnológico do Modelo de Ajuste Pessoa-Ambiente (EDWARDS; CAPLAN; VAN HARRISON, 2000).

Figura 5 – Processo sequencial



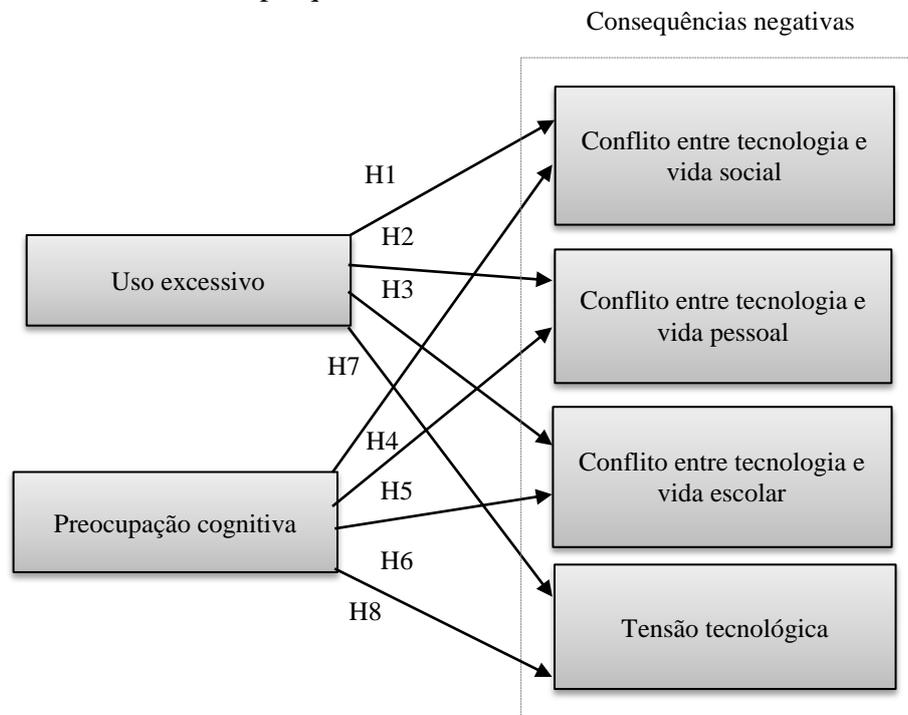
Fonte: Adaptado de Zheng e Lee (2016).

Segundo Caplan (2010), a Teoria Cognitivo-Comportamental proposta por Davis (2001) sugere que os processos cognitivos e comportamentais estão envolvidos na produção de resultados negativos associados ao UPI. A teoria propõe que a UPI se manifesta entre sintomas cognitivos e comportamentais (HAAGSMA et al., 2013) e estes fatores podem resultar em vários resultados negativos na vida profissional, pessoal e social dos indivíduos.

Desse modo, na atual pesquisa os processos comportamentais e cognitivos de uso problemático com redes sociais são examinados, sendo denominados de consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais. Essas consequências negativas caracterizam-se como os conflitos do uso de tecnologia - conflito entre tecnologia e vida social, conflito entre tecnologia e vida pessoal, conflito entre tecnologia e vida profissional (adaptado para conflito entre tecnologia e vida escolar no atual estudo) e tensão tecnológica. Ademais, são analisados os efeitos desses três conflitos na tensão tecnológica.

O modelo de pesquisa proposto pela atual pesquisa é exposto na Figura 6, e na sequência são discutidos os fatores e elencadas as hipóteses propostas.

Figura 6 – Modelo teórico da pesquisa



Fonte: Adaptado de Zheng e Lee (2016).

O uso excessivo de Internet caracteriza-se quando os usuários despendem um tempo maior de acesso do que o tempo que haviam planejado (CAPLAN; HIGH, 2006). Além disso, diversos estudos também apontam o uso excessivo como dependência de uso de Internet, revelando diversos aspectos negativos relacionados ao uso excessivo de redes sociais (MURRAY; MARAS; GOLDFIELD, 2016). Consonante a isso, Zheng e Lee (2016), ancorados no Modelo de UPI (DAVIS, 2001), afirmam que o uso excessivo caracteriza-se

como uma condição necessária (não suficiente) para resultados negativos associados ao uso da tecnologia.

Estudos anteriores sugerem que a forma como os indivíduos pensam sobre a tecnologia pode ajudar a explicar o nível de resultados negativos que experimentam com o seu uso. Assim, a preocupação cognitiva refere-se ao pensamento obsessivo por utilização de tecnologia (CAPLAN; HIGH, 2006; CAPLAN, 2010; HAAGSMA et al., 2013). Diante disso, o Modelo Cognitivo-Comportamental chamou a atenção para o impacto dos pensamentos de um indivíduo para o desenvolvimento de comportamentos desajustadas (ZHENG; LEE, 2016).

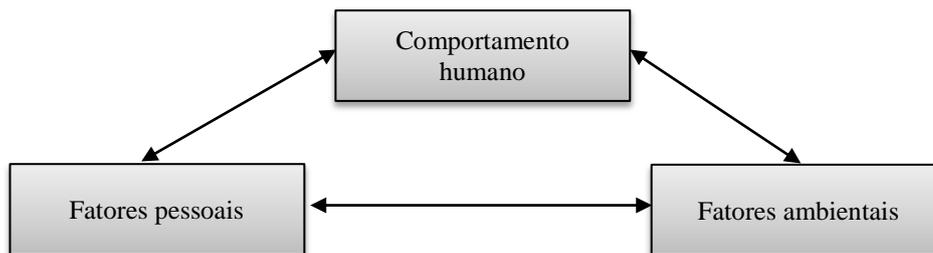
A literatura existente tende a examinar a preocupação cognitiva como um dos principais sintomas ou componentes de problemas de uso de Internet. Por exemplo, Shapira et al. (2003) propuseram que o uso da Internet implica uma combinação de preocupações cognitivas e padrões comportamentais de uso problemático da Internet. Além disso, a preocupação cognitiva de uso da Internet tem sido aplicada nos estudos sobre jogos *online* para obter uma melhor análise do seu uso problemático. Da mesma forma, pesquisas anteriores revelaram que os resultados negativos pelo uso da Internet torna-se mais exacerbado quando a preocupação cognitiva do usuário está presente (CAPLAN; HIGH, 2006; CAPLAN, 2010).

Grande parte da literatura existente considera o aspecto comportamental como um dos mais dominantes sintomas de uso problemático da Internet (CAPLAN, 2010). Os componentes e os principais processos do Modelo Cognitivo-Comportamental também indicam a experiência da Internet como uma causa contributiva distal de UPI e desse modo, o uso da Internet reforça o desenvolvimento de sintoma, mas não é suficiente por si só para causar os sintomas associados (DAVIS, 2001). Até certo ponto, o uso excessivo atua como um alto nível de experiência em uso de tecnologia que acarreta a presença de cognições desajustadas e, em última instância, resultados negativos (ZHENG; LEE, 2016).

No modelo do atual estudo, essas cognições desajustadas (pensamentos distorcidos, processo de pensamento e preocupação cognitiva) são introduzidas como causas próximas suficientes de sintomas de uso problemático da Internet, ou seja, essas cognições desajustadas são suficientes para o usuário apresentar sintomas e apresentar comportamentos de uso problemático, conforme postulado pelo Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI de Davis (2001). Desse modo, o presente estudo sugere que o uso excessivo pode preceder e causar preocupações cognitivas e resultados negativos nos indivíduos (ZHENG; LEE, 2016).

Zheng e Lee (2016) afirmam que a Teoria Cognitiva Social (BANDURA, 2001) é usada como base para abordar as consequências negativas de UPI, baseando esse pressuposto na causalção triádica que interfere no comportamento humano. A Teoria Cognitiva Social de Bandura (2001) adota a perspectiva de agência humana, segundo a qual os indivíduos são auto organizados, proativos, auto reflexivos e autorregulados, em vez de organismos reativos que são moldados e orientados por forças ambientais ou movidos por impulsos interiores encobertos. O pensamento humano e a ação humana são considerados produtos de uma inter-relação dinâmica entre influências pessoais, comportamentais e ambientais. Essa é a base da concepção de Bandura do determinismo recíproco, constituindo a causalção recíproca triádica do comportamento humano, que envolve os fatores pessoais, os fatores comportamentais e os fatores ambientais, conforme exposto na Figura 7.

Figura 7 – Relações entre determinantes na causalção recíproca triádica



Fonte: Adaptado de Bandura (2001).

A natureza recíproca dos determinantes do funcionamento humano na Teoria Cognitiva Social possibilita que as intervenções terapêuticas sejam direcionadas para fatores pessoais, ambientais ou comportamentais. Do mesmo modo, Zheng e Lee (2016) apontam que a teoria de Bandura (2001) pode ajudar a explicar como as pessoas adquirem e mantêm certos padrões comportamentais e fornecem a base para estratégias de intervenção, ao passo que a teoria permite a consideração do jogo interno da causalção recíproca triádica.

Conforme Bandura (2001), a vida cotidiana é cada vez mais regulamentada por tecnologias complexas que podem tornar-se uma força restritiva que, por sua vez, controlam como as pessoas pensam, afetando os aspectos da agência humana. De acordo com a Teoria Cognitiva Social, quando os usuários de mídia social móvel reagem ao seu ambiente (por exemplo, relacionamentos sociais com a família, amigos e colegas), seus comportamentos (por exemplo, o uso excessivo de mídias sociais móveis em situações inadequadas) afetam as

pessoas (por exemplo, autorregulação deficiente) e ambiente (por exemplo, conflitos com familiares, amigos e colegas).

Diante disso, Martins (2013) afirma que as redes e mídias sociais norteiam a vida das pessoas e o seu uso excessivo pode ocasionar o isolamento do indivíduo, porque o mesmo pode trocar o convívio com a família e amigos por uma relação, por exemplo, com o computador. Além disso, uma pessoa dependente faz uso excessivo da Internet, o que cria uma distorção de seus objetivos pessoais, sociais ou profissionais/escolares (LÓPEZ-FERNÁNDEZ, et al. 2012).

Sob essa perspectiva, o Modelo Cognitivo-Comportamental de UPI (Davis, 2001) aponta que o uso excessivo da Internet pode resultar em consequências negativas na vida pessoal e profissional dos indivíduos. Os sintomas da dependência da Internet incluem as cognições desajustadas e os usuários são atraídos por uma sensação de bem-estar *online*, demonstrando uma preferência pelo contato virtual, do que pela relação face a face.

Na literatura existente, Zheng e Lee (2016) revelam que a dependência de uso adotada por muitos estudos enfatiza os conflitos ocasionados pelo uso excessivo e preocupação cognitiva sobre uso de tecnologias (BLOCK, 2008; CHARLTON; TUREL; SERENKO; BONTIS, 2011). Por exemplo, LaRose, Kim e Peng (2010) demonstraram empiricamente a influência negativa do uso de tecnologia sobre os aspectos sociais, como trabalho em rede, atividades sociais e escolares.

Consequentemente, o conceito de conflito é crucial para a compreensão da construção do UPI (CHARLTON, 2002; TUREL; SERENKO; GILES, 2011; TUREL; SERENKO, 2012). Para melhor abordar este conceito, o atual estudo introduz três tipos de conflitos: pessoal (auto-conflito), social e profissional. O conflito entre vida pessoal e tecnologia, conforme apontado por Zheng e Lee (2016), refere-se aos problemas de saúde e físicos que o uso de determinada tecnologia pode causar. Assim, dedicar muito tempo na interação com a tecnologia poderá causar problemas de saúde ao usuário (fadiga ocular, dores nas costas, problemas de sono, etc.).

O conflito entre tecnologia e vida social refere-se à fricção entre tarefas com família e amigos diante da utilização excessiva de tecnologia (TUREL; SERENKO; BONTIS, 2011). Da mesma forma, o conflito entre vida profissional e tecnologia refere-se ao atrito entre as tarefas de trabalho ou da escola frente ao uso excessivo de uma tecnologia específica (ZHENG; LEE, 2016).

Para Zheng e Lee (2016), o aumento do uso de aplicativos de redes sociais tende a comprometer a vida social de um indivíduo (como a ligação com a família e amigos). Esse comprometimento baseia-se no aumento e na natureza invasiva do uso, podendo aumentar o nível de conflito social, devido a redução no tempo dedicado a atividades familiares ou sociais. Segundo os autores, os indivíduos possivelmente viciados passam enormes quantidades de tempo envolvendo-se nos aplicativos, e interagindo com amigos virtuais mesmo durante o trabalho e atividades escolares, podendo resultar em erros de trabalho ou problemas acadêmicos na escola.

Desse modo, conforme apontam Zheng e Lee (2016), vários estudos demonstraram que indivíduos que dedicam muito tempo à tecnologia tendem a apresentar problemas de saúde, problemas em suas interações interpessoais, e interferir no seu ambiente profissional ou escolar (YOUNG, 1998; NYKODYM; ARISS; KURTZ, 2008; HONG; CHIU; HUANG, 2012).

O conflito entre tecnologia e família, bem como o conflito entre tecnologia e vida social ocorre quando os usuários negligenciam esses relacionamentos devido ao uso da tecnologia (TUREL; SERENKO; BONTIS, 2011). O conflito entre tecnologia e trabalho reflete o uso excessivo da tecnologia no trabalho ou na ambiente acadêmico, o que pode acarretar na diminuição do seu desempenho e deveres negligenciados (DAVIS, 2001; NIEMZ; GRIFFITHS; BANYARD, 2005).

Ao utilizar um dispositivo móvel para verificar seus aplicativos de redes sociais em uma situação ou ambiente inadequados, Zheng e Lee (2016) apontam que essa atitude pode causar problemas de saúde ao usuário. Por exemplo, os alunos que acessam os aplicativos de redes sociais constantemente estão susceptíveis de verificar atualizações ou informações durante a aula, o que pode resultar em desconforto no pescoço.

Diante disso, são apresentadas as seguintes hipóteses do atual estudo:

H1: O uso excessivo de aplicativos de redes sociais está positivamente relacionado com o conflito entre tecnologia e vida social

H2: O uso excessivo de aplicativos de redes sociais está positivamente relacionado com o conflito entre tecnologia e vida pessoal

H3: O uso excessivo de aplicativos de redes sociais está positivamente relacionado com o conflito entre tecnologia e vida escolar

H4: A preocupação cognitiva de usar aplicativos de redes sociais está positivamente relacionada com o conflito entre tecnologia e vida social

H5: A preocupação cognitiva de usar aplicativos de redes sociais está positivamente relacionada com o conflito entre tecnologia e vida pessoal

H6: A preocupação cognitiva de usar aplicativos de redes sociais está positivamente relacionada com o conflito entre tecnologia e vida escolar

A adição de tecnologia é uma experiência específica de tensão tecnológica devido a uma compulsão incontrollável de usar excessivamente a tecnologia em todos os lugares e a qualquer hora por longos períodos (SALANOVA; LLORENS; CIFRE, 2013). O estudo propõe que o estresse tecnológico – *technostress* – é um termo para abranger tensão e adição tecnológica, que são duas experiências psicológicas diferentes mas relacionadas (ZHENG; LEE, 2016).

As teorias do estresse reconhecem a importância tanto da pessoa quanto do ambiente na compreensão da natureza e consequências do estresse. As contribuições da pessoa e do ambiente para o estresse foram formalizadas pela teoria do estresse (FRENCH; RODGERS; COBB, 1974; HARRISON, 1978, 1985; FRENCH; CAPLAN; HARRISON, 1982; CAPLAN, 1983; CAPLAN; HARRISON, 1993). Assim, o Modelo de Ajuste entre Pessoa e Ambiente afirma que o estresse não surge da pessoa ou do ambiente separadamente, mas sim pelo seu ajuste, sendo esse pressuposto refletido em numerosas teorias de estresse e bem-estar (CUMMINGS; COOPER, 1979).

O Modelo de Ajuste entre Pessoa e Ambiente é um dos modelos mais amplamente usados de pesquisa de estresse (EDWARDS; COOPER, 1988; COOPER; O'DRISCOLL; DEWE, 2001). Esse modelo originou-se nos estudos de French e Kahn (1962), sendo desenvolvido e refinado em pesquisas posteriores como Caplan (1983) e Harrison (1978, 1985).

Este modelo baseia-se na premissa de que existe uma relação de equilíbrio entre pessoas e seu ambiente, sendo o contexto em torno da pessoa e seu ambiente, e quando esta relação está fora de equilíbrio, resulta em tensão. Assim, o Modelo de Ajuste entre Pessoa e Ambiente caracteriza o estresse como uma falta de correspondência entre as características da pessoa (por exemplo, habilidades, valores) e o ambiente (por exemplo, demandas, suprimentos).

A ideia de ajuste entre pessoa e ambiente ocupa uma posição central na pesquisa de estresse e se reflete em outros esquemas de estresse (EDWARDS; CAPLAN; VAN HARRISON, 2000), especificamente, a falta de ajuste entre as características da pessoa e do ambiente pode levar a necessidades individuais não satisfeitas que resultam em tensão (COOPER; DEWE; O'DRISCOLL, 2001), o que enfatiza a avaliação subjetiva do ajuste do indivíduo e ambiente (como o indivíduo percebe a situação).

Sob essa perspectiva, o estresse tecnológico refere-se a experiência de estresse no uso de tecnologias, um conceito criado por Craig Brod em 1984 e depois aprofundado por Well e Rosen em 1997 (RAGU-NATHAN et al., 2008). O fenômeno de estresse tecnológico é analisado e estudado sobre diferentes perspectivas e disciplinas, como a perspectiva de uso de tecnologias (RAGU-NATHAN et al., 2008; AYYAGARI; GROVER; PURVIS, 2011; MAIER et al., 2015).

Desse modo, o estresse é causado por estressores, que são os estímulos encontrados pelo indivíduo (AYYAGARI; GROVER; PURVIS, 2011). A tensão tecnológica é provocada por tecno-estressores, os quais são induzidos por estímulos de tecnologia e tensão é definida como a resposta psicológica do indivíduo ao agente de estresse, conforme ilustrado na Figura 8.

Figura 8 – Modelo de estresse tecnológico



Fonte: Adaptado de Ayyagari, Grover e Purvis (2011).

O estresse tecnológico refere-se às experiências de uso de tecnologias causada por tecno-estressores, que são estímulos induzidos pela tecnologia e a resposta psicológica do indivíduo a esses tecno-estressores é a tensão (RAGU-NATHAN et al., 2008). Desse modo, Zheng e Lee (2016) apontam que os efeitos de uma forma específica de tecno-estressores advêm do uso de aplicativos de redes sociais (MAIER et al., 2015).

Assim, no modelo original de Zheng e Lee (2016), a tensão tecnológica refere-se a como o indivíduo sente-se tensionado pelo uso dos aplicativos de redes sociais. Contudo, o foco do estudo concentrou-se na Geração Z, constituída pelos jovens nascidos na era tecnológica.

De acordo com Mccrindle (2011), os jovens dessa geração, por nascerem em meio a tecnologia, não conhecem o mundo sem os meios de comunicação atuais e as facilidades que eles proporcionam. Para o mesmo autor, os sites de busca e as redes sociais são o meio de vida “básico” para essa geração. Assim, devido a essa hiperconexão e o convívio habitual com a tecnologia, esses adolescentes podem não sentir-se tensionados pelo uso de aplicativos de redes sociais, ou seja, não tem a percepção clara das consequências negativas que o uso dessa tecnologia pode trazer.

A fase de adolescência corresponde a um período de questionamentos dos valores e das normas familiares e de intensa adesão aos valores e normas do grupo de amigos (PRATTA; SANTOS, 2007). Diante disso, Santor, Messervy e Kusumakar (2000) afirmam que os adolescentes podem sofrer certa pressão dos indivíduos de outras gerações, bem como dos próprios amigos da mesma faixa etária. Os autores definem essa pressão social dos pares como a pressão sofrida pelo incentivo a participação de atividades da mesma faixa etária, podendo ocorrer efeitos indiretos sem que os jovens percebam, bem como a pressão de outros indivíduos que estimulem a adequação a certo comportamento exigido pela sociedade.

Desse modo, os jovens podem sofrer certa pressão social pelos adultos, os quais apresentam um papel central no período de adolescência, pois oferecem a base inicial aos mais jovens e normas essenciais para o social, transmitindo ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem (BIASOLI-ALVES; 2001).

Assim, com base no Modelo de Ajuste entre Pessoa e Ambiente (EDWARDS; CAPLAN; VAN HARRISON, 2000), Zheng e Lee (2016), afirmam que o aumento da utilização inadequada de aplicativos de redes sociais em diferentes ambientes pode levar a tensão tecnológica. Com base nesses pressupostos, a pesquisa busca analisar a percepção de tensão tecnológica não apenas na percepção dos adolescentes, mas também sobre a percepção de outras pessoas do convívio desses jovens.

Sob essas perspectivas, são expostas as seguintes hipóteses:

H7: O uso excessivo de aplicativos de redes sociais está positivamente relacionado com a tensão tecnológica

H8: A preocupação cognitiva de usar aplicativos de redes sociais está positivamente relacionada com a tensão tecnológica

Este capítulo apresentou o aporte teórico da atual pesquisa, revelando as hipóteses formuladas. O próximo capítulo evidencia a metodologia utilizada para atingir os objetivos propostos.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo são abordadas as diretrizes metodológicas utilizadas para o desenvolvimento do presente estudo. Assim, é apresentada a abordagem da pesquisa, contemplando a natureza da pesquisa e delineamento estabelecido; a população e amostra; coleta de dados, detalhando as escalas utilizadas no estudo; tratamento e análise dos dados, apresentando os métodos estatísticos adotados para atender aos objetivos propostos; e as considerações éticas envolvidas na realização do presente estudo.

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Quanto a sua abordagem, o atual estudo apresenta natureza quantitativa, pois mensura variáveis pré-determinadas buscando averiguar sua influência sobre outras variáveis. Ainda, a pesquisa quantitativa busca quantificar os dados e generalizar os resultados da amostra para a população alvo, sempre se preocupando para que a amostra seja constituída por um grande número de casos representativos para posterior análise dos dados por meio de técnicas estatísticas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Em relação aos objetivos propostos, esta investigação pode ser definida como uma pesquisa descritiva, ao passo que pretende expor características de determinada população ou fenômeno ou o relacionamento entre as variáveis (GIL, 2008). Os estudos descritivos medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Desse modo, o procedimento de coleta de dados a ser adotado é uma pesquisa *survey*, onde a coleta de dados primários é realizada a partir de indivíduos. As *surveys* são usadas quando o projeto de pesquisa envolve a coleta de informações de uma grande amostra de indivíduos, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa (HAIR JR et al., 2005).

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população da pesquisa formou-se por jovens da Geração Z. Assim, participaram da pesquisa alunos do ensino médio de três colégios da rede particular de ensino de Santa Maria/RS (Colégio G10, Colégio Marco Polo e Colégio Marista) e do IFFar - Campus Júlio de Castilhos/RS.

Para isso, foi utilizado o procedimento de amostragem não probabilística e por conveniência, permitindo ao pesquisador escolher sua população amostral (AAKER; KUMAR; DAY, 2011). A escolha das quatro instituições justifica-se pela sua localização próxima (Santa Maria/RS e Júlio de Castilhos/RS), pela aceitação e disponibilidade de participação na pesquisa. Assim, a pesquisa foi aplicada aos alunos do ensino médio (1º, 2º e 3º ano) em sala de aula durante os meses de outubro e novembro de 2017.

De acordo com dados fornecidos pelas instituições de ensino, a população da pesquisa (número de alunos matriculados no ensino médio) formou-se por 90 alunos do Colégio G10, 70 do Colégio Marco Polo, 104 do Colégio Marista e 232 do IFFar/JC. A Tabela 1 revela a população e a amostra atingida pela pesquisa.

Tabela 1 – População e amostra da pesquisa

Colégio	População (alunos matriculados no ensino médio)	Amostra atingida na pesquisa
Colégio G10	90	53
Colégio Marco Polo	70	59
Colégio Marista Santa Maria	104	29
IFFar/JC	232	199
Total	496	340

Fonte: Dados fornecidos pelas instituições (2017).

Desse modo, no Colégio G10 obteve-se retorno de 53 questionários, no Colégio Marco Polo 59 questionários, no Colégio Marista 29 questionários e no IFFar/JC 199 questionários. Portanto, a amostra atingida pela pesquisa contemplou 68,55% da população das instituições participantes, ou seja, obteve-se um retorno de 340 questionários em uma população de 496 alunos.

3.3 COLETA DE DADOS

O questionário aplicado formou-se por duas partes. A primeira parte continha informações sobre o perfil dos estudantes, com os seguintes dados: se acessa os aplicativos, gênero, idade, ano que estuda, aplicativos de redes sociais que utiliza, a quanto tempo utiliza e quanto tempo acessa esses aplicativos diariamente.

A segunda etapa baseou-se no estudo de Zheng e Lee (2016), que propôs um modelo com seis construtos: uso excessivo, preocupação cognitiva, conflitos de uso de tecnologia (pessoal, social e escolar) e tensão tecnológica.

A escala do uso excessivo e preocupação cognitiva foram adaptadas de Caplan e High (2006) e Caplan (2010). Desse modo, o uso excessivo e preocupação cognitiva foram medidos, ambos por três variáveis, conforme exposto no Quadro 6.

Quadro 6 – Construtos uso excessivo e preocupação cognitiva

Construto	Itens	Fonte
Uso excessivo (Ue)	Ue1: Acredito que o tempo que eu gasto com aplicativos de redes sociais é excessivo.	Caplan e High (2006)
	Ue2: Gasto muito tempo usando aplicativos de redes sociais.	
	Ue3: Gasto mais tempo usando aplicativos de redes sociais do que a maioria das pessoas.	
Preocupação cognitiva (Pc)	Pc1: Quando fico sem usar os aplicativos de redes sociais por algum tempo, fico preocupado e pensando em usá-los.	Caplan (2010)
	Pc2: Sinto-me desconfortável quando não posso usar os aplicativos de redes sociais.	
	Pc3: Penso muito nos aplicativos de redes sociais quando não estou usando-os.	

Fonte: Adaptado de Zheng e Lee (2016).

Para mensurar o conflito entre tecnologia e vida social, utilizou-se a escala baseada em Turel, Serenko e Bontis (2011), contendo três itens. Para medir o conflito entre tecnologia e vida escolar, a escala foi adaptada a partir de Hong, Chiu e Huang (2012), sendo formada por três itens. Zheng e Lee (2016) desenvolveram três itens para a medição do conflito entre tecnologia e vida pessoal, baseados na definição do vício e seus sintomas relacionados a problemas de saúde pessoais. As escalas são apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Construtos de conflito

Construto	Itens	Fonte
Conflito entre tecnologia e vida social (Tvs)	Tvs1: O uso de aplicativos de redes sociais no celular me afasta da minha família e dos meus amigos mais do que eu gostaria.	Turel, Serenko e Bontis (2011),
	Tvs2: O uso de aplicativos de redes sociais toma um tempo que eu sinto que deveria gastar com minha família e amigos.	
	Tvs3: O tempo que dedico ao uso de aplicativos de redes sociais não me impede de participar de outras atividades.	
	Tvs4: Acredito ter tempo suficiente para usar meus aplicativos de redes sociais e passar tempo com a família e amigos.	
Conflito entre tecnologia e vida escolar	Tve1: O uso de aplicativos de redes sociais influencia minhas tarefas da escola.	Hong, Chiu e Huang (2012)
	Tve2: Eu negligencio trabalhos da escola para passar mais tempo nos	

(Tve)	aplicativos de redes sociais.	
	Tt3: Meu desempenho na escola e minha concentração são influenciados pelo uso de aplicativos de redes sociais.	
Conflito entre tecnologia e vida pessoal (Tvp)	Tvp1: Tenho problemas físicos por causa dos aplicativos de redes sociais, por exemplo: dor nas costas, cansaço visual, dores de cabeça e insônia.	Young (1998); Caplan, (2002); Bianchi e Phillips (2005); Nykody, Ariss e Kurtz, (2008); Hong, Chiu e Huang (2012)
	Tvp2: Usar aplicativos de redes sociais a noite influencia no meu sono.	
	Tvp3: Perco o sono devido a utilização de aplicativos de redes sociais.	

Fonte: Adaptado de Zheng e Lee (2016).

Por fim, a dimensão tensão foi medida por quatro variáveis, adaptadas por Zheng e Lee (2016) do estudo de Ayyagari, Grover e Purvis (2011). Levando em consideração que a pesquisa foi realizada com jovens da Geração Z, esses jovens podem não sentir-se tensionados pelo uso de aplicativos de redes sociais (TAPSCOTT, 2010; SOUZA, 2011), mas podem sofrer certa pressão social das pessoas de seu convívio (BIASOLI-ALVES; 2001).

Assim, justifica-se a aplicação das duas escalas. A primeira escala, adaptada do estudo Zheng e Lee (2016) mensura a tensão tecnológica na percepção dos estudantes (Quadro 8), já o modelo adaptado para o atual estudo mensura a tensão tecnológica dos estudantes sob a percepção de outras pessoas, ou seja, sob a perspectiva das pessoas de seu convívio (Quadro 9). A adaptação do modelo para o atual estudo contou com a participação de especialistas na área, a fim de mensurar de forma mais realística as percepções dos estudantes.

Quadro 8 – Construto tensão original

Escalas	Itens	Fonte
Tensão (T)	T1: Sinto-me muito envolvido por atividades que exigem que eu utilize aplicativos de redes sociais.	Ayyagari, Grover e Purvis (2011)
	T2: Sinto-me cansado das atividades nos aplicativos de redes sociais.	
	T3: Utilizar todos os dias os aplicativos de redes sociais é uma tensão para mim.	
	T4: Sinto-me desgastado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	

Fonte: Adaptado de Zheng e Lee (2016).

Quadro 9 – Construto tensão adaptado para a pesquisa

Construto	Itens	Fonte
Tensão (Ta)	Ta1: Outras pessoas dizem que estou muito envolvido em atividades nas quais eu utilizo aplicativos de redes sociais.	Adaptado por especialista
	Ta2: Pessoas próximas a mim afirmam que pareço cansado devido ao uso excessivo de aplicativos de redes sociais.	

	Ta3: Aos olhos dos outros, pareço mais nervoso por utilizar os aplicativos de redes sociais todos os dias.	
	Ta4: Às vezes, pessoas que convivem comigo dizem que pareço esgotado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	

Fonte: Autora (2017).

Desse modo, os itens do questionário aplicado junto a amostra da pesquisa foram classificados usando uma Escala *Likert* de 7 pontos, onde os alunos posicionaram-se em uma escala composta pelos itens: “1 = discordo totalmente”, “2 = discordo”, “3 = discordo parcialmente”, “4 = não concordo nem discordo”, “5 = concordo parcialmente”, “6 = concordo” e “7 = concordo totalmente”. O instrumento de coleta pode ser visualizado no Apêndice D.

3.4 ETAPAS DO ESTUDO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes da coleta dos dados junto a amostra do estudo, foi realizada a adaptação do questionário, através de reuniões com um especialista da área. Nessa etapa, também procedeu-se a tradução e re-tradução para a língua portuguesa do instrumento e a revisão gramatical. O especialista consultado possui graduação em Administração pela UFSM, Mestrado em Engenharia de Produção também pela UFSM e Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo que atualmente é professor Associado II da UFSM. Além disso, já participou de mais de oitenta projetos de pesquisa, ensino e extensão com a temática em decisão, informação, administração e sistemas de informações, bem como orienta alunos de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) em Administração. O especialista também é avaliador de artigos da REAd (Revista Eletrônica de Administração), da Revista Brasileira de Gestão de Negócios, do International Journal of educational Administration and Policy Studies e da JISTEM (Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação), dentre outros.

Após, realizou-se um pré-teste com 16 alunos das quatro turmas, do primeiro e segundo ano do ensino médio do Colégio Marista. Nessa etapa, buscou-se constatar o correto entendimento do questionário, permitindo aos alunos expressarem sua opinião sobre o instrumento de pesquisa. Desse modo, realizou-se a alteração da variável tensão tecnológica “T1: Sinto-me imerso por atividades que exigem que eu utilize aplicativos de redes sociais” para “T1: Sinto-me muito envolvido por atividades que exigem que eu utilize aplicativos de redes sociais”. Além disso, a escala para mensurar a quanto tempo os alunos utilizam os

aplicativos foi redimensionada, pois eles ressaltaram que utilizam os aplicativos a um tempo maior ao tempo mensurado pela escala.

Após os ajustes do instrumento de coleta, procedeu-se a etapa de coleta dos dados junto a amostra da pesquisa. Assim, após a aplicação dos questionários, os dados foram tabulados e analisados estatisticamente no *software* PASW Statistic21.

Primeiramente, através do cálculo de distribuição de frequências foi identificado e descrito o perfil dos jovens que compuseram a amostra. Nessa etapa também foram feitos cruzamentos entre dados do perfil dos pesquisados: gênero e tempo que utiliza os aplicativos, idade e tempo que utiliza os aplicativos, gênero e acesso diário aos aplicativos, idade e acesso diário aos aplicativos. Além disso, para atender cada objetivo proposto pelo atual estudo foram calculadas estatísticas específicas, conforme exposto no Quadro 10.

Quadro 10 – Objetivos da pesquisa e suas respectivas fases estatísticas

Objetivos da Pesquisa	Métodos Estatísticos
Realizar validação estatística e confiabilidade do modelo teórico	Análise Fatorial Exploratória (AFE) e <i>Alpha</i> de Cronbach
Mensurar a percepção dos jovens da Geração Z quanto ao uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos	Estatísticas Descritivas (médias e desvios-padrões)
Verificar divergências nas avaliações dos jovens da Geração Z quanto ao uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos	Teste T e Teste ANOVA
Testar o impacto e relações do uso excessivo e preocupação cognitiva nas consequências negativas do uso dos aplicativos	Regressão Linear

Fonte: Autora (2017).

Desse modo, para atender ao primeiro objetivo proposto, realizou-se Análise Fatorial Exploratória (AFE) e o cálculo do *Alpha* de Cronbach. De acordo com Hair Jr. et al. (2005), a AFE aborda o problema de como analisar a estrutura de inter-relações existentes entre as variáveis com a definição de uma série de dimensões subjacentes comuns, designadas fatores ou dimensões e o *Alpha* de Cronbach atesta a confiabilidade interna das escalas.

Após verificar a formação dos fatores do modelo e atestar a confiabilidade interna das escalas, realizou-se a análise da percepção dos jovens. Assim, para responder ao segundo objetivo, foram calculadas as estatísticas descritivas (médias e os desvios-padrões) das afirmações das escalas. Além disso, foram realizados Teste T e Teste ANOVA, para verificar

divergências nas avaliações dos jovens da Geração Z, respondendo ao terceiro objetivo da pesquisa.

Por fim, para testar o impacto e relações do uso excessivo e preocupação cognitiva nas consequências negativas, procedeu-se ao teste das hipóteses pelo procedimento de Regressões Lineares. Conforme Cunha e Coelho (2007), a ideia chave da regressão consiste na dependência estatística de uma variável denominada dependente em relação a uma ou mais variáveis independentes, podendo ser entendida como uma relação funcional entre duas ou mais variáveis envolvidas para a descrição de um fenômeno.

3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DO ESTUDO

Para a execução do presente projeto, as considerações e procedimentos éticos foram observados. Inicialmente, o projeto de pesquisa foi registrado no Sistema de Informações Educacionais (SIE) com número de registro 047112. Posteriormente, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), obtendo aprovação sob o CAAE 78043517.9.0000.5346.

O instrumento de coleta de dados foi aplicado de forma direta aos alunos, em sala de aula, com disponibilidade de tempo para o preenchimento do mesmo. A aplicação foi precedida de breve explicação sobre os objetivos da pesquisa. A pesquisadora, ao apresentar o instrumento, esclareceu que a participação caracterizava-se como voluntária, sendo a identidade dos respondentes preservada e ressaltando que a pesquisa apresentava respaldo da instituição, devido a aprovação no Comitê de Ética da UFSM.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

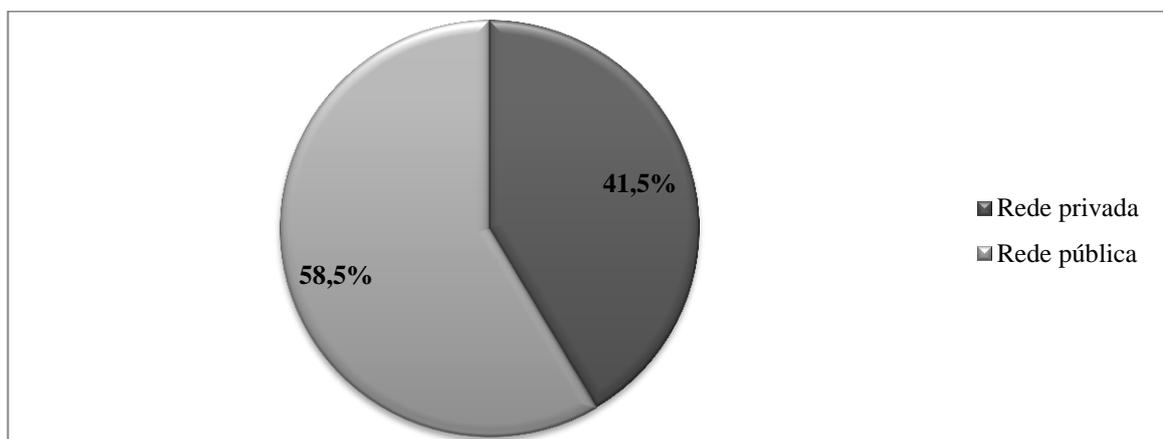
Nesse capítulo são apresentadas as análises e achados sobre os dados coletados. Inicialmente, é abordado o perfil da amostra dos jovens que participaram da pesquisa. A etapa subsequente é a AFE e cálculo do *Alpha* de Cronbach. Em seguida, foram analisadas as médias e os desvios-padrões das variáveis e fatores do modelo teórico, bem como a realização do Teste T e Teste ANOVA. Por fim, são apresentados os testes das hipóteses, a fim de verificar se foram confirmadas ou não.

4.1 PERFIL DOS ALUNOS

Com o intuito de identificar o perfil dos alunos, foi utilizado o cálculo de distribuição de frequência que, para Malhotra (2012), se trata de uma distribuição matemática, cujo objetivo é obter uma contagem do número de respostas associadas a diferentes valores de uma variável e expressar essas contagens em termos de percentagens.

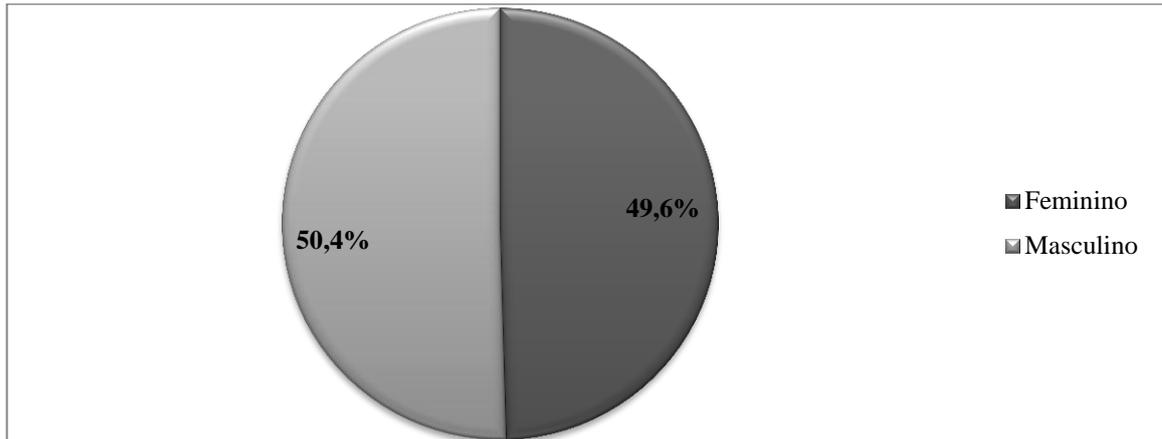
A amostra formou-se por 340 jovens da Geração Z, sendo que todos os participantes afirmaram acessar as redes sociais através de aplicativos no *smartphone* ou tablet. No que se refere a Instituição em que estuda, 53 jovens (15,6%) estudam no Colégio G10, 29 (8,5%) no Colégio Marista/Santa Maria, 59 (17,4%) estudam no Colégio Marco Polo e 199 (58,5%) no IFFar/JC. Assim, a amostra foi composta por 141 jovens estudantes (41,5%) da rede privada de ensino e por 199 jovens estudantes (58,5%) da rede pública de ensino, conforme apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Número de jovens por rede de ensino



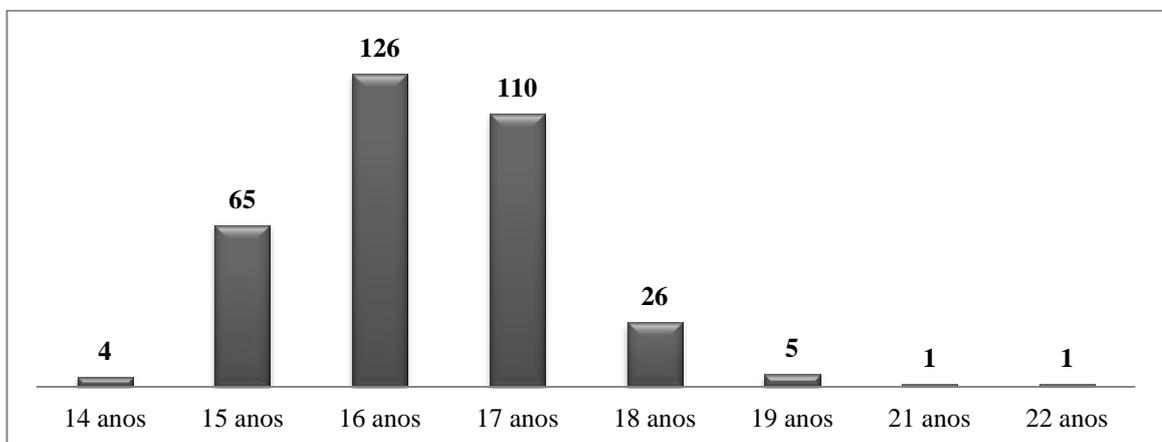
Quanto ao gênero dos jovens, 168 (49,6%) pertencem ao gênero feminino e 171 (50,4%) são do gênero masculino, apresentando uma distribuição homogênea nesse quesito, conforme demonstra o Gráfico 6.

Gráfico 6 – Gênero dos jovens



Considerando a idade, conforme exposto no Gráfico 7, a maioria, 126 jovens (37,3%), apresentam 16 anos. Na sequência, 110 jovens (32,5%) possuem 17 anos, 65 jovens (19,2%) 15 anos, 26 jovens (7,7%) 18 anos, 5 jovens (1,5%) possuem 19 anos, 4 jovens (1,2%) tem 14 anos, 1 jovens (0,3%) apresenta 21 anos e 1 jovem (0,3%) 22 anos. Desse modo, a idade média dos jovens foi de 16,34 anos, com desvio-padrão de 1,04, indicando concentração na faixa etária de 15 a 18 anos (327 jovens, representando 96,2% da amostra).

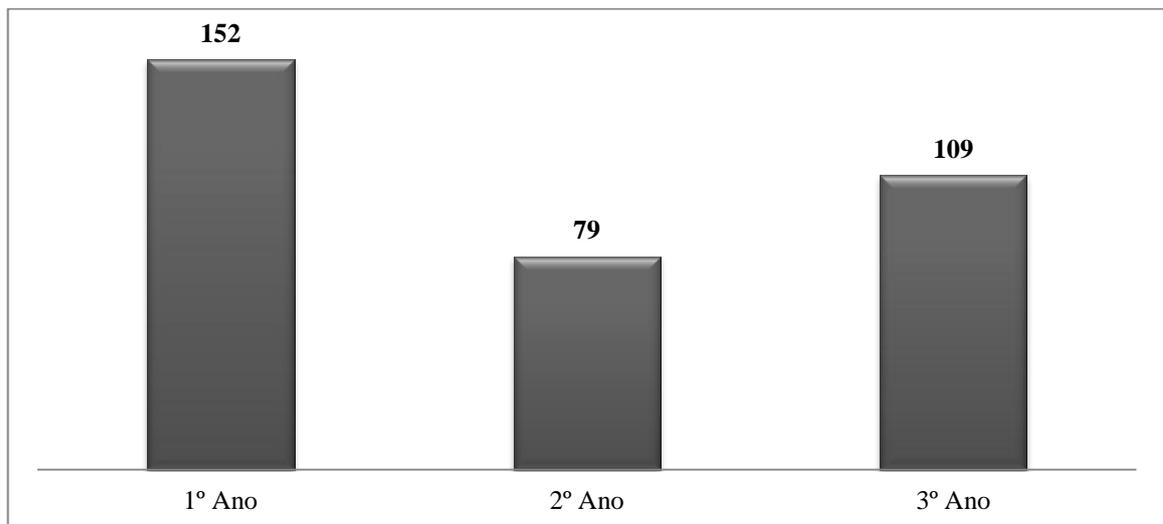
Gráfico 7 – Idade dos jovens



De acordo com estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE) e divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2013), o uso das redes sociais aumenta proporcionalmente à idade, enquanto 75,0% dos adolescentes de 12 anos afirmam ter um perfil, este número sobe para 90,0% entre os que têm de 15 a 17 anos, revelando a expressividade do número de adolescente dessa faixa etária que acessam as redes sociais. Segundo a mesma pesquisa, 92,0% dos adolescentes que estão no ensino médio afirmam possuir um perfil em alguma rede social. Dados esses que justificam e vão de encontro com os achados da atual pesquisa, ao passo em que todos os jovens alunos possuíam acesso a aplicativos de redes sociais.

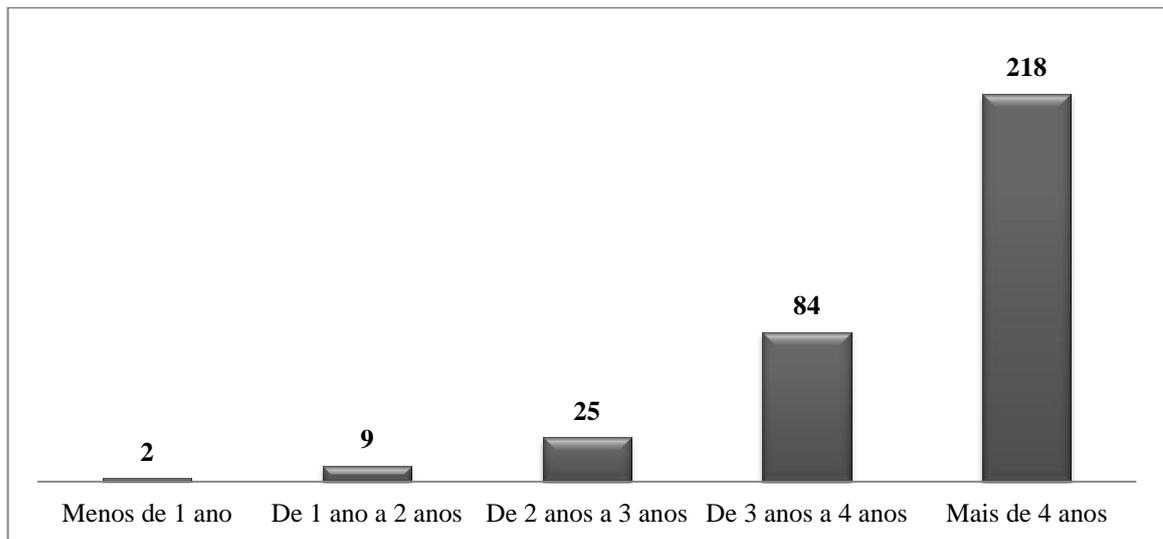
Com relação ao ano em que estuda, o Gráfico 8 revela que 152 (44,7%) jovens alunos da amostra da atual pesquisa estudam no primeiro ano, 79 (23,2%) estão no segundo ano e 109 (32,1%) estudam no terceiro ano.

Gráfico 8 – Ano em que estuda



Referente ao tempo que utiliza os aplicativos, a grande maioria dos jovens (218 jovens, 64,5%) afirmou que os utiliza a mais de 4 anos. Além disso, 84 jovens (24,9%) utilizam de 3 anos a 4 anos, 25 jovens (7,4%) acessam os aplicativos de 2 a 3 anos, 9 (2,7%) utilizam de 1 ano a 2 anos e apenas 2 jovens (0,6%) acessam os aplicativos a menos de 1 ano. Esses dados são expostos no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Tempo que utiliza os aplicativos



Ao realizar o cruzamento entre o gênero dos jovens e há quanto tempo usam os aplicativos (considerando desde o seu primeiro acesso), evidenciou-se que entre os jovens do gênero feminino: a maioria (112 jovens, 66,6%) usa os aplicativos a mais de 4 anos, 40 (23,8%) jovens usam de 3 a 4 anos, 11 jovens (6,6%) usam de 2 a 3 anos, 4 (2,4%) acessam os aplicativos de 1 a 2 anos e apenas 1 (0,6%) usa a menos de 1 ano.

Com relação aos jovens do gênero masculino: a maior parte (105 jovens, 62,1%) também usa os aplicativos a mais de 4 anos, seguidos de 44 (26,0%) jovens que usam de 3 a 4 anos, 14 (8,3%) revelaram usar os aplicativos de 2 a 3 anos, 5 (3,0%) tiveram o primeiro acesso a 2 e 3 anos e apenas 1 (0,6%) jovem usou os aplicativos a menos de 1 ano. Ressalta-se que 2 jovens do gênero masculino não responderam há quanto tempo utilizam os aplicativos. Os dados do cruzamento são expostos na Tabela 2.

Tabela 2 – Cruzamento entre gênero e há quanto tempo utiliza os aplicativos

Gênero	Há quanto tempo utiliza os aplicativos					Total
	Menos de 1 ano	De 1 a 2 anos	De 2 anos a 3 anos	De 3 anos a 4 anos	Mais de 4 anos	
Feminino	1	4	11	40	112	168
Masculino	1	5	14	44	105	169
Total	2	9	25	84	217	337

Assim, conforme exposto na Tabela 2, evidencia-se que a maioria dos jovens do gênero feminino (112 jovens, 66,6%) e masculino (105 jovens, 62,1%) apresentaram seu primeiro acesso aos aplicativos de redes sociais a mais de 4 anos, ou seja, quando possuíam

pelo menos 10 anos de idade. A pesquisa TIC Kids Online Brasil, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR, 2015) com mais de 23 milhões de brasileiros usuários de internet, na faixa etária de 9 a 17 anos, também apontou resultado semelhante ao cruzar o gênero e a idade do primeiro acesso a internet. Assim, os dados encontrados apontaram que a maioria dos jovens do gênero masculino (17,0%) revelaram seu primeiro acesso aos 10 anos e acima de 12 anos (16,0%). Entre as mulheres, a maioria também apresentou seu primeiro acesso a internet aos 10 anos (14,0%) e acima dos 12 anos de idade (14,0%).

Na sequência, realizando o cruzamento dos dados de idade com o tempo em que usa os aplicativos (Tabela 3), evidenciou-se que dentre os 4 jovens de 14 anos participantes da pesquisa, verificou-se que: 1 (25,0%) acessou os aplicativos a menos de um ano, 1 (25,0%) de 1 a 2 anos, 1 (25,0%) de 2 a 3 anos e 1 (25,0%) dos jovens apresentou seu primeiro acesso a mais de 4 anos. Dentre os 65 jovens que possuem 15 anos, a maioria (34 jovens, 52,3%) usam os aplicativos a mais de 4 anos, 22 jovens (33,8%) usam de 3 a 4 anos, 6 (9,2%) tiveram seu primeiro acesso de 2 a 3 anos e 3 jovens (4,6%) usam os aplicativos de 1 a 2 anos. A maioria dos 125 jovens de 16 anos que responderam a quanto tempo usam os aplicativos, (84 jovens, 67,2%) afirmaram usar os aplicativos a mais de 4 anos, seguidos de 25 (20,0%) que tiveram seu primeiro acesso há 3 e 4 anos, 13 (10,4%) usam de 2 a 3 anos, e 3 jovens (2,4%) tiveram seu primeiro contato com os aplicativos há 1 e 2 anos.

Referente aos 110 pesquisados de 17 anos, a maioria (74 jovens, 67,3%) também acessou os aplicativos a mais de 4 anos, seguidos de 29 jovens (26,4%) que usaram de 3 a 4 anos, 4 jovens (3,6%) acessaram de 2 a 3 anos, 2 (1,8%) de 1 a 2 anos e apenas 1 (0,9%) acessou os aplicativos a menos de 1 ano. Sobre os 26 jovens que apresentam 18 anos, a maioria (19 jovens, 73,1%) também teve seu primeiro acesso aos aplicativos a mais de 4 anos, vindo na sequência 7 jovens (26,9%) que acessaram de 3 a 4 anos.

Quanto aos 5 jovens que apresentam 19 anos, a maioria (4 jovens, 80,0%) também revelou seu primeiro acesso a mais de 4 anos e apenas 1 jovem (20,0%) afirmou ter acessado os aplicativos há 2 ou 3 anos. Por fim, o jovem que afirmou ter 22 anos revelou que seu primeiro acesso foi a mais de 4 anos. Assim, verificou-se que um jovem de 16 anos não respondeu a quanto tempo utiliza os aplicativos, bem como 1 jovem que afirmou acessar de 3 anos a 4 anos e outro jovem que assinalou que acessa os aplicativos a mais de 4 anos não assinalaram sobre a sua idade.

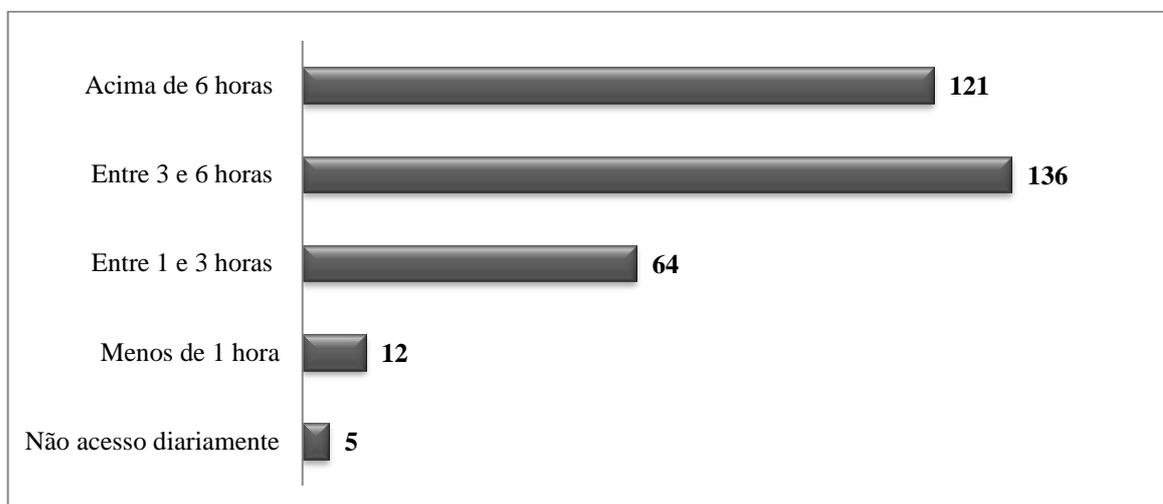
Tabela 3 – Cruzamento entre idade e há quanto tempo utiliza os aplicativos

Idade	Há quanto tempo utiliza os aplicativos					Total
	Menos de 1 ano	De 1 a 2 Anos	De 2 anos a 3 anos	De 3 anos a 4 anos	Mais de 4 anos	
14 anos	1	1	1	-	1	4
15 anos	-	3	6	22	34	65
16 anos	-	3	13	25	84	125
17 anos	1	2	4	29	74	110
18 anos	-	-	-	7	19	26
19 anos	-	-	1	-	4	5
22 anos	-	-	-	-	1	1
Total	2	9	25	83	217	

Assim sendo, evidencia-se que a maioria dos jovens (exceto dos jovens de 14 anos) teve seu primeiro acesso as redes sociais a mais de 4 anos, sendo assim, a idade mínima que acessaram os aplicativos ficou na faixa dos 11 anos de idade. Além disso, a idade de concentração dos jovens que acessam a mais de 4 anos ficou na faixa dos 15 a 19 anos. Conforme também aponta pesquisa citada anteriormente, a TIC Kids Online Brasil (CETIC.BR, 2015), a maioria dos jovens também revelou seu primeiro acesso por volta dos 10 anos de idade (16,0% dos pesquisados) e também com mais de 12 anos (15,0% dos pesquisados).

Referente ao tempo diário de acesso dos aplicativos, exposto no Gráfico 10, a maior parte dos pesquisados, 136 jovens (40,2%) acessam entre 3 e 6 horas, 121 (35,8%) jovens estão conectados acima de 6 horas por dia, 64 (18,9%) entre 1 hora e 3 horas, 12 jovens (3,6%) menos de 1 hora e apenas 5 jovens (1,5%) não acessam diariamente.

Gráfico 10 – Acesso diário aos aplicativos



Na realização da tabulação cruzada entre o gênero e o tempo de acesso diário aos aplicativos, exposta na Tabela 4, evidenciou-se que entre as 168 jovens do gênero feminino a maioria (74 jovens, 44,0%) afirmou acessar os aplicativos entre 3 e 6 horas, seguidas de 59 jovens (35,2%) que apontaram ter acesso acima de 6 horas, 32 jovens (19,0%) afirmaram dispendem entre 1 e 3 horas diárias aos aplicativos, sendo que apenas 3 jovens (1,8%) revelaram não ter acesso diário aos seus aplicativos.

Com relação aos 169 jovens do gênero masculino, a maioria (62 jovens, 36,7%) também apontou acessar os aplicativos entre 3 e 6 horas diariamente, seguidos de 61 (36,1%) que apresentam acesso diário superior a 6 horas, sendo que 32 jovens (18,9%) dispendem entre 1 e 3 horas diárias, 12 (7,1%) revelaram acessar menos de 1 hora por dia e apenas 2 (1,2%) não acessam diariamente seus aplicativos de redes sociais. Evidenciou-se que 2 jovens do gênero masculino não responderam sobre o seu tempo de acesso diário aos aplicativos.

Tabela 4 – Cruzamento entre gênero e tempo de acesso diário aos aplicativos

Gênero	Tempo de acesso diário aos aplicativos					Total
	Não acesso diariamente	Menos de 1 hora por dia	Entre 1 e 3 horas por dia	Entre 3 e 6 horas por dia	Acima de 6 horas por dia	
Feminino	3	-	32	74	59	168
Masculino	2	12	32	62	61	169
Total	5	12	64	136	120	337

Assim sendo, verificou-se que com relação ao gênero dos jovens da Geração Z que compuseram a amostra da pesquisa, a maioria do gênero feminino (133 jovens, 79,2%) e masculino (123 jovens, 72,8%) acessam os aplicativos entre 3 e 6 horas por dia, bem como acima de 6 horas por dia. A pesquisa TIC Kids Online Brasil (CETIC.BR, 2015) também revelou que 68,0% dos jovens do gênero masculino e 67,0% do gênero feminino acessam mais de uma vez por dia.

Cruzando os dados de idade dos jovens e o seu tempo diário de acesso aos aplicativos (Tabela 5), evidenciou-se que entre os 4 jovens de 14 anos, a metade (2 jovens, 50,0%) acessam entre 1 e 3 horas por dia, 1 jovem (25,0%) acessa entre 3 e 6 horas e 1 jovem (25,0%) acima de 6 horas. Sobre os 65 jovens com 15 anos, a maioria (26 jovens, 40,0%) dispendem entre 3 e 6 horas diárias aos aplicativos, seguidos de 17 jovens (26,2%) que afirmaram acessar diariamente entre 1 e 3 horas e 17 jovens (26,2%) também acessam acima de 6 horas, 3 jovens (4,6%) dessa idade acessam menos de 1 hora por dia, e apenas 2 jovens (3,0%) não acessam diariamente. Quanto aos 125 jovens com 16 anos, a maioria (50 jovens,

40,0%) apontou acessar os aplicativos acima de 6 horas diárias, seguidos de 48 jovens (38,4%) que acessam entre 3 e 6 horas, 24 (19,2%) apresentaram acesso diário entre 1 e 3 horas por dia e 3 jovens (2,4%) dispõem menos de 1 hora por dia para os aplicativos.

Dos 110 pesquisados de 17 anos, a maioria (48 jovens, 43,6%) revelou acesso diário entre 3 e 6 horas por dia, 39 (35,6%) afirmaram acessar acima de 6 horas por dia, 16 (14,5%) acessam entre 1 e 3 horas diariamente, 5 (4,5%) dispõem menos de 1 hora por dia aos aplicativos e apenas 2 pesquisados (1,8%) dessa idade revelaram não acessar diariamente os aplicativos. Com relação aos 26 jovens de 18 anos, 12 (46,2%) acessam os aplicativos por mais de 6 horas ao longo do dia, 8 (30,8%) acessam entre 3 e 6 horas, 4 (15,4%) entre 1 e 3 horas, sendo que 1 jovem (3,8%) afirmou ter acesso inferior a uma hora diária e também 1 (3,8%) dos jovens demonstrou não acessar diariamente.

Dentre os 5 jovens de 19 anos, a maioria (3 jovens, 60,0%) acessam os aplicativos entre 3 e 6 horas por dia, e os demais (2 jovens, 40,0%) apontaram acessar entre 1 e 3 horas e acima de 6 horas por dia. Por fim, o pesquisado de 22 anos revelou que acessa os aplicativos acima de 6 horas diárias. Evidenciou-se que um jovem de 16 anos não respondeu o seu tempo de acesso diário aos aplicativos, bem como dois jovens que acessam entre 3 e 6 horas por dia não revelaram a sua idade.

Tabela 5 – Cruzamento entre idade e tempo de acesso diário aos aplicativos

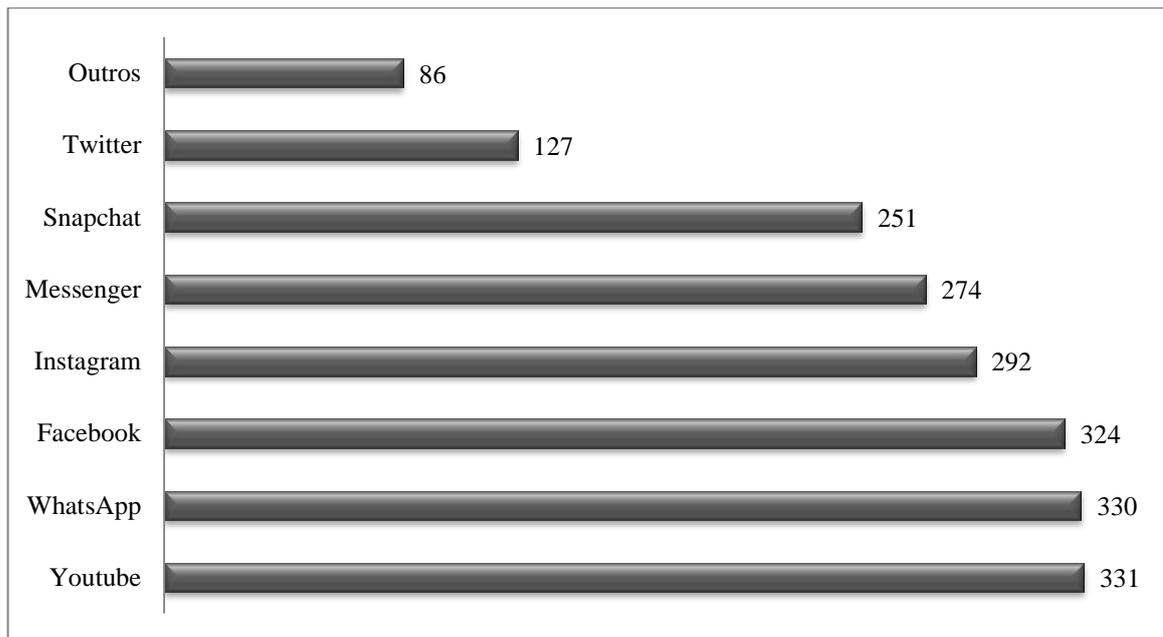
Idade	Tempo de acesso diário aos aplicativos					Total
	Não acesso diariamente	Menos de 1 hora por dia	Entre 1 e 3 horas por dia	Entre 3 e 6 horas por dia	Acima de 6 horas por dia	
14 anos	-	-	2	1	1	4
15 anos	2	3	17	26	17	65
16 anos	-	3	24	48	50	125
17 anos	2	5	16	48	39	110
18 anos	1	1	4	8	12	26
19 anos	-	-	1	3	1	5
22 anos	-	-	-	0	1	1
Total	5	12	64	134	121	336

Desse modo, evidenciou-se a maioria dos jovens acessam entre 3 e 6 horas por dia, bem como acima de 6 horas diárias, sendo representados em sua maioria por jovens de 16 e 17 anos. Uma pesquisa realizada pela GlobalWebIndex e divulgada pela Folha de São Paulo (2015), apontou que os brasileiros de 16 a 24 anos acessam as redes sociais por 3 horas e 40 minutos em média diariamente, tempo diário esse que vai de encontro ao tempo de acesso diário da maioria dos estudantes pesquisados na atual pesquisa.

Quando questionados sobre quais são os aplicativos que utilizam, conforme exposto no Gráfico 11, 331 alunos (97,4%) utilizam o Youtube, 330 (97,1%) alunos acessam o WhatsApp, 324 (95,3%) o Facebook, 292 (85,9%) a rede social Instagram, 274 (80,6%) alunos o Messenger, 251 (73,8%) Snapchat, 127 (37,4%) o Twitter e 86 alunos (25,3%) afirmaram que utilizam outros aplicativos.

Indo de encontro aos achados da atual pesquisa, um estudo realizado pelo Ibope e noticiado pelo Portal G1 (2017), revelou que os aplicativos das redes sociais mais acessadas no Brasil são o WhatsApp (utilizado por 91,0% dos entrevistados), o Facebook (utilizado por 86,0%), o Instagram (acessado por 60,0% dos pesquisados), o Messenger (59,0% dos acessos) e o Twitter (28,0% acessam essa rede social).

Gráfico 11 – Aplicativos de redes sociais utilizados



Em síntese, a amostra do estudo constituiu-se em sua maioria por alunos do ensino médio que estudam na rede pública de ensino (58,5%), estão cursando o primeiro ano (44,7%), possui 16 anos (37,3%), é do gênero feminino (50,4%), realizaram seu primeiro acesso aos aplicativos a mais de 4 anos (64,5%), acessam os aplicativos acima de 6 horas por dia (40,2%) e os aplicativos de redes sociais que mais acessam são o Youtube, o WhatsApp e o Facebook.

4.2 VALIDAÇÃO ESTATÍSTICA E CONFIABILIDADE

De acordo com Hair Jr. et al. (2009), para possibilitar a realização da Análise Fatorial é necessário que a amostra seja adequada, sendo necessário pelo menos 5 observações em cada variável do instrumento de pesquisa. Como o instrumento de coleta do atual estudo era constituído por 24 variáveis, tornou-se necessário 120 observações. Desse modo, a amostra do atual estudo formou-se por 340 respondentes, indicando adequação amostral para realização da AFE.

De acordo com Latif (2004), a AFE apresenta quatro etapas para sua elaboração, sendo a primeira o cálculo da matriz de correlação das variáveis em estudo para a verificação do grau de associação entre as variáveis, duas a duas. Na sequência, a extração dos fatores mais significativos que representarão os dados, através do método mais adequado. A terceira etapa envolve a aplicação da rotação nos fatores, promovendo o entendimento dos mesmos, e a última fase de análise envolve a geração dos escores fatoriais para utilização em outras análises.

Para verificar as correlações entre variáveis (primeira etapa), utilizou-se o Teste de Esfericidade de Bartlett (sig. $p < 0,001$), indicando a fatorabilidade dos dados, e a medida de adequação da amostra, Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), cujo índice varia de 0 a 1. O teste KMO deve ter resultado maior ou igual a 0,6 para que a correlação entre cada par de variáveis seja explicada pelas demais variáveis do estudo (LATIF, 2004). No caso desta pesquisa, o resultado encontrado nesse teste foi de 0,848, que em análise conjunta com o resultado do Teste de Esfericidade de Bartlett, que se demonstrou significativo a 0,000, indicando que a AFE é adequada a este estudo, segundo Hair Jr. et al. (2005).

Na sequência da interpretação fatorial segue a análise das comunalidades, com vistas a verificar se as variáveis atendem níveis aceitáveis de explicação. Para Hair Jr et al. (2009), as comunalidades englobam o total da variância que uma variável original compartilha com as outras variáveis. Com variação de 0,000 a 1,000, esses autores indicam que as comunalidades devem ser maiores que 0,500 para que as variáveis possam ser mantidas na análise. Na Tabela 6 são observadas as comunalidades com valores aceitáveis, ou seja, maiores que 0,500.

Tabela 6 – Comunalidades das variáveis

Fatores e Variáveis	Com.
Fator 1: “Uso e Tensão”	
Ue2: Gasto muito tempo usando aplicativos de redes sociais.	0,522
Ue3: Gasto mais tempo usando aplicativos de redes sociais do que a maioria das pessoas.	0,653
T4: Sinto-me desgastado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	0,569
Ta2: Pessoas próximas a mim afirmam que pareço cansado devido ao uso excessivo de aplicativos de redes sociais.	0,669
Ta3: Aos olhos dos outros, pareço mais nervoso por utilizar os aplicativos de redes sociais todos os dias.	0,552
Ta4: Às vezes, pessoas que convivem comigo dizem que pareço esgotado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	0,650
Fator 2: “Preocupação Cognitiva”	
Pc1: Quando fico sem usar os aplicativos de redes sociais por algum tempo, fico preocupado e pensando em usá-los.	0,760
Pc2: Sinto-me desconfortável quando não posso usar os aplicativos de redes sociais.	0,762
Pc3: Penso muito nos aplicativos móveis quando não estou usando-os.	0,648
Fator 3: “Conflito entre tecnologia e vida escolar”	
Tve1: O uso de aplicativos de redes sociais influencia minhas tarefas da escolar.	0,729
Tve2: Negligencio trabalhos da escola para passar mais tempo nos aplicativos de redes sociais.	0,664
Tve3: Meu desempenho na escola e minha concentração são influenciados pelo uso de aplicativos de redes sociais.	0,594
Fator 4: “Conflito entre tecnologia e vida pessoal”	
Tvp2: Usar aplicativos de redes sociais a noite influencia no meu sono.	0,658
Tvp3: Perco o sono devido a utilização de aplicativos de redes sociais.	0,624
Fator 5: “Conflito entre tecnologia e vida social”	
Tvs1: O uso de aplicativos de redes sociais no celular me afasta da minha família e dos meus amigos mais do que eu gostaria.	0,582
Tvs2: O uso de aplicativos de redes sociais toma um tempo que eu sinto que deveria gastar com minha família e amigos	0,559
Tvs4: Acredito ter tempo suficiente para usar meus aplicativos de redes sociais e passar tempo com a família e amigos	0,627

Após as três rodadas de análise fatorial realizadas, tornou-se necessária a retirada de 5 variáveis do fator 1 (Ue1, T1, T2, T3, Ta1), uma variável do fator 4 (Tvp1) e também de uma variável do fator 5 (Tvs3), por apresentarem comunalidades inferiores a 0,500, valor esse que mede a proporção da variância explicada pelo fator e que, por regra prática, deve ser maior que 0,500 para cada variável (LATIF, 2004).

Na segunda e terceira etapa da AFE, conforme orientação de Latif (2004) foi realizada a extração dos fatores através do método de análise de componentes principais, com rotação ortogonal do tipo Varimax, objetivando simplificar as colunas da matriz fatorial. O número de fatores foi estabelecido levando em consideração a variância total explicada, com fatores cujos autovalores são maiores do que 1,0 e em número suficientes para atender um percentual de variância explicada de, pelo menos, 60,00% (HAIR JR et al., 2009). A variância total explicada atingida foi 63,65%, conforme exposto na Tabela 7, indicando a existência de 5 fatores, descritos na sequência.

Tabela 7 – Variância total explicada

Fator	Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	5,48	32,23	32,23	2,72	15,99	15,99
2	1,65	9,68	41,91	2,60	15,31	31,30
3	1,42	8,33	50,24	2,18	12,82	44,12
4	1,24	7,30	57,54	1,75	10,31	54,43
5	1,03	6,11	63,65	1,57	9,22	63,65

O primeiro fator, que explica 32,23% da variância, engloba o grupo de variáveis relacionadas ao uso excessivo e tensão tecnológica, sendo denominado “uso e tensão”. O fator foi composto por 6 variáveis, sendo que as cargas fatoriais variaram entre 0,511 a 0,780. As variáveis que compõem esse fator, bem como a carga fatorial de cada uma delas, estão descritas na Tabela 8. Para Salanova, Llorens e Cifre (2013), a adição de tecnologia é uma experiência específica de tensão tecnológica devido a uma compulsão incontrolável de usar excessivamente a tecnologia em todos os lugares e a qualquer hora por longos períodos. Zheng e Lee (2016) propõe que o estresse tecnológico abrange a tensão e adição tecnológica (uso excessivo), que são duas experiências psicológicas diferentes, mas relacionadas. Desse modo, a união entre os fatores uso excessivo e tensão tecnológica aponta a semelhança entre essas duas experiências psicológicas nas respostas dos jovens.

Tabela 8 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 1

Variáveis	Carga fatorial
Ue2: Gasto muito tempo usando aplicativos de redes sociais.	0,511
Ue3: Gasto mais tempo usando aplicativos de redes sociais do que a maioria das pessoas.	0,548
T4: Sinto-me desgastado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	0,621
Ta2: Pessoas próximas a mim afirmam que pareço cansado devido ao uso excessivo de aplicativos de redes sociais.	0,780
Ta3: Aos olhos dos outros, pareço mais nervoso por utilizar os aplicativos de redes sociais todos os dias.	0,545
Ta4: Às vezes, pessoas que convivem comigo dizem que pareço esgotado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	0,767

O fator 2, explicando 9,68% da variância, formou-se pelas assertivas que englobaram a preocupação cognitiva, sendo composto por 3 variáveis que obtiveram cargas fatoriais variando de 0,759 a 0,853, conforme revela a Tabela 9. As pesquisas de Caplan e High (2006) e Zheng e Lee (2016) também apontaram a formação do fator preocupação cognitiva com essas três variáveis.

Tabela 9 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 2

Variáveis	Carga fatorial
Pc1: Quando fico sem usar os aplicativos de redes sociais por algum tempo, fico preocupado e pensando em usá-los.	0,853
Pc2: Sinto-me desconfortável quando não posso usar os aplicativos de redes sociais.	0,850
Pc3: Penso muito nos aplicativos móveis quando não estou usando-os.	0,759

O terceiro fator englobou as variáveis relacionadas ao conflito entre tecnologia e vida escolar, apresentando variância explicada de 8,33%. Assim, formou-se por 3 variáveis (Tve1, Tve2 e Tve3), cujas cargas fatoriais variaram entre 0,668 e 0,777, conforme apresentado na Tabela 10. No estudo de Zheng e Lee (2016), foram mantidas as três variáveis, contudo relacionavam-se ao conflito entre a tecnologia e vida profissional. Hong, Chiu e Huang (2012) aplicaram uma pesquisa junto a estudantes femininas em Taiwan e assim como na presente pesquisa, mensuraram o conflito entre tecnologia e vida escolar, também mantendo as três variáveis na AFE.

Tabela 10 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 3

Variáveis	Carga fatorial
Tve1: O uso de aplicativos de redes sociais influencia minhas tarefas da escolar.	0,777
Tve2: Negligencio trabalhos da escola para passar mais tempo nos aplicativos de redes sociais.	0,751
Tve3: Meu desempenho na escola e minha concentração são influenciados pelo uso de aplicativos de redes sociais.	0,668

O fator 4 explicou 7,30% da variância do modelo, agrupando as variáveis que abordaram sobre o conflito entre tecnologia e vida pessoal. Desse modo, o fator formou-se por duas variáveis (Tvp2 e Tvp3), que apresentaram cargas fatoriais de 0,713 e 0,762 (Tabela 11). Contrariando os achados de Zheng e Lee (2016), cujos autores mantiveram as três variáveis do construto (Tvp1, Tvp e Tvp3), pois alcançaram valores adequados.

Tabela 11 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 4

Variáveis	Carga fatorial
Tvp2: Usar aplicativos de redes sociais a noite influencia no meu sono.	0,762
Tvp3: Perco o sono devido a utilização de aplicativos de redes sociais.	0,713

Por fim, o quinto fator teve sua composição relacionada a 3 variáveis (Tvs1, Tvs2 e Tvs4) que mensuraram o conflito entre tecnologia e vida social, cujas cargas fatoriais são

apresentadas na Tabela 12. Além disso, esse fator explicou 6,11% da variância do modelo. Corroborando com as pesquisas de Zheng e Lee (2016) e Turel, Serenko e Bontis (2011), a variável Tvs3 foi removida na etapa de análise fatorial por apresentar comunalidade inferior a adequada.

Tabela 12 – Variáveis e cargas fatoriais do fator 5

Variáveis	Carga fatorial
Tvs1: O uso de aplicativos de redes sociais no celular me afasta da minha família e dos meus amigos mais do que eu gostaria.	0,592
Tvs2: O uso de aplicativos de redes sociais toma um tempo que eu sinto que deveria gastar com minha família e amigos.	0,527
Tvs4: Acredito ter tempo suficiente para usar meus aplicativos de redes sociais e passar tempo com a família e amigos.	0,765

Após a descrição dos 5 fatores, faz-se necessário analisar o grau de consistência, ou seja, a confiabilidade dos fatores. Dessa forma, foi calculado o *Alpha* de Cronbach de cada fator. Tal procedimento apresentou resultados aceitáveis, ou seja, índices maiores do que 0,6, indicando a consistência interna dos fatores (MALHOTRA, 2012).

Conforme exposto na Tabela 13, o maior *Alpha* encontrado foi no fator 2: “preocupação cognitiva”, com $\alpha=0,827$. De acordo com Field (2009), índices entre $0,8 \leq \alpha < 0,9$ são considerados bons. Na sequência, o fator 1: “uso e tensão” apresentou $\alpha=0,784$, o fator 3: “conflito entre tecnologia e vida escolar” obteve $\alpha=0,699$, sendo que de acordo com Field (2009) esses valores entre $0,7 \leq \alpha < 0,8$ representam índices aceitáveis. O fator 5: “conflito entre tecnologia e vida social” apresentou índice $\alpha=0,642$ (após a exclusão da variável Tvs4) e o fator 4: “conflito entre tecnologia e vida pessoal” obteve $\alpha=0,604$, índices adequados para análise.

No estudo de Zheng e Lee (2016) todos os fatores apresentaram α significativos, com valores acima de 0,80. Desse modo, ao realizar-se a comparação dos índices de confiabilidade obtidos, também exposto na Tabela 13, evidencia-se que apenas na dimensão preocupação cognitiva os resultados foram mais semelhantes, sendo que na pesquisa atual o *Alpha* foi 0,827 e na pesquisa dos autores 0,84.

Assim, o uso excessivo da pesquisa de Zheng e Lee (2016) atingiu o maior *Alpha* do modelo ($\alpha=0,93$); seguido do *Alpha* de conflito entre tecnologia e vida profissional (adaptado como conflito entre tecnologia e vida escolar) com índice $\alpha=0,92$; vindo após o conflito entre tecnologia e vida social, com $\alpha=0,88$; seguido da dimensão tensão ($\alpha=0,87$); e por fim as

dimensões preocupação cognitiva e conflito entre tecnologia e vida pessoal apresentaram $\alpha=0,84$. Desse modo, o estudo de Zheng e Lee (2016) apresentou índices variando entre 0,84 e 0,93, sendo que são considerados bons os índices entre $0,8 \leq \alpha < 0,9$ e $\alpha > 0,9$ diz respeito a índices ótimos (FIELD, 2009).

Tabela 13 – *Alpha* de Cronbach

Dimensões	<i>Alpha</i> de Cronbach (α)	<i>Alpha</i> de Cronbach (ZHENG; LEE, 2016)
Fator 1: “Uso e tensão”	0,784	-
Uso Excessivo	-	0,84
Fator 2: “Preocupação cognitiva”	0,827	0,88
Fator 3: “Conflito entre tecnologia e vida escolar”	0,699	0,93
Fator 4: “Conflito entre tecnologia e vida pessoal”	0,604	0,87
Fator 5: “Conflito entre tecnologia e vida social”	0,642	0,84
Tensão	-	0,92

Desse modo, como resultado final da validação estatística e confiabilidade do modelo, foram encontrados 5 fatores: uso e tensão, preocupação cognitiva, conflito entre tecnologia e vida escolar, conflito entre tecnologia e vida pessoal e conflito entre tecnologia e vida social. Além disso, foram excluídas as variáveis: Ue1, Ta1, T1, T2 e T3 do fator 1; Tvs3 e Tvs4 do fator 5; e Tvp1 do fator 4.

Destaca-se que na pesquisa de Zheng e Lee (2016) foram encontrados seis fatores: uso excessivo, preocupação cognitiva, conflito entre tecnologia e vida pessoal, conflito entre tecnologia e vida social e conflito entre tecnologia e vida profissional (adaptado para vida escolar na atual pesquisa). Contudo, na atual pesquisa o fator 1 formou-se pela união entre as variáveis que mensuraram o uso excessivo e a tensão tecnológica, formando o fator “uso e tensão”, cujos aspectos foram discutidos na apresentação das variáveis que integraram o fator.

Realizada a verificação da formação dos fatores e a consistência interna do modelo da atual pesquisa, foram realizadas as estatísticas descritivas, bem como os Teste T e ANOVA, conforme descrito na sequência.

4.3 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES

Em um primeiro momento é realizado o estudo das médias e desvios-padrões das variáveis e também dos fatores da pesquisa, para averiguar as percepções dos estudantes sobre o uso e tensão, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos de

redes sociais. Na sequência é realizada a comparação entre as médias (Teste T e Teste ANOVA), para apontar divergências estatísticas nas opiniões dos jovens da Geração Z.

Para Hair Jr et al. (2005), a média é uma das medidas mais usadas de tendência central e o desvio padrão evidencia a dispersão da variabilidade dos valores de distribuição da amostra a partir da média, sendo talvez o índice mais valioso da dispersão. Como a escala *Likert* variou de 1 a 7 pontos, qualquer média acima do meio da escala é considerada uma boa avaliação (HAIR JR et al., 2009).

Desse modo, se o desvio-padrão for menor que 1, revela que os respondentes tendem a ter opiniões semelhantes sobre o mesmo assunto, se ele for maior que 1, significa que os respondentes apresentaram divergências entre si (HAIR JR et al., 2009).

A média mais elevada dentre as variáveis do fator 1 (Tabela 14) foi na afirmação Ue2 (média 4,31), onde os jovens revelaram que não concordam e nem discordam que gastam muito tempo usando os aplicativos de redes sociais. As demais médias variaram entre 2,19 e 2,70, indicando que os jovens revelaram discordância que: gastam mais tempo usando os aplicativos do que a maioria das pessoas, pessoas próximas afirmam que parecem cansados, mais nervosos e desgastados devido as atividades dos aplicativos, bem como discordam que se sentem desgastados devido a essas atividades nos aplicativos. Os desvios padrões variaram entre 1,42 e 1,94, indicando discordância nas opiniões.

Tabela 14 – Médias e desvios-padrões do fator 1

Variáveis	Média	Desvio-padrão
Ue2: Gasto muito tempo usando aplicativos de redes sociais.	4,31	1,94
Ue3: Gasto mais tempo usando aplicativos de redes sociais do que a maioria das pessoas.	2,70	1,60
T4: Sinto-me desgastado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	2,66	1,61
Ta2: Pessoas próximas a mim afirmam que pareço cansado devido ao uso excessivo de aplicativos de redes sociais.	2,54	1,70
Ta3: Aos olhos dos outros, pareço mais nervoso por utilizar os aplicativos de redes sociais todos os dias.	2,19	1,46
Ta4: Às vezes, pessoas que convivem comigo dizem que pareço esgotado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	2,34	1,42

No que se refere ao fator 2, ou seja, aos aspectos de preocupação cognitiva, observa-se na Tabela 15, que a maior média foi encontrada na variável Pc1 (média 4,06), onde os estudantes concordam levemente que ficam preocupados e pensando em usar os aplicativos quando ficam sem utilizá-los por algum tempo. Contudo, essa variável também apresentou o

maior desvio-padrão (desvio 2,02), indicando maior discordância entre as opiniões dos estudantes.

Na sequência, a afirmação Pc2 apresentou média 3,70, revelando que os estudantes não concordam e não discordam que se sentem desconfortáveis quando não podem usar os aplicativos de redes sociais. A afirmação Pc3 apresentou a menor média (3,18), indicando que os pesquisados tendem a discordar parcialmente que pensam muito nos aplicativos quando não estão os usando, essa afirmação apresentou o menor desvio-padrão (1,90), revelando maiores concordâncias nas opiniões dessa afirmação de preocupação cognitiva.

Tabela 15 – Médias e desvios-padrões do fator 2

Variáveis	Média	Desvio-padrão
Pc1: Quando fico sem usar os aplicativos de redes sociais por algum tempo, fico preocupado e pensando em usá-los.	4,06	2,02
Pc2: Sinto-me desconfortável quando não posso usar os aplicativos de redes sociais.	3,70	1,94
Pc3: Penso muito nos aplicativos móveis quando não estou usando-os.	3,18	1,90

Referente ao fator 3 (conflito entre tecnologia e vida escolar), observou-se pequenas variações entre as médias e desvios-padrões, conforme exposto na Tabela 16. A média mais elevada foi encontrada na variável Tve1 (média 3,72), revelando que os alunos não discordam e nem concordam que o uso dos aplicativos os afeta nas atividades escolares. Na sequência, a variável Tve3 (média 3,50) apresentou a segunda maior média, mostrando que os alunos também não concordam e nem discordam que o seu desempenho e concentração na escola são influenciados pelo uso de aplicativos, essa variável obteve o maior desvio-padrão (1,97), o que revela que os alunos discordaram mais nessa afirmação. A menor média foi obtida na variável Tve2 (média 3,04), onde os alunos discordaram parcialmente que negligenciam os trabalhos da escola devido aos aplicativos.

Tabela 16 – Médias e desvios-padrões do fator 3

Variáveis	Média	Desvio-padrão
Tve1: O uso de aplicativos de redes sociais influencia minhas tarefas da escolar.	3,72	1,93
Tve2: Negligencio trabalhos da escola para passar mais tempo nos aplicativos de redes sociais.	3,04	1,87
Tve3: Meu desempenho na escola e minha concentração são influenciados pelo uso de aplicativos de redes sociais.	3,50	1,97

Com relação ao conflito entre tecnologia e vida pessoal, que formou o fator 4, evidenciou-se variações entre as médias e discordância entre a opinião dos alunos. O escore mais alto foi encontrado na variável Tvp2 (média 4,47), indicando que os alunos concordam levemente que o uso dos aplicativos influencia no seu sono. A variável Tvp3 apresentou média 3,63, indicando que os alunos não concordam e não discordam que perdem o sono devido ao uso dos aplicativos. Esses dados são expostos na Tabela 17.

Tabela 17 – Médias e desvios-padrões do fator 4

Variáveis	Média	Desvio-padrão
Tvp2: Usar aplicativos de redes sociais a noite influencia no meu sono	4,47	2,08
Tvp3: Perco o sono devido a utilização de aplicativos de redes sociais	3,63	2,05

Por fim, no fator 5, formado pela dimensão conflito entre tecnologia e vida social, observaram-se variações entre as duas variáveis (Tvs1 e Tvs2), conforme aponta a Tabela 18. A afirmação Tvs2 revelou que os estudantes discordam levemente (média 3,36) que os aplicativos consomem um tempo que deveriam gastar com família e amigos. Além disso, essa variável apresentou maior desvio (1,96), apontando maiores divergências entre as respostas. A menor média foi na variável Tvs1 (média 2,43), onde os estudantes discordaram que o uso de aplicativos os afasta dos seus amigos e família.

Tabela 18 – Médias e desvios-padrões do fator 5

Var.	Afirmação	Média	Desvio-padrão
Tvs1	O uso de aplicativos de redes sociais no celular me afasta da minha família e dos meus amigos mais do que eu gostaria.	2,43	1,71
Tvs2	O uso de aplicativos de redes sociais toma um tempo que eu sinto que deveria gastar com minha família e amigos.	3,36	1,96

Após apresentar as médias e desvios de cada variável, realizou-se a transformação de cada grupo de variáveis em um único fator, com base na AFE. Assim, com relação aos cinco fatores, conforme a Tabela 19, as melhores avaliações (acima de 3,50) foram obtidas no fator 4 (média 4,05) e no fator 2 (média 3,66). As menores avaliações pertenceram ao fator 3 (média 3,43), fator 5 (média 2,89), sendo a menor avaliação do modelo atrelada ao fator 1 (média 2,80).

Tabela 19 – Médias e desvios-padrões dos fatores

Fator	Média	Desvio-padrão
Fator 1: “Uso e tensão”	2,80	1,14
Fator 2: “Preocupação cognitiva	3,66	1,70
Fator 3: “Conflito entre tecnologia e vida escolar”	3,43	1,52
Fator 4: “Conflito entre tecnologia e vida pessoal”	4,05	1,75
Fator 5: “Conflito entre tecnologia e vida social”	2,89	1,58

Esses dados revelam que, de modo geral, os jovens não concordam e nem discordam que: o uso dos aplicativos influencia no seu sono e que apresentam preocupação quando não estão utilizando-os. Além disso, os jovens discordam parcialmente que o uso dos aplicativos influencia nas suas tarefas e no seu desempenho escolar. Os resultados também indicam que os jovens discordam que usam excessivamente os aplicativos, sentem-se desgastados ou que pessoas do seu convívio afirmam que se sentem esgotados, cansados e mais nervosos pelo uso dos aplicativos, bem como discordam que o uso desses aplicativos influencia nas suas atividades sociais. Além disso, os alunos apresentaram divergência em suas opiniões.

No estudo de Caplan e High (2006), com estudantes americanos de graduação, a média do fator preocupação cognitiva foi 2,20 (desvio-padrão=1,47) e o uso excessivo obteve média 2,40 (desvio-padrão=1,72), levando em consideração uma escala *Likert* de 8 pontos. Turel, Serenko e Bontis (2011), em sua pesquisa em três organizações, evidenciaram que o conflito entre tecnologia e vida social apresentou média de 2,16 (desvio-padrão=1,21). Os pesquisadores Hong, Chiu e Huang (2012), em um estudo com jovens estudantes femininas de graduação de Taiwan (através de uma escala *Likert* de 6 pontos), evidenciaram que o conflito entre tecnologia e vida escolar atingiu média de 1,99 (desvio-padrão=1,07), e na mesma pesquisa os autores apontaram que as jovens atrelaram média 2,32 (desvio-padrão=1,42) quando questionadas se os aplicativos influenciam no seu sono.

Desse modo, comparando ao estudo atual a essas pesquisas anteriores (CAPLAN; HIGH, 2006; TUREL; SERENKO; BONTIS, 2011; HONG; CHIU; HUANG, 2012), evidencia-se que, de modo geral, os indivíduos em diferentes contextos discordam ou apresentam opiniões neutras quanto ao seu uso excessivo, preocupação cognitiva e conflitos pessoais, sociais e escolares causados pelo uso dos aplicativos de redes sociais.

Após a realização da análise das médias e desvios-padrões, em uma segunda etapa realizou-se estatísticas bivariadas (Teste T e Teste ANOVA) com o intuito de comparar as médias obtidas na avaliação dos estudantes. Antes de escolher o teste estatístico, atestou-se a normalidade entre as distribuições dos dados através do Teste K-S de Kolmogorov-Smirnov.

Este teste “compara escores de uma amostra a uma distribuição normal modelo de mesma média e variância dos valores encontrados na amostra” (FIELD, 2009, p.112).

De acordo com Hair Jr. et al. (2005), o Teste T pode ser usado para testar uma hipótese que estabelece que as médias para as variáveis associadas com duas amostras ou grupos independentes serão iguais. O Teste T avalia se as diferenças observadas entre as médias de duas amostras ocorreram por acaso ou se houve diferença estatisticamente significativa, sendo o nível de significância adotado neste estudo de 5% ($\text{sig} \leq 0,05$).

Assim, realizou-se Teste T entre as variáveis escola pública e privada com os fatores do modelo e também entre o gênero dos jovens e os fatores do modelo. Desse modo, ao realizar o cruzamento entre escola pública e privada, verificou-se que não houve diferença estatisticamente significativa na avaliação dos fatores ($\text{sig} > 0,05$).

O gênero apresentou divergência significativa entre os jovens ($\text{sig} = 0,024$), conforme exposto na Tabela 20. Desse modo, evidenciou-se que os jovens do gênero masculino não concordam e nem discordam que o uso dos aplicativos de redes sociais influencia nas suas tarefas escolares, que negligenciam as tarefas e que o seu desempenho e concentração são influenciados pelo uso dos aplicativos. Já as jovens estudantes discordam parcialmente quanto a esses aspectos. Ambos os jovens, dos dois gêneros apresentaram variações semelhantes em sua concordância às afirmações do fator (desvio-padrão acima de 1,00).

Tabela 20 – Teste T: gênero e fatores

Fator	Média		Desvio-padrão		Sig.
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	
Fator 3: “Conflito entre tecnologia e vida escolar”	3,25	3,62	1,52	1,51	0,024

Na sequência, procedeu-se a realização do Teste ANOVA. Conforme aponta Hair Jr et al. (2005), esse teste é utilizado para avaliar as diferenças estatísticas entre as médias de dois ou mais grupos. Para o mesmo autor, o Teste F, avalia a diferença entre as médias, em relação a variância dentro dos grupos ao empregar o Teste ANOVA. Ainda segundo os autores, quando a variância entre grupos, em relação à variância dentro dos grupos, é maior, então a razão F será maior.

Desse modo, foi realizado o Teste ANOVA entre os cinco fatores do modelo de pesquisa e as seguintes variáveis do perfil: idade, ano em que estuda, há quanto tempo utiliza

os aplicativos e o tempo de acesso diário aos aplicativos. O Teste ANOVA demonstrou-se não significativo quanto ao tempo em que os jovens usam os aplicativos e o ano em que estudam, pois em ambas as análises, o Teste apresentou sig.>0,05, demonstrando não haver divergências entre as opiniões dos jovens. O Teste mostrou-se significativo entre a idade e o fator 3: “conflito entre tecnologia e vida escolar”, bem como entre o tempo de acesso diário com o fator 1: “uso e tensão”, fator 2: “preocupação cognitiva” e o fator 3.

Com relação a idade dos jovens e o fator 3 (sig.=0,30; F=2,26), evidenciou-se que os jovens entre 14 e 17 anos discordam ou discordam parcialmente (médias variando entre 2,33 a 3,51) que devido ao seu uso dos aplicativos de redes sociais negligenciam os trabalhos da escola, bem como que esse uso influencia seu desempenho/concentração na escola. Já os jovens de 18 a 22 anos apresentaram médias acima de 4,00, sendo que o jovem de 21 anos concorda quanto a esses aspectos. Assim, evidencia que conforme aumenta a idade, pôde-se verificar maior concordância quanto a influências negativas que o uso dos aplicativos de redes sociais pode causar nas rotinas escolares. Esses dados podem ser visualizados na Tabela 21.

Tabela 21 – Teste ANOVA: idade e fatores

Fator	Idade	Média	Desvio-Padrão	F	Sig.
Fator 3: “Conflito entre tecnologia e vida escolar”	14 anos	2,33	1,09	2,26	0,30
	15 anos	3,06	1,52		
	16 anos	3,38	1,54		
	17 anos	3,51	1,36		
	18 anos	4,18	1,77		
	19 anos	4,07	1,28		
	21 anos	5,00	-		
	22 anos	4,00	-		

Desse modo, referente ao tempo de acesso diário e o uso e tensão (sig.=0,000; F=10,85), preocupação cognitiva (sig.=0,000; F=12,57) e conflito entre tecnologia e vida escolar (sig.=0,001; F=4,87), os jovens que acessam acima de 6 horas por dia atrelaram as maiores avaliações, atingindo médias: 3,22 no fator 1, 4,39 no fator 2 e 3,70 no fator 3. Os jovens que acessam menos de 1 hora por dia revelaram as menores médias, sendo: 1,60 no fator 1; 2,17 no fator 2 e 2,39 no fator 3. Também foi possível verificar que a maior diferença entre os grupos foi encontrada no fator 2 (F=12,57) e a menor diferença no fator 3 (F=4,87). Os resultados são expostos na Tabela 22.

Assim sendo, quanto maior o acesso diário dos jovens nos seus aplicativos de redes sociais, maior a sua avaliação quanto aos aspectos de uso e tensão, preocupação cognitiva e

conflito entre tecnologia e vida escolar. Além disso, destaca-se que os jovens que não acessam diariamente também avaliaram de forma mais elevada esses fatores em comparação aos jovens que acessam diariamente os aplicativos.

A pesquisa de Silva et al. (2012), que buscou investigar se o uso de redes sociais pode ser relacionado ao desempenho acadêmico de estudantes de graduação em contabilidade, apontou que os usuários de redes sociais que informaram não sentirem impacto em seu desempenho acadêmico devido ao uso das redes sociais, explicaram que o principal motivo é o fato de usar as redes sociais com baixa frequência, podendo indicar as causas das baixas avaliações encontradas pelos jovens da atual pesquisa, que afirmaram não acessar diariamente os aplicativos ou que acessam menos de 1 hora por dia.

Tabela 22 – Teste ANOVA: tempo de acesso diário e fatores

Fator	Tempo de acesso diário	Média	Desvio-Padrão	F	Sig.
Fator 1: “Uso e Tensão”	Não acesso diariamente	2,33	0,99	10,85	0,000
	Menos de 1 hora por dia	1,60	0,73		
	Entre 1 e 3 horas por dia	2,36	0,95		
	Entre 3 e 6 horas por dia	2,76	1,10		
	Acima de 6 horas por dia	3,22	1,13		
Fator 2: “Preocupação cognitiva”	Não acesso diariamente	2,87	1,90	12,57	0,000
	Menos de 1 hora por dia	2,17	1,31		
	Entre 1 e 3 horas por dia	2,93	1,16		
	Entre 3 e 6 horas por dia	3,54	1,59		
	Acima de 6 horas por dia	4,39	1,78		
Fator 3: “Conflito entre tecnologia e vida escolar”	Não acesso diariamente	2,47	0,87	4,87	0,001
	Menos de 1 hora por dia	2,39	1,16		
	Entre 1 e 3 horas por dia	2,94	1,46		
	Entre 3 e 6 horas por dia	3,54	1,55		
	Acima de 6 horas por dia	3,70	1,48		

Após apresentar as análises descritivas e os Testes T e ANOVA, procedeu-se ao teste das hipóteses propostas pela pesquisa, descritas a seguir.

4.4 TESTE DAS HIPÓTESES

Conforme Hair Jr. et al. (2005), a Regressão Linear Simples é uma técnica estatística que examina informações sobre a relação entre uma variável independente e uma variável dependente, daí fazendo previsões. Com base no referencial teórico, no modelo adotado e na AFE realizada, este estudo definiu como variáveis independentes o fator 1: “uso e tensão” e o fator 2: “preocupação cognitiva” e como variáveis dependentes as consequências negativas, que formaram-se pelo fator 3: “conflito entre tecnologia e vida escolar”, fator 4: “conflito

entre tecnologia e vida pessoal” e fator 5: “conflito entre tecnologia e vida social”. Essa análise possibilitou identificar o quanto das variáveis independentes explicam as consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais, cujos resultados são discutidos a seguir e apresentados na Tabela 23.

Desse modo, como o fator 1 formou-se pela união entre o uso excessivo e tensão tecnológica, as hipóteses H7 (*O uso excessivo de aplicativos de redes sociais está positivamente relacionado com a tensão tecnológica*) e H8 (*A preocupação cognitiva de usar aplicativos de redes sociais está positivamente relacionada com a tensão tecnológica*) não foram testadas.

As regressões alcançaram valores significativos, ao nível de significância de 5%, apresentando significância=0,000, indicando que as chances são zero de que os resultados do modelo de regressão devam-se a eventos aleatórios em vez de uma relação verdadeira (HAIR JR et al., 2005). Além disso, levou-se em consideração o coeficiente de correlação de regressão R^2 , o qual expressa a quantidade da variância da variável dependente que pode ser explicada pela variável independente (FALK; MILLER, 1992). Desse modo, quanto maior o valor de R^2 , que varia de 0 a 1, maior o poder de explicação da equação de regressão e consequentemente, melhor a previsão da variável dependente (HAIR JR. et al., 2005).

As primeiras hipóteses testadas (H1, H2 e H3) referem-se ao impacto do fator 1 nos fatores 3, 4 e 5. Desse modo, a primeira regressão testada – H1: *O uso excessivo de aplicativos de redes sociais (fator 1) está positivamente relacionado com o conflito entre tecnologia e vida social (fator 5)* – foi confirmada. Com os dados obtidos pode-se concluir que o fator uso e tensão têm uma correlação positiva ($R=0,565$) e significativa ($\text{sig}=0,000$) no conflito entre tecnologia e vida social a um impacto de 31,9% ($R^2=0,319$). Isso significa que 31,9% da variação do conflito entre tecnologia e vida social por ser explicado a partir do fator uso e tensão.

Na sequência, a H2 – *O uso excessivo de aplicativos de redes sociais (fator 1) está positivamente relacionado com o conflito entre tecnologia e vida pessoal (fator 4)* – foi testada e confirmada. Assim, o fator uso e tensão gera um impacto significativo ($\text{sig}=0,000$), com correlação positiva ($R=0,404$) na variável dependente conflito entre tecnologia e vida pessoal, a um nível de 16,3% ($R^2=0,163$).

A terceira regressão realizada – H3: *O uso excessivo de aplicativos de redes sociais (fator 1) está positivamente relacionado com o conflito entre tecnologia e vida escolar (fator 3)* – foi confirmada. O fator uso e tensão apresenta correlação positiva ($R=0,472$) e

significativa (sig.=0,000) no conflito entre tecnologia e vida escolar, gerando um impacto ao nível de 22,3% ($R^2=0,223$).

Assim, verifica-se que essas três primeiras hipóteses foram confirmadas, evidenciando que o fator uso e tensão impacta a um nível positivo e significativo as consequências negativas do uso dos aplicativos de redes sociais. Na pesquisa de Caplan e High (2006), os pesquisadores também evidenciaram que os respondentes com níveis de uso excessivo exibiram níveis de resultados negativos do uso de aplicativos de redes sociais. Além disso, Lin et al. (2015) descobriram que quanto maior o uso de um *smartphone*, maior será a sua menor estimativa de efeitos adversos na sua vida pessoal. Turel e Qahri-Saremi (2016), afirmaram que seu estudo demonstrou as consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais, principalmente na área de desempenho acadêmico.

As próximas hipóteses testadas (H4, H5 e H6) almejam investigar a relação e o impacto do fator 2 nos fatores 3, 4 e 5. Assim, a quarta hipótese: H4 – *A preocupação cognitiva (fator 2) está positivamente relacionada com o conflito entre tecnologia e vida social (fator 5)* – foi testada e confirmada. Através da regressão realizada, verificou-se correlação positiva (0,316) e significativa (sig.=0,000) a um nível de impacto de 10,0% ($R^2=0,100$).

A quinta regressão realizada confirmou a H5: *A preocupação cognitiva (fator 2) está positivamente relacionada com o conflito entre tecnologia e vida pessoal (fator 4)*. Desse modo, a regressão foi significativa (sig.=0,000) e positiva ($R=0,266$), sendo que 7,1% ($R^2=0,071$) do conflito entre tecnologia e vida pessoal pode ser explicado pela preocupação cognitiva.

Na sexta regressão testada, a H6: *A preocupação cognitiva (fator 2) está positivamente relacionada com o conflito entre tecnologia e vida escolar (fator 3)*, foi confirmada. A regressão demonstrou-se positiva ($R=0,319$) e significativa (sig.=0,000), onde a preocupação cognitiva gera um impacto de 10,2% ($R^2=0,102$) no conflito entre tecnologia e vida escolar.

Desse modo, é possível observar que essas três hipóteses (H4, H5 e H6) foram confirmadas, apontando que a preocupação cognitiva impacta de forma positiva e significativa as consequências negativas do uso de aplicativos. Indo ao encontro com os achados de Turel e Qahri-Saremi (2016), cujos pesquisadores verificaram ser amplamente positivo e significativo o efeito da preocupação cognitiva com o uso problemático do aplicativo Facebook. Caplan e High (2006) também concluíram em sua pesquisa que os

indivíduos que apresentam preocupação cognitiva exibiram maiores níveis de resultados negativos.

Tabela 23 – Teste das hipóteses

Hipóteses	R	R ²	Sig.	Conclusão
H1: Conflito entre tecnologia e vida social (fator 5) ← Uso e tensão (fator 1)	0,565	0,319	0,000	Confirmada
H2: Conflito entre tecnologia e vida pessoal (fator 4) ← Uso e tensão (fator 1)	0,404	0,163	0,000	Confirmada
H3: Conflito entre tecnologia e vida escolar (fator 3) ← Uso e tensão (fator 1)	0,472	0,223	0,000	Confirmada
H4: Conflito entre tecnologia e vida social (fator 5) ← Preocupação cognitiva (fator 2)	0,316	0,100	0,000	Confirmada
H5: Conflito entre tecnologia e vida pessoal (fator 4) ← Preocupação cognitiva (fator 2)	0,266	0,071	0,000	Confirmada
H6: Conflito entre tecnologia e vida escolar (fator 3) ← Preocupação cognitiva (fator 2)	0,319	0,102	0,000	Confirmada

Com base nos resultados encontrados pelas regressões, verificou-se que o maior impacto ocorreu na H1, onde o fator uso e tensão impactou em 31,9% no conflito entre tecnologia e vida social. O menor impacto entre as regressões testadas foi encontrado na H5, onde a preocupação cognitiva explica apenas 7,1% do conflito entre tecnologia e vida pessoal.

Portanto, na atual pesquisa todas as hipóteses foram confirmadas. No estudo de Zheng e Lee (2016), apenas a hipótese H3 não foi confirmada, conforme exposto no Quadro 11. Além disso, nas hipóteses testadas pelos autores, a dimensão uso excessivo apresentou fortes correlações positivas no conflito entre tecnologia e vida social e no conflito entre tecnologia e vida profissional, com correlações de valores $R=0,6$ e $0,42$ respectivamente.

Na pesquisa de Zheng e Lee (2016), a dimensão preocupação cognitiva exerceu efeito positivo nos três conflitos envolvendo a tecnologia, sendo o valor positivo de correlação obtido de 0,11 no conflito entre vida social, 0,18 vida pessoal e 0,17 no conflito entre tecnologia e vida profissional.

Desse modo, acredita-se ter alcançado o objetivo geral dessa dissertação, revelando que através do modelo adaptado, evidenciou-se que os fatores uso e tensão e preocupação cognitiva exercem um impacto significativo nas consequências negativas (conflitos) do uso dos aplicativos de redes sociais.

Pesquisa atual		Pesquisa de Zheng e Lee (2016)	
Hipóteses	Conclusão	Hipóteses	Conclusão
H1: Conflito entre tecnologia e vida social (fator 5) ← Uso e tensão (fator 1)	Confirmada	H2: Conflito entre tecnologia e vida social ← Uso excessivo	Confirmada
H2: Conflito entre tecnologia e vida pessoal (fator 4) ← Uso e tensão (fator 1)	Confirmada	H3: Conflito entre tecnologia e vida pessoal ← Uso excessivo	Não confirmada
H3: Conflito entre tecnologia e vida escolar (fator 3) ← Uso e tensão (fator 1)	Confirmada	H4: Conflito entre tecnologia e trabalho ← Uso excessivo	Confirmada
H4: Conflito entre tecnologia e vida social (fator 5) ← Preocupação cognitiva (fator 2)	Confirmada	H5: Conflito entre tecnologia e vida social ← Preocupação cognitiva	Confirmada
H5: Conflito entre tecnologia e vida pessoal (fator 4) ← Preocupação cognitiva (fator 2)	Confirmada	H6: Conflito entre tecnologia e vida pessoal ← Preocupação cognitiva	Confirmada
H6: Conflito entre tecnologia e vida escolar (fator 3) ← Preocupação cognitiva (fator 2)	Confirmada	H7: Conflito entre tecnologia e vida escolar ← Preocupação cognitiva	Confirmada
H7: Tensão ← Uso excessivo	Não testada	-	-
H8: Tensão ← Preocupação cognitiva	Não testada	-	-

Quadro 11 – Teste das hipóteses da pesquisa atual e do estudo Zheng e Lee (2016)

No capítulo a seguir são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Ferreira e Arruda Filho (2015), o uso das redes sociais acessadas via dispositivos móveis apresenta-se como ferramenta de estudo que está se expandindo para compreender a nova demanda de usuários que estão se atualizando de forma virtual. Diante disso, o uso das redes sociais impulsionou a atual pesquisa a enriquecer a literatura sobre o seu uso problemático junto a jovens da Geração Z.

Neste cenário, a pesquisa realizada caracterizou-se como quantitativa e descritiva, sendo a coleta de dados realizada através da técnica *survey* junto a estudantes do ensino médio de três colégios da rede particular de Santa Maria/RS e do IFFar/JC. Seguindo abordagem de investigação semelhante e já desenvolvida em trabalhos anteriores (CAPLAN, 2010; HAAGSMA et al., 2013; ZHENG; LEE, 2016), a presente dissertação investigou o uso excessivo, a preocupação cognitiva e as consequências negativas relacionados ao uso dos aplicativos de redes sociais.

Referente ao perfil dos jovens da Geração Z que integraram a amostra da pesquisa, evidenciou-se que a maioria estuda na rede pública de ensino, estão cursando o primeiro ano, possui 16 anos, é do gênero feminino, realizaram seu primeiro acesso aos aplicativos a mais de 4 anos, acessam os aplicativos acima de 6 horas por dia e os aplicativos de redes sociais que mais acessa são o Youtube, o WhatsApp e o Facebook.

Dentre os aspectos do perfil dos jovens que merecem destaque, ressalta-se que a maior parte desses jovens apresentaram seu primeiro acesso aos aplicativos de redes sociais a mais de 4 anos, mostrando sua familiaridades com esses aplicativos, pois desde o início da sua adolescência ou até mesmo na sua infância já acessavam esses aplicativos. Contudo, não ficou claro a partir de que idade já acessavam esses aplicativos, aspecto esse que possa ser discutido em novas pesquisas. Além disso, os jovens revelaram acessar os aplicativos de 3 a 6 horas, bem como acima de 6 horas, e em alguns momentos de aplicação dos questionários evidenciou-se a confusão na hora de responder sobre esse uso diário, podendo esse uso ser superior ao revelado na pesquisa.

Para responder ao primeiro objetivo proposto, que visava *realizar a validação estatística e confiabilidade do modelo teórico*, procedeu-se a AFE e o cálculo do *Alpha* de Cronbach, apontando a existência de 5 fatores. Assim sendo, foram encontrados os fatores: uso e tensão, preocupação cognitiva, conflito entre tecnologia e vida social, conflito entre tecnologia e vida pessoal e conflito entre tecnologia e vida escolar.

Um aspecto interessante na realização da AFE é a união do uso excessivo e tensão tecnológica (original e adaptado para o estudo) em um único fator. Por serem integrantes da Geração Z, acredita-se que a interpretação dos jovens as afirmações desses construtos interferiram na sua avaliação, interpretando de modo semelhante aspectos de seu uso tipicamente excessivo dos aplicativos, bem como quanto a tensão. Zheng e Lee (2016) propõe que o estresse tecnológico abrange a tensão e adição tecnológica (uso excessivo), que são duas experiências psicológicas diferentes, mas relacionadas. Desse modo, a união entre os fatores uso excessivo e tensão tecnológica ressalta a semelhança entre essas duas experiências psicológicas nas respostas dos jovens.

O segundo objetivo proposto buscava *mensurar a percepção dos jovens da Geração Z quanto ao uso excessivo, preocupação cognitiva e consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais*. Para atingi-lo foram realizadas estatísticas descritivas (médias e desvios-padrões), bem como Teste T e Teste ANOVA. Em posse das médias dos fatores, pode-se auferir que os jovens não concordam e nem discordam que: o uso dos aplicativos influencia no seu sono e que apresentam preocupação quando não estão utilizando-os. Além disso, os jovens discordam parcialmente que o uso dos aplicativos influencia nas suas tarefas e no seu desempenho escolar. Os resultados também indicam que os jovens discordam que usam excessivamente os aplicativos, sentem-se esgotados ou que pessoas do seu convívio afirmam que se sentem desgastados, cansados e mais nervosos pelo uso dos aplicativos, bem como discordam que o uso desses aplicativos influencia nas suas atividades sociais. Além disso, os alunos apresentaram divergência em suas opiniões.

Estudos anteriores (CAPLAN; HIGH, 2006; TUREL; SERENKO; BONTIS, 2011; HONG; CHIU; HUANG, 2012) também evidenciam a neutralidade ou discordância dos pesquisados quanto ao uso excessivo, preocupação cognitiva e os conflitos do uso da tecnologia (consequências negativas). Kwon et al. (2016), em sua pesquisa mostrou que, ao utilizar os aplicativos sociais (jogos sociais ou redes sociais), algumas pessoas são racionais e de visão avançada, mas outras os autores afirmam ser “míopes”, não percebendo as consequências negativas de seu uso, aspecto esse que vai ao encontro com os achados da atual pesquisa, ao passo em que os jovens não atrelaram médias elevadas aos fatores pesquisados.

No Teste T, ao realizar o cruzamento entre as variáveis de perfil (escola pública e privada) e os construtos da pesquisa, verificou-se que não houveram divergências estatísticas nas avaliações dos jovens. Em relação ao gênero, evidenciou-se diferenças quanto ao conflito entre tecnologia e vida escolar, onde as jovens do gênero masculino não concordam e nem

discordam que o uso dos aplicativos de redes sociais influencia nas suas tarefas escolares, que negligenciam as tarefas e que o seu desempenho e concentração são influenciados pelo uso dos aplicativos. Já as jovens estudantes discordam parcialmente quanto a esses aspectos.

Na realização do Teste ANOVA, foram apontadas divergências nas avaliações dos fatores uso e tensão, preocupação cognitiva e conflito entre tecnologia e vida escolar, no que se refere a idade dos jovens. Um aspecto relevante observado no resultado encontrado é o aumento da avaliação dos fatores conforme aumenta a idade dos jovens. Acredita-se que os jovens com idades mais elevadas tenham maior maturidade e nível de percepção quanto as consequências negativas do uso dos aplicativos de redes sociais, sendo um aspecto a ser aprofundado e discutido em estudos futuros.

Além disso, evidenciou-se que os jovens que acessam menos de uma hora por dia apresentaram as menores avaliações dos fatores, bem como os jovens que não acessam diariamente avaliaram avaliações mais elevadas em comparação aos jovens que acessam uma hora por dia. Desse modo, esse aspecto também pode ser explorado e discutido em novas pesquisas, para elucidar como a idade e o acesso diário podem interferir na percepção dos jovens.

O terceiro objetivo que almejava *testar o impacto e a relação do uso excessivo e preocupação cognitiva nas consequências negativas do uso dos aplicativos* foi atendido através de regressões lineares. Portanto, respondendo ao problema de pesquisa: *o uso excessivo e preocupação cognitiva impactam nas consequências negativas do uso de aplicativos de redes sociais?* Evidenciou-se que o uso excessivo e a preocupação cognitiva apresentam impacto positivo e significativo nas consequências negativas do uso dos aplicativos de redes sociais.

Com base nos resultados encontrados pelas regressões, verificou-se que o maior impacto do modelo ocorreu entre o fator uso e tensão e o conflito entre tecnologia e vida social. O menor impacto foi encontrado entre a preocupação cognitiva e o conflito entre tecnologia e vida pessoal. Indo ao encontro com pesquisas anteriores (CAPLAN; HIGH, 2006; LIN et al. 2015; TUREL; QAHRI-SAREMI, 2016) que também revelaram a relação das consequências negativas de uso dos aplicativos de redes sociais.

Como contribuições teóricas, ressalta-se o aprofundamento e adaptação teórica do modelo de Zheng e Lee (2016), além da integração de um novo construto em sua mensuração, o qual atestou confiabilidade interna nas análises. Além disso, é relevante o contexto de aplicação da pesquisa, os jovens da Geração Z. Desse modo, a pesquisa enriquece a literatura

acerca dessa Geração, mostrando como esses jovens comportam-se frente aos aspectos negativos do uso dos aplicativos de redes sociais. Destaca-se que na realização da AFE, apenas uma variável do construto tensão original foi mantida, destacando a relevância do construto adaptado ao estudo, ou seja, evidenciando a correta adaptação do construto para melhor investigar a realidade dos jovens da Geração Z. Assim sendo, através dos resultados encontrados e pelo modelo teórico adaptado pela atual pesquisa, busca-se contribuir na construção de pesquisas futuras sobre as consequências negativas associadas ao uso dos aplicativos de redes sociais.

Para o ponto de vista prático, o estudo buscou proporcionar o conhecimento do comportamento dos jovens frente ao uso de aplicativos de redes sociais, auxiliando no planejamento de ações que visem a redução dos impactos negativos devido ao uso desses aplicativos. Assim sendo, evidenciou-se que os jovens permaneceram neutros ou discordaram quanto as suas avaliações dos fatores estudados, as quais mensuraram o lado obscuro do uso e acesso aos aplicativos sociais. Contudo, atestou-se que o uso e tensão e preocupação cognitiva impactaram nos conflitos entre o uso desses aplicativos e a vida pessoal, social e escolar, apontando a necessidade de conscientização desses jovens da Geração Z, para que possam fazer um uso consciente dos aplicativos.

Os achados de Salehan e Negahban (2013) também ressaltam a recente advertência sobre os efeitos associados ao uso excessivo, chamando a atenção da para a tendência de uso excessivo desses aplicativos. Kwon et al. (2016) trazem que as agências reguladoras e os legisladores tornaram-se cada vez mais preocupados com os problemas que podem surgir pelo uso problemático dos aplicativos de redes sociais, tratando o uso de aplicativos como uma “pandemia social” crescente que afeta muitas vidas, principalmente as de pessoas jovens.

Esses aplicativos já se tornaram passatempos para esses jovens, expondo as consequências adversas, além das consequências negativas estudadas na atual pesquisa, Kuss e Griffiths (2011) apontam também como consequências a procrastinação e falta de gerenciamento do tempo, que muitas vezes acompanham os comportamentos aditivos. Desse modo, torna-se necessário a promoção de ações educativas para reduzir esses impactos, promovendo a conscientização dos jovens sobre as consequências negativas que os aplicativos de redes sociais podem causar.

As limitações da pesquisa relacionam-se a metodologia escolhida e forma de amostragem. Devido a pesquisa caracterizar-se somente como cunho quantitativo, poderia ser ampliado o método fazendo uma abordagem qualitativa junto com a quantitativa. Assim

sendo, por tratar-se de um estudo realizado apenas com uma amostra não probabilística de alunos de ensino médio de quatro instituições de ensino, os resultados ficam restritos a este tipo de público. Dessa maneira, sugere-se reaplicar o modelo validado em outros contextos e com outros públicos, para que os resultados forneçam informações passíveis de serem comparadas e generalizadas.

Apesar das limitações mencionadas, considera-se que a presente dissertação contribuiu para ampliação das pesquisas acerca do lado obscuro e consequências negativas do uso dos aplicativos de redes sociais, bem como, para a construção de pesquisas sobre os jovens da Geração Z. Além disso, estudos futuros podem mensurar o uso dos aplicativos além da opinião dos jovens, mas também das pessoas de seu convívio e da comunidade escolar, para traçar um perfil completo de como os jovens usam os aplicativos de redes sociais e como esse uso interfere na sua vida. Portanto, espera-se que a atual pesquisa possa servir como base e auxiliar na realização de futuras pesquisas sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

- 700 MILLION. **Instagram**, 26 abr. 2017. Disponível em: <<http://blog.instagram.com/post/160011713372/170426-700million>> Acesso em: 15 mai. 2017.
- AAKER, D. A.; KUMAR V.; DAY, G. S. **Pesquisa de Marketing**. Traduzido por Reynaldo Cavalheiro Marcondes. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ABRAMSON, L. Y.; METALSKY, G. I.; ALLOY, L. B. Hopelessness depression: a theory-based subtype of depression. **Psychological Review**, v. 96, p. 358-372, 1989.
- AHAD, A. D.; LIM, S. M. A. Convenience or Nuisance? The ‘WhatsApp’ Dilemma. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 155, p. 189-196, 2014.
- AL-DEBEI, M. M.; AL-LOZI, E.; PAPAZAFEIROPOULOU, A. Why people keep coming back to Facebook: Explaining and predicting continuance participation from an extended theory of planned behavior perspective. **Decision Support Systems**, v. 55, p. 43–54, 2013.
- ALHABASH, S. et al. Exploring the motivations of Facebook use in Taiwan. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 15, n. 6, p. 304-311, 2012.
- AMBONI, N.; ESPINOZA, T. S. Olhar epistemológico sobre a Web 2.0. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 14, n. 1, p. 43-65, 2014.
- ANDRADE, S. C. R. de. **Rede colaborativa de serviços e produtos de informação no contexto das bibliotecas universitárias brasileiras**. 2013. 289 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ARAÚJO, C. A. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, v. 12, n. 1, 2006.
- ARAÚJO, R. P. de; MOTTIN, A. P.; REZENDE, J. F. de C. Gestão do conhecimento e do capital intelectual: mapeamento da produção acadêmica brasileira de 1997 a 2011 nos encontros da ANPAD. **Organ. Soc.**, v. 20, n. 65, Apr./Jun. 2013.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO [ANPAD]. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/~anpad/>> Acesso em: 04 jun. 2017.
- AYYAGARI, R.; GROVER, V.; PURVIS, R. Technostress: Technological antecedents and implications. **MIS Quarterly**, v. 35, n. 4, 831-858, 2011.
- BALAKRISHNAN, V.; SHAMIM, A. Malaysian Facebookers: Motives and addictive behaviours unraveled. **Computers in Human Behavior**, v. 29, p. 1342–1349, 2013.
- BANDURA, A. Social cognitive theory: An agentic perspective. **Annual Review of Psychology**, v. 52, n. 1, p. 1-26, 2001.

BANKS, M. G. An extension of the Hirsch index: Indexing scientific topics and compounds. **Scientometrics**, v. 69, n. 1, p. 161-168, 2006.

BECK, A. T. **Cognitive therapy and the emotional disorders**. New York: International University Press, 1976.

BERTHON, P. R. et al. Marketing meets Web 2.0, social media, and creative consumers: Implications for international marketing strategy. **Business Horizons**, v. 55, n. 3, p. 261-271, 2012.

BIANCHI, A.; PHILLIPS, J. G. Psychological Predictors of Problem Mobile Phone Use. **Cyber Psychology & Behavior**, v. 8, n. 1, p. 39-51, 2005.

BIASOLI-ALVES, Z. M. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. Em: Z. M. BIASOLI-ALVES; R. FISCHMAN (Orgs.), **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância** (p.79-93). São Paulo: EDUSP, 2001.

BLACK, D. W.; BELSARE, G.; SCHLOSSER, S. Clinical Features, Psychiatric Comorbidity, and Health-Related Quality of Life in Persons Reporting Compulsive Computer Use Behavior. **The Journal of Clinical Psychiatry**, v. 60, n. 12, p. 839-844, 1999.

BLOCK, J. J. Issues for DSM-V: Internet addiction. **American Journal Psychiatry**, v. 165, n. 3, p. 306-307, 2008.

BORGES, M. N. **O uso das tecnologias de informação móveis e sem fio para ganho de agilidade nos processos de coleta e repasse dos sinais fracos**. 2015. 113 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BRASIL é terceiro país do mundo que fica mais tempo on-line no celular. **Folha de São Paulo**, 09. set. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/09/1679423-brasil-e-terceiro-pais-do-mundo-que-fica-mais-tempo-on-line-no-celular.shtml>> Acesso em: 18 out. 2017.

BRASIL é o maior usuário de redes sociais da América Latina. **Forbes Brasil**, 20 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.forbes.com.br/fotos/2016/06/brasil-e-o-maior-usuario-de-redes-sociais-da-america-latina/#foto4>> Acesso em: 01 jun. 2017.

BURNELL, K.; KUTHER, T. L. Predictors of Mobile Phone and Social Networking Site Dependency in Adulthood. **Cyberpsychol Behav Soc Netw**, v. 19, n.10, 621-627, 2016.

CAPELAS, B. 'Temos espaço para crescer no Brasil', diz diretora-geral do Twitter. **Estadão**, 23 fev. 2017. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,temos-espaco-para-crescer-no-brasil-diz-diretora-geral-do-twitter-no-pais,70001675964>> Acesso em: 15 mai. 2017.

CAPLAN, R. D. Person-environment fit: Past, present, and future. In: COOPER, C. L. (Ed.). **Stress research**. New York: Wiley, 1983, p. 35-78.

CAPLAN, R. D.; HARRISON, R. V. Person-environment fit theory: Some history, recent developments, and future directions. **Journal of Social Issues**, v. 49, p. 253-275, 1993.

CAPLAN, S. E. Theory and measurement of generalized problematic internet use: A two-step approach. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 5, p. 1089-1097, 2010.

CAPLAN, S. E.; HIGH, A. C. Beyond excessive use: The interaction between cognitive and behavioral symptoms of problematic internet use. **Communication Research Reports**, v. 23, n. 4, p. 265-271, 2006.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO [CETIC.BR]. **TIC Kids Online Brasil**, 2015. Disponível em: <http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_KIDS> Acesso em: 28 jan. 2018.

CEPEDA, G.; ROLDÁN, J.L. Aplicando en la Práctica la Técnica PLS en la Administración de Empresas. **Congreso de la ACEDE**, Septiembre 19, 20 y 21, Murcia, España, 2004.

CHARLTON, J. P. A factor-analytic investigation of computer 'addiction' and engagement. **British Journal of Psychology**, v. 93, n. 3, p. 329-344, 2002.

CHEUNG, C.; LEE, M. K. A Theoretical Model Of Intentional Social Action In Online Social Networks. **Decision Support Systems**, v. 49, p. 24-30, 2010.

CHURCH, K.; OLIVEIRA, R. What's up with WhatsApp? Comparing Mobile Instant Messaging Behaviors with Traditional SMS. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HUMAN-COMPUTER INTERACTION WITH MOBILE DEVICES AND SERVICES, 15., 2013. Munich, Germany. **Proceedings...** Munich, Germany: ACM, 2013. Disponível em: <<http://www.mobilehci2013.org/>> Acesso em: 05 jun. 2017.

COMEAU, J. D.; TUNG, L. C. Re-defining the Concepts of Generational Labelling Perspective from Malaysia. **ARNP-Journal of Science and Technology**, v. 3, n. 3., Mar. 2013.

COOPER, C. L.; DEWE, P. J.; O'DRISCOLL, M. P. **Organizational Stress**. Oaks, CA: Sage Publications, 2001.

COSSETTI, M. C. WhatsApp é rede social mais usada no Brasil; apps do Facebook dominam. 16 ago. 2017. **PORTAL G1**. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/08/whatsapp-e-rede-social-mais-usada-no-brasil-apps-do-facebook-dominam.ghtml>> Acesso em: 20 out. 2017.

COSTA, C. A.; BARBOSA, J. L. Computação móvel e ubíqua: Evolução e perspectivas futuras. In: **Mobilidade Empresarial: Oportunidades e desafios do uso de tecnologias móveis para negócios no contexto brasileiro**. São Paulo: Atlas, 2014.

CRUZ, R. do C. Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo em ciência da informação. **TransInformação**, v. 22, n. 3, p. 255-272, set./dez. 2010.

CUMMINGS, T. G.; COOPER, C. L. Cybernetic framework for studying occupational stress. **Human Relations**, v. 32, p. 395-418, 1979.

CUNHA, J. V. A.; COELHO, A. C. Regressão linear múltipla. In: CORRAR, L. J.; E. PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (Coords.). **Análise multivariada: para os cursos de administração, ciências contábeis e economia**. São Paulo: Atlas, p. 131-231, 2007.

CYBIS, W.; BETIOL, A. H.; FAUST, R. **Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações**. 3. ed. São Paulo: Novatec, 2015.

DAVIS, R. A. A cognitive-behavioral model of pathological internet use. **Computers in Human Behavior**, v. 17, n. 2, 187-195, 2001.

EDWARDS, J. R.; CAPLAN, R. D.; VAN HARRISON, R. Person-Environment Fit Theory. In: COOPER, C. L. (Ed.). **Theories of Organizational Stress**. New York: Oxford University Press Inc., 2000, p. 28-67.

EDWARDS, J. R.; COOPER, C. L. Research in Stress, Coping and Health: Theoretical and Methodological Issues. **Psychological Medicine**, v. 18, p. 331-350, 1988.

ELLISON, N. B.; BOYD, D. M. Sociality Through Social Network Sites. In: DUTTON, W. H. (Org.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 151-172.

ERCILIA, M.; GRAEFF A. **A Internet**. São Paulo: Publifolha, 2008.

F/NAZCA; SAATCHI; SAATCHI. **Panorama do Brasil na Internet**, out. 2013. Disponível em: <http://www.fnazca.com.br/wp-content/uploads/2013/12/fradar-13_publica-site-novo.pdf> Acesso em: 10 mai. 2017.

FACEBOOK Está Perto de Alcançar 2 Bilhões de Usuários no Mundo. **Estadão**, 01 fev. 2017. Disponível Em: <<http://Link.Estadao.Com.Br/Noticias/Empresas,Facebook-Esta-Perto-De-Alcançar-2-Bilhoes-De-Usuarios-No-Mundo,70001649767>> Acesso Em: 20 mai. 2017.

FALK, R. F.; MILLER, N. B. **A Primer for Soft Modeling**. University of Akron Press: Akron, 1992.

FERREIRA, N. S. ; ARRUDA FILHO, E. J. M. Usabilidade e Preferência de Uso da Rede Social Facebook: Uma Análise Netnográfica dos Usuários Tecnológicos. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação (Online)**, v. 12, p. 415-434, 2015.

FIALHO, J. M. R. Análise de redes sociais: Princípios, linguagem e estratégias de ação na gestão do conhecimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, n. 2, 2014.

FIELD, A. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRENCH, J. R. P., JR.; CAPLAN, R. D.; HARRISON, R. V. **The mechanisms of job stress and strain**. London: Wiley, 1982.

FRENCH, J. R. P., JR.; RODGERS, W. L.; COBB, S. Adjustment as person-environment fit. In: COELHO, G.; HAMBURG, D.; ADAMS, J. (Eds.). **Coping and adaptation**. New York: Basic Books, 1974, p. 316-333.

- FROEMMING, L. M.; CERETTA; S. B. Geração z: compreendendo os Hábitos de consumo da geração emergente. **Revista Eletrônica Do Mestrado Profissional Em Administração**, v. 3, n. 2, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GREENFIELD, D. N. **Virtual Addiction: Help for Netheads, Cyberfreaks, and Those Who Love Them**. Oakland: New Harbinger, 1999.
- GUJARATI, D. N. **Econometria básica**. 5.ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2011.
- GUTIÉRREZ, J, J. P.; CÁMARA, A. M. Las Redes Sociales De Internet ¿Una Nueva Adicción? **Revista Argentina De Clínica Psicológica**, v. XXIV, n. 2, 2015.
- HAAGSMA, M. C. et al. A cognitive behavioral model of problematic online gaming in adolescents aged 12 e 22 years. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 1, p. 202-209, 2013.
- HAIR JR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. 6.ed. Porto Alegre, Bookman, 2009.
- HAIR JR, J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HARRISON, R. V. Person-environment fit and job stress. In: COOPER, C. L.; PAYNE, R. (Eds.). **Stress at work**. New York: Wiley, 1978, p. 175-205.
- HARRISON, R. V. The person-environment fit model and the study of job stress. In: BEEHR, T. A.; BHAGAT, R. S. (Eds.). **Human stress and cognition in organizations**. New York: Wiley, 1985, p. 23-55.
- HAYTHORNTHWAITE, C. Social networks and internet connectivity effects. *Journal Information, Communication & Society*, v. 8, n. 2, 2005.
- HONG, F. Y.; CHIU, S. I.; HUANG, D. H. A model of the relationship between psychological characteristics, mobile phone addiction and use of mobile phones by Taiwanese university female students. **Computers in Human Behavior**, v. 28, n. 6, p. 2152-2159, 2012.
- HOWE, N.; STRAUSS, W. **Millennials Rising: The Next Great Generation**. New York: Vintage Books, 2000.
- JUNGLAS, I.; WATSON, R. U-commerce: a conceptual extension of e-commerce and m-commerce. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS (ICIS), 2003. Seattle, Washington. **Proceddings...** Seattle: ICIS, 2003.
- KALAKOTA, R; ROBINSON, M. **M-business: The Race to Mobility**. New York: McGraw-Hill, 2002.
- KWON, H. E. et al. Excessive Dependence on Mobile Social Apps: A Rational Addiction Perspective. Excessive Dependence on Mobile Social Apps: A Rational Addiction Perspective. **Information Systems Research**, v. 27, p. 919-939, 2016.

LAROSE R.; KIM, J.; PENG, W. Social networking: Addictive, compulsive, problematic, or just another media habit? In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.) **A networked self: Identity, community, and culture on social network sites**. New York, NY: Taylor & Francis, 2010.

LATIF, S. A. A análise fatorial auxiliando a resolução de um problema real de pesquisa de marketing. **Caderno de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 0, n.0, 2004.

LEE, J. et al. Factors affecting the perceived usability of the mobile web portal services: comparings implicit with consistency. **Inf. Technol Manag.**, v. 14, n. 1, p. 43–45, 2013.

LEITE, E. L. **Product placement na vida real: como consumidores cocriam valor com marcas em narrativas fotográficas egocêntricas nas redes sociais**. 2015. 181 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LIN, Y. H. et al. Time distortion associated with smartphone addiction: Identifying smartphone addiction via a mobile application (app). **J. Psychiatric Res.**, v. 65, n. 1, p. 139–145, 2015.

LOBO, A. P. Brasil terá 1 smartphone para cada habitante ainda em 2017. **Convergência Digital**, 19 abr. 2017. Disponível em:
<<http://www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=site&inoid=45000&sid=17#.WPfRoGnyvIU>> Acesso em: 25 mai. 2017.

LÓPEZ-FERNÁNDEZ, O. et. al. Adaptación española del “Mobile Phone Problem Use Scale” para población adolescente. **Adicciones**, v. 24, n. 2, 123-130, 2012.

LU, H. Y. Sensation-Seeking, Internet Dependency, and Online Interpersonal Deception. **Cyber Psychology & Behavior**, v. 11, n. 2, p. 227-231, 2008.

MAIER, C. et al. . The effects of technostress and switching stress on discontinued use of social networking services: A study of facebook use. **European Journal of Information Systems**, v. 25, n. 3, 275-308, 2015.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**. Uma orientação aplicada. Tradução de Lene Belon Ribeiro, Monica Stefani. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012

MALVIYA, S.; SALUJA, M. S.; THAKUR, A. S. A study on the factors influencing consumer’s purchase decision towards smartphones in Indore. **International Journal of Advance Research in Computer Science and Management Studies**, v. 1, n. 6, p. 14 – 21, nov/2013.

MARTELETO, R. M.. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan.-abr. 2001.

MARTINS, D. A. **Adolescentes internautas, família, e depressão: Estudo da relação entre a utilização da internet e das redes Sociais, o ambiente familiar e a sintomatologia depressiva**. 2013. 86 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

MCCRINDLE, M. **The ABC of the XYZ: understanding global generations.** Sydney: UNSW Press, 2011.

MEDEIROS, J.; VIEIRA, F. G. D.; NOGAMI, V. K. da C. O consumo de tablets entre estudantes universitários. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 11, n. 2, 2013.

MURRAY, M.; MARAS, D.; GOLDFIELD, G. S. Excessive Time on Social Networking Sites and Disordered Eating Behaviors Among Undergraduate Students: Appearance and Weight Esteem as Mediating Pathways. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 19, n. 12, p. 709-715, 2016.

NEJM, R. **Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais.** 2016. 267 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

NIEMZ K.; GRIFFITHS, M.; BANYARD, P. Prevalence Of Pathological Internet Use Among University Students And Correlations With Self-Esteem, The General Health Questionnaire (Ghq), And Disinhibition. **Cyberpsychol Behav.**, v. 8, n. 6, p. 562-70, 2005.

NÚMERO de usuários de Snapchat cresce no Brasil, de acordo com Kantar TNS. **E-Commerce Brasil**, 09 dez. 2016. Disponível em:
<<https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/numero-de-usuarios-de-snapchat-cresce-no-brasil-de-acordo-com-pesquisa-kantar-tns/>> Acesso em: 29 mai. 2017.

NYKODYM, N.; ARISS, S.; KURTZ, K. Computer addiction and cybercrime. **Journal of Leadership, Accountability and Ethics**, v. 35, n. 1, p. 78-85, 2008.

O'HARA, K. et al.. Everyday dwelling with WhatsApp. In: CONFERENCE ON COMPUTER SUPPORTED COOPERATIVE WORK & SOCIAL COMPUTING, 17., 2014. **Proceedings...** Baltimore, Maryland : ACM, 2014.

PAGANI, M.; HOFACKER ,C. F.; GOLDSMITH, R. Influence of Personality on Active and Passive Use of Social Networking Sites. **Psychology & Marketing**, v. 28, n. 5, p. 441–456, 2011.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. G. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS.** 3. ed. Lisboa: Silabo, 2003.

PETRY, A. C.; SIMONETTO, E. O. Uso do Twitter como canal de marketing: uma análise das principais empresas brasileiras de comércio eletrônico. **Sistemas & Gestão**, v. 8, n. 1, p.94-104, 2013.

PONTES, H. de O. M. **A Dependência À Internet: Fundamentação Empírica, Teórica e Clínica – da Psicologia e Psicometria à Ciber-Psicologia.** 201 p. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - ISPA – Instituto Universitário. Liboa Portugal, 2013.

PRATARELLI, M.; BROWNE, B.; JOHNSON, K. THE bits and bytes of computer/Internet addiction: a factor analytic approach. **Behavior Research Methods, Instruments, and Computers**, v. 31, n. 2, p. 305-314, 1999.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, v. 12, n. 2, 2007.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: ANTOUN, H. (Eds.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, cap. 9, p.101- 122.

QUEVEDO-SILVA, F. et al. Estudo Bibliométrico: Orientações Sobre Sua Aplicação. **Revista Brasileira de Marketing (REMark)**, v. 15, n. 2, Abril/Junho. 2016.

RAGU-NATHAN, T. et al. The consequences of techno stress for end users in organizations: Conceptual development and empirical validation. **Information Systems Research**, v. 19, n. 4, p. 417-433, 2008.

RAMALHO, J. **Mídias sociais na prática**. 1. ed. Elsevier, Rio de Janeiro, 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Meridional, Porto Alegre, 2011.

REED, J. **Marketing Online: como usar sites, blogs, redes sociais e muito mais**. 1 ed. LaFonte: São Paulo, 2012.

RIBEIRO, A.; LEITE, R. S.; LOPES, H. E. G. Análise do uso das redes sociais em bibliotecas universitárias brasileiras. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 5-27, 2014.

RODRIGUES, G. O.; SIMONETTO, E. de O.; BROSSARD, C. S. Análise Comparativa do Uso de Redes Sociais como Canal de Marketing por Empresas Brasileiras de Comércio Eletrônico. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 407-416, jan./jul. 2014.

SALANOVA, M.; LLORENS, S.; CIFRE, E. The Dark Side Of Technologies: Technostress Among Users Of Information And Communication Technologies. **Int. J. Psychol.** v. 48, n. 3, p. 422-36, 2012.

SALEHAN, M.; NEGAHBAN, A. Social networking on smartphones: When mobile phones become addictive. **Computers in Human Behavior**, v. 29, p. 2632-2639, 2013.

SALGADO, P. A. G. **Os atributos da marca no processo de decisão de compra de smartphones: um estudo na perspectiva de estudantes universitários**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SANTOR, D. A.; MESSERVY, D.; KUSUMAKAR, V. Measuring peer pressure, popularity, and conformity in adolescent boys and girls: Predicting school performance, sexual attitudes, and substance use. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 29, p. 163- 182, 2000.

SANTOS, A. P.; BARBOSA, R. R. Desafios da mobilidade corporativa para a Gestão da Informação e do Conhecimento. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 2, 2011.

SCHURMACKER, R. E.; LOMAX, R. G. **A Beginner's Guide to Structural Equation Modeling**. 2nd ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

SCIELO. Disponível em: <<http://search.scielo.org/?q=&where=>> Acesso em: 13 mai. 2017.

SCORNAVACCA, E. Incorporating System Portability into Technology Acceptance Models. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON MOBILE BUSINESS, 13., 2014, London, UK. **Proceedings...** London: 2014. Disponível em: <<http://aisel.aisnet.org/icmb2014/>> Acesso em: 18 mai. 2017.

SHAPIRA, N. A. et al. Problematic Internet Use: Proposed Classification and Diagnostic Criteria. **Depression & Anxiety**, v. 17, n. 4, p. 207-216, 2003.

SILVA, D. J. C. da. Redes Sociais e o Desempenho Acadêmico: Um Estudo com Alunos de Contabilidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 36., 2012, Rio de Janeiro/RJ. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ: ANPAD, 2012.

SMOCK, A. D. et al. Facebook As A Toolkit: A Uses And Gratification Approach To Unbundling Feature Use. **Computers In Human Behavior**, v. 27, p. 2322-2329, 2011.

SOUZA, R. de S. **Influências das relações afetivas para os atos de consumo na Cibercultura**. 2015. 111 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SOUZA, S. L. B. **Fatores que influenciam os consumidores da geração “z” na compra de produtos eletrônicos**. 2011. 189 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Potiguar, Natal, 2011.

SUKI, N. M. Students' demand for smartphones: Structural relationship of product features brand name, product price and social influence. **Campus-Wide Information Systems**, v. 30, n. 4, p. 236 – 238, 2013.

TAPSCOTT, D. **Growing up digital: the rise of the net generation**. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2010.

TARAFDAR, M. A. et al. The dark side of information technology. **MIT Sloan Management Review**, v. 56, n. 2, p. 600-623, 2015.

TAVARES, W. **Redes Sociais Virtuais Como Espaços Para Ações Coletivas: Possibilidades De Interação E Organização Em Movimentos Sociais**. 2015. 403 p. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

THOMPSON SCIENTIFIC. **Web of Science**. 2016. Disponível em: <http://apps-webofknowledge.ez47.periodicos.capes.gov.br/WOS_GeneralSearch_input.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&SID=1BytqfebJpHgySAMvHv&preferencesSaved=> Acesso em: 13 mai. 2017.

TUREL O.; SERENKO A. The benefits and dangers of enjoyment with social networking websites. **European Journal of Information Systems**, v. 21, p. 512–528, 2012.

TUREL, O.; BECHARA, A. Effects of motor impulsivity and sleep quality on swearing, interpersonally deviant and disadvantageous behaviors on online social networking sites. **Personality and Individual Differences**, v. 108, n. 1, p. 91-97, 2017.

TUREL, O.; QAHRI-SAREMI; H. Problematic Use of Social Networking Sites: Antecedents and Consequence from a Dual-System Theory Perspective. **Journal of Management Information Systems**, v. 33, n. 4, p.1087–1116, 2016.

TUREL, O.; SERENKO, A.; BONTIS, N. “Family and work related consequences of addiction to organizational pervasive technologies”. **Information & Management**, v. 48, p. 88-95, 2011.

TUREL, O.; SERENKO, A.; GILES, P. Integrating Technology Addiction and Use: An Empirical Investigation of Online Auction Users. **MIS Quarterly**, v. 35, n. 4, p.1043-1051, 2011.

UNICEF. **O uso da internet por adolescentes**, 2013. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf> Acesso em: 01 out. 2017.

VISENTINI, M. S.; BOBSIN, D.; CHAGAS, F. B. Redes Sociais Virtuais Sob O Prisma Acadêmico Brasileiro: Um Levantamento Bibliográfico Dos Últimos 10 Anos. In: V ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO, 5., 2015, Brasília. **Anais... Brasília: ANPAD**, 2015. Disponível em:
<http://www.anpad.org.br/~anpad/eventos.php?cod_evento=17&cod_edicao_subsecao=1176&cod_evento_edicao=77&cod_edicao_trabalho=18091> Acesso em: 20 mai. 2017.

VISHWANATH, A. Habitual Facebook use and its impact on getting deceived on social media. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 20, n. 1, p. 83-98, 2015.

YOUNG, K. S. **Caught in The Net**. New York: John Wiley & Sons, Inc, 1998.

YOUNG, K. S. Internet Addiction: The Emergence of a New Clinical Disorder. **Cyber Psychology & Behavior**, v. 1, n. 3, p. 237-244, 1996.

ZHENG, X.; LEE, M. K. O. Excessive use of mobile social networking sites: Negative consequences on individuals. **Computers in Human Behavior**, v. 65, p. 65-76, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ARTIGOS DA WEB OF SCIENCE (2007 a 2016)

	Autores	Artigo	Periódico
1	Kwon, Hyeokkoo Eric; So, Hyunji; Han, Sang Pil; et al.	Excessive Dependence on Mobile Social Apps: A Rational Addiction Perspective	INFORMATION SYSTEMS RESEARCH, v. 27, p. 919- 939, 2016
2	Zheng, Xiabing; Lee, Matthew K. O.	Excessive use of mobile social networking sites: Negative consequences on individuals	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 65, p. 65-76, 2016
3	Burnell, Kaitlyn; Kuther, Tara L.	Predictors of Mobile Phone and Social Networking Site Dependency in Adulthood	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v. 19, p. 621- 627, 2016
4	Rosenberg, Hananel; Kohn, Ayelet	Temptations of fluency and dilemmas of self definition: Stutterers' usage and avoidance of new media technologies	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 62, p. 536-544, 2016
5	Johnson, Thomas J.; Kaye, Barbara K.	Some like it lots: The influence of interactivity and reliance on credibility	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 61, p. 136-145, 2016
6	Alnawas, Ibrahim; Aburub, Faisal	The effect of benefits generated from interacting with branded mobile apps on consumer satisfaction and purchase intentions	JOURNAL OF RETAILING AND CONSUMER SERVICES, v. 31, p. 313-22, 2016
7	Korhan, Orhan; Ersoy, Metin	Usability and functionality factors of the social network site application users from the perspective of uses and gratification theory	QUALITY & QUANTITY, p. 1799-1816, 2016
8	Sobaih, Abu Elnasr E.; Moustafa, Mohamed A.; Ghandforoush, Parvis; et al.	To use or not to use? Social media in higher education in developing countries	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, p. 296-305, 2016
9	Gurevich, Ariel	ALL OUR TIME ON FACEBOOK	APOSTA-REVISTA DE CIENCIAS SOCIALES, p. 217- 238, APR-JUN, 2016
10	Huang, Yunchu; Yang, Chang-Gyu; Baek, Heon; et al.	Revisiting media selection in the digital era: adoption and usage	SERVICE BUSINESS, v. 10, p. 239-260, 2016
11	Turel, Ofir; Qahri- Saremi, Hamed	Problematic Use of Social Networking Sites: Antecedents and Consequence from a Dual- System Theory Perspective	JOURNAL OF MANAGEMENT INFORMATION SYSTEMS, v. 33, p. 1087-1116, 2016
12	Erawan, Theera	Tourists' intention to give permission via mobile technology in Thailand	JOURNAL OF HOSPITALITY AND TOURISM TECHNOLOGY, v. 7, p. 330- 346, 2016
13	San-Martin, Sonia; Prodanova, Jana; Lopez Catalan, Blanca	What makes services customers say "buy it with a mobile phone"?	JOURNAL OF SERVICES MARKETING, v. 30, p. 601- 614, 2016
14	Tang, Qing; Zhao, Xuefeng; Liu, Shan	The effect of intrinsic and extrinsic motivations on mobile coupon sharing in social network sites The role of coupon proneness	INTERNET RESEARCH, v. 26, p. 101-119, 2016
15	Choi, Jihyang	Why do people use news differently on SNSs? An investigation of the role of motivations, media repertoires, and technology cluster on citizens' news-related activities	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 54, p. 249-256 , 2016
16	Kim, Hyang-Sook	What drives you to check in on Facebook?	COMPUTERS IN HUMAN

		Motivations, privacy concerns, and mobile phone involvement for location-based information sharing	BEHAVIOR, v. 54, p. 397-406, 2016
17	Jimenez-Cortes, Rocio	UBIQUITOUS LEARNING OF THE YOUNG WOMEN IN THE SOCIAL NETWORKS SITES AND THEIR AWARENESS OF LEARNING	PRISMA SOCIAL, p. 180-221, 2015
18	Rebollo Catalan, Angeles; Vico Bosch, Alba; Garcia Perez, Rafael	WOMEN'S LEARNING OF SOCIAL NETWORKS AND THEIR INFLUENCE ON DIGITAL COMPETENCE	PRISMA SOCIAL, 2015
19	Lu, Jiaying; Mao, Zhenxing; Wang, Mengbin; et al.	Goodbye maps, hello apps? Exploring the influential determinants of travel app adoption	CURRENT ISSUES IN TOURISM, v. 18, p. 1059-1079, 2015
20	Benson, Vladlena; Filippaios, Fragkiskos	Collaborative competencies in professional social networking: Are students short changed by curriculum in business education?	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 51, p. 1331-1339, 2015
21	Alarcon-del-Amo, Maria-del-Carmen; Gomez-Borja, Miguel-Angel; Lorenzo-Romero, Carlota	Are the users of social networking sites homogeneous? A cross-cultural study	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY, v. 6, 2015
22	Dir, Allyson L.; Cyders, Melissa A.	Risks, Risk Factors, and Outcomes Associated with Phone and Internet Sexting Among University Students in the United States	ARCHIVES OF SEXUAL BEHAVIOR, v. 44, p. 1675-1684, 2015
23	Wang, Hua; Chua, Vincent; Stefanone, Michael A.	Social Ties, Communication Channels, and Personal Well-Being: A Study of the Networked Lives of College Students in Singapore	AMERICAN BEHAVIORAL SCIENTIST, v. 59, p. 1189-1202, 2015
24	Prieto-Gutierrez, Juan Jose; Moreno Camara, Alicia	THE USE OF SOCIAL NETWORKING WEBSITES IS A NEW ADDICTION?	REVISTA ARGENTINA DE CLINICA PSICOLOGICA, v. 24, p. 149-155, 2015
25	Cipresso, Pietro; Serino, Silvia; Gaggioli, Andrea; et al.	Psychometric modeling of the pervasive use of Facebook through psychophysiological measures: Stress or optimal experience?	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 49, p. 576-587, 2015
26	Ciochetto, Lynne	The Impact of New Technologies on Leisure Activities in Developed and Emerging Economies	INTERNATIONAL AND MULTIDISCIPLINARY JOURNAL OF SOCIAL SCIENCES, v. 4, p.194-214, 2015
27	Barbovschi, Monica; Machackova, Hana; Olafsson, Kjartan	Underage Use of Social Network Sites: It's About Friends	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v. 18, p. 328-332, 2015
28	Muralidharan, Sidharth; La Ferle, Carrie; Sung, Yongjun	How Culture Influences the "Social" in Social Media: Socializing and Advertising on Smartphones in India and the United States	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v. 18, p. 356-360, 2015
29	Luarn, Pin; Yang, Jen-Chieh; Chiu, Yu-Ping	Why People Check In to Social Network Sites	INTERNATIONAL JOURNAL OF ELECTRONIC COMMERCE, v. 19, p. 21-46, 2015
30	Juan Vazquez, Jose; Panadero, Sonia; Martin, Rosa; et al.	ACCESS TO NEW INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES AMONG HOMELESS PEOPLE IN MADRID (SPAIN)	JOURNAL OF COMMUNITY PSYCHOLOGY, v. 43, p. 338-347, 2015

31	Howard, Matt C.; Jayne, Bradley S.	An Analysis of More Than 1,400 Articles, 900 Scales, and 17 Years of Research: The State of Scales in Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v 18, p. 181-187, 2015
32	Liao, Yi-Wen; Huang, Yueh-Min; Chen, Hsin-Chin; et al.	Exploring the antecedents of collaborative learning performance over social networking sites in a ubiquitous learning context	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 43, p. 313-323, 2015
33	Duffet, R. G.	Mxit marketing communications' influence on liking and preference among Gen Y	RETAIL AND MARKETING REVIEW, v. 11, p. 1-22, 2015
34	Schivinski, Bruno; Dabrowski, Dariusz	The impact of brand communication on brand equity through Facebook	JOURNAL OF RESEARCH IN INTERACTIVE MARKETING, v. 9, p. 31-53, 2015
35	Kim, Byoungsoo; Min, Jinyoung	The distinct roles of dedication-based and constraint-based mechanisms in social networking sites	INTERNET RESEARCH, v. 25, p. 30-51, 2015
36	Lin, Kuan-Yu; Lu, Hsi-Peng	Predicting mobile social network acceptance based on mobile value and social influence	INTERNET RESEARCH, v. 25, p. 107-130, 2015
37	Mascheroni, Giovanna; Vincent, Jane; Jimenez, Estefania	"Girls are addicted to likes so they post semi-naked selfies": Peer mediation, normativity and the construction of identity online	CYBERPSYCHOLOGY-JOURNAL OF PSYCHOSOCIAL RESEARCH ON CYBERSPACE, v. 9, 2015
38	Lien, Che Hui; Cao, Yang	Examining We Chat users' motivations, trust, attitudes, and positive word-of-mouth: Evidence from China	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 41, p. 104-111, 2014
39	Xie, Wenjing	Social network site use, mobile personal talk and social capital among teenagers	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 41, p. 228-235, 2014
40	Huang, Lan-Ying; Hsieh, Ying-Jiun; Wu, Yen-Chun Jim	Gratifications and social network service usage: The mediating role of online experience	INFORMATION & MANAGEMENT, v. 51, p. 774-782, 2014
41	Zhou, Tao; Li, Hongxiu	Understanding mobile SNS continuance usage in China from the perspectives of social influence and privacy concern	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 37, p. 283-289, 2014
42	Wright, Michelle F.	Predictors of Anonymous Cyber Aggression: The Role of Adolescents' Beliefs About Anonymity, Aggression, and the Permanency of Digital Content	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v. 17, p. 431-438, 2014
43	Wu, Yu-Lung; Tao, Yu-Hui; Li, Ching-Pu; et al.	User-switching behavior in social network sites: A model perspective with drill-down analyses	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 33, p. 92-103, 2014
44	Lee, E. Bun	Facebook Use and Texting Among African American and Hispanic Teenagers An Implication for Academic Performance	JOURNAL OF BLACK STUDIES, v. 45, p. 83-101, 2014
45	Sultan, Abdullah J.	Addiction to mobile text messaging applications is nothing to 0 crossMark "lol" about	SOCIAL SCIENCE JOURNAL, v. 51, p. 57-69 , 2014
46	Kwak, Kyu Tae; Choi, Se Kyoung; Lee, Bong Gyou	SNS flow, SNS self-disclosure and post hoc interpersonal relations change: Focused on Korean Facebook user	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 31, p. 294-304, 2014
47	Okazaki, Shintaro; Rubio, Natalia; Campo, Sara	Gossip in social networking sites Why people chitchat about ad campaigns	INTERNATIONAL JOURNAL OF MARKET RESEARCH, v. 56, p. 317-340, 2014
48	Misopoulos, Fotis; Mitic, Miljana; Kapoulas, Alexandros; et al.	Uncovering customer service experiences with Twitter: the case of airline industry	MANAGEMENT DECISION, v. 52, p. 705-723 , 2014
49	LeGrand, Sara;	If you build it will they come?	AIDS CARE-

	Muessig, Kathryn E.; Pike, Emily C.; et al.	Addressing social isolation within a technology-based HIV intervention for young black men who have sex with men	PSYCHOLOGICAL AND SOCIO-MEDICAL ASPECTS OF AIDS/HIV, v. 26, p. 1194-1200, 2014
50	Strauss, Stefan; Nentwich, Michael	Social network sites, privacy and the blurring boundary between public and private spaces	SCIENCE AND PUBLIC POLICY, v. 40, p. 724-732, 2013
51	Bryce, Jo; Fraser, James	"It's Common Sense That It's Wrong": Young People's Perceptions and Experiences of Cyberbullying	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v. 16, p. 783-787, 2013
52	Salehan, Mohammad; Negahban, Arash	Social networking on smartphones: When mobile phones become addictive	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 29, p. 2632-2639, 2013
53	Kisekka, Victoria; Bagchi-Sen, Sharmistha; Rao, H. Raghav	Extent of of private information disclosure on online social networks: An exploration of Facebookmobile phone users	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 29, 2013
54	Cui, Yanqing; Honkala, Mikko	A novel mobile device user interface with integrated social networking services	INTERNATIONAL JOURNAL OF HUMAN-COMPUTER STUDIES, v. 71, p. 919-932, 2013
55	Huang, Ming-Hui; Rust, Roland T.	IT-Related Service: A Multidisciplinary Perspective	JOURNAL OF SERVICE RESEARCH, v. 16, p. 251-258, 2013
56	Gilson, Julie	Communicating Practice in Transnational Advocacy: Examples from Southeast Asia	GLOBALIZATIONS, v. 10, p. 571-585, 2013
57	Dir, Allyson L.; Coskunpinar, Ayca; Steiner, Jennifer L.; et al.	Understanding Differences in Sexting Behaviors Across Gender, Relationship Status, and Sexual Identity, and the Role of Expectancies in Sexting	CYBERPSYCHOLOGY BEHAVIOR AND SOCIAL NETWORKING, v. 16, p. 568-574, 2013
58	Wang, Shaojung Sharon; Stefanone, Michael A.	Showing Off? Human Mobility and the Interplay of Traits, Self-Disclosure, and Facebook Check-Ins	SOCIAL SCIENCE COMPUTER REVIEW, v. 31, p. 437-457, 2013
59	Bahir, Eitan; Peled, Ammatzia	Identifying and Tracking Major Events Using Geo-Social Networks	SOCIAL SCIENCE COMPUTER REVIEW, v. 31, p. 458-470, 2013
60	Balakrishnan, Vimala; Shamim, Azra	Malaysian Facebookers: Motives and addictive behaviours unraveled	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 29, p. 1342-1349, 2013
61	Zhao, Ling; Lu, Yaobin; Gupta, Sumeet	Disclosure Intention of Location-Related Information in Location-Based Social Network Services	INTERNATIONAL JOURNAL OF ELECTRONIC COMMERCE, v. 16, p. 53-89, 2012
62	Kaplan, Andreas M.	If you love something, let it go mobile: Mobile marketing and mobile social media 4x4	BUSINESS HORIZONS, v. 55, p. 129-139, 2012
63	Manago, Adriana M.; Taylor, Tamara; Greenfield, Patricia M.	Me and My 400 Friends: The Anatomy of College Students' Facebook Networks, Their Communication Patterns, and Well-Being	DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY, v. 48, p. 369-380, 2012
64	Alikilic, Ozlem; Atabek, Umit	Social media adoption among Turkish public relations professionals: A survey of practitioners	PUBLIC RELATIONS REVIEW, v. 38, p. 56-63, 2012
65	Robertson, Lindsay; Skegg, Keren; Poore, Marion; et al.	An Adolescent Suicide Cluster and the Possible Role of Electronic Communication Technology	CRISIS-THE JOURNAL OF CRISIS INTERVENTION AND SUICIDE PREVENTION, v. 33, p. 239-245, 2012

66	Okazaki, Shintaro; Jesus Yaguee, Maria	Responses to an advergame campaign on a mobile social networking site: An initial research report	COMPUTERS IN HUMAN BEHAVIOR, v. 28, p. 78-86, 2012
67	Heinrichs, John H.; Lim, Jeon-Su; Lim, Kee-Sook	Influence of social networking site and user access method on social media evaluation	JOURNAL OF CONSUMER BEHAVIOUR, v. 10, p. 347-355, 2011
68	Bull, Sheana S.; Breslin, Lindsey T.; Wright, Erin E.; et al.	Case Study: An Ethics Case Study of HIV Prevention Research on Facebook: The Just/Us Study	JOURNAL OF PEDIATRIC PSYCHOLOGY, v. 36, p. 1082-1092, 2011
69	Shambare, Richard; Mvula, Althea	South African students' perceptions of Facebook: Some implications for instructors	AFRICAN JOURNAL OF BUSINESS MANAGEMENT, v. 5, p. 10557-10564, 2011
70	Friebel, Guido; Seabright, Paul	Do women have longer conversations? Telephone evidence of gendered communication strategies	JOURNAL OF ECONOMIC PSYCHOLOGY, v. 32, p. 348-356, 2011
71	Pagani, Margherita; Hofacker, Charles F.; Goldsmith, Ronald E.	The Influence of Personality on Active and Passive Use of Social Networking Sites	PSYCHOLOGY & MARKETING, v. 28, 2011
72	Chatterjee, Patrali	Drivers of new product recommending and referral behaviour on social network sites	INTERNATIONAL JOURNAL OF ADVERTISING, v. 30, p. 77-101, 2011
73	Winer, Russell S.	New Communications Approaches in Marketing: Issues and Research Directions	JOURNAL OF INTERACTIVE MARKETING, v. 23, p. 108-117, 2009
74	Raban, Daphne R.; Rabin, Eyal	Statistical inference from power law distributed web-based social interactions	INTERNET RESEARCH, v. 19, p. 266-278, 2009
75	Naik, Prasad; Wedel, Michel; Bacon, Lynd; et al.	Challenges and opportunities in high-dimensional choice data analyses	MARKETING LETTERS, v. 19, p. 201-213, 2008

APÊNDICE B - ARTIGOS DOS ANAIS DA ANPAD (2007 a 2016)

	Autores	Artigo	Evento
1	Isabela de Oliveira Menon; Fernando de Souza Coelho	Gestão Social como Campo do Saber no Brasil: uma Análise de Sua Produção Científica pela Modelagem de Redes Sociais (2005-2015)	EnAPG 2016
2	Vinicius de Souza Moreira; Suely de Fátima Ramos Silveira.	Aplicação da Análise de Redes Sociais à Avaliação de Programas Habitacionais: a Experiência do Minha Casa, Minha Vida em Minas Gerais	EnAPG 2016
3	Fabricia Durieux Zucco; Tatiane Theiss; Valeria Riscarolli; Fernando Cesar Lenzi; Christian Daniel Falaster	Compartilhamento de Experiências de Eventos Turísticos nas Redes Sociais Virtuais	EnANPAD 2016
4	Matheus Henrique Pinho; Cristiana Fernandes de Muijder; Luiz Cláudio Vieira de Oliveira; Pedro Verga Matos	Inovação, Redes Sociais e Marca: a Influência da Fórmula 1 e a Decisão de Compra entre Duas Montadoras de Automóveis no Brasil	EnANPAD 2016
5	Fernanda Gisele Basso; Geciane Silveira Porto	Inovação Aberta na Indústria Farmacêutica: um Estudo Utilizando Análise de Redes Sociais em Patentes	EnANPAD 2016
6	Cristiano de Oliveira Maciel	Identificação Diádica na Sala de Aula: um Exame a partir da Perspectiva da Análise de Redes Sociais	EnANPAD 2016
7	Dayane Freire Romagnolo; Ivan de Souza Dutra; Carlos Eduardo de Lima	A Imersão em Redes Sociais: a Confiança, o Oportunismo e a Ordem na Perspectiva da Participação Cidadã	EnANPAD 2016
8	Fabiane Cristina Brand	Transferência de Conhecimentos em uma Rede de Cooperação: Estudo com Base em Propriedades das Redes Sociais e Características Cognitivas	EnANPAD 2016
9	José Raimundo Cordeiro Neto; José de Arimatéia Dias Valadão; Jackeline Amantino de Andrade	Análise de Redes Sociais, Suas Limitações e Recursos Teóricos para uma Abordagem Relacional nos Estudos Organizacionais	EnANPAD 2016
10	Luana Ferreira dos Santos; Ana Paula Teixeira de Campos; Alair Ferreira de Freitas	Influência das Redes Sociais para o Acesso às Políticas Públicas de Compra Institucional em Cooperativas da Agricultura Familiar	EnANPAD 2016
11	João Antônio da Rocha Ataíde; Claudio Zancan	Análise de Redes Sociais na Gestão de Políticas Públicas da Agricultura Familiar	EnANPAD 2016
12	Andreza Galindo; Alves de Queiróz; Claudio Zancan	Programa de Fiscalização Preventiva Integrada em Alagoas sob a Ótica da Análise de Redes Sociais (ARS)	EnANPAD 2016
13	Luciana Correia Barbosa; Sérgio Carvalho Benício de Mello; Henrique Muzzio	O Discurso do Movimento #Ocupeococó e Sua Luta pela Significação nas Redes Sociais	EnEO 2016
14	Marcelo Guedes Carneiro; Paula Castro Pires de Souza Chimenti; Roberto Nogueira; Marco Aurélio de Souza	Como não Morrer de Sucesso? O Conceito de Rede Suja e o Desafio das Redes Sociais	EMA 2016

	Rodrigues		
15	Francisco Wilker Carneiro Brito; Ana Augusta Ferreira de Freitas	O Mundo por Clicks: a Influência das Redes Sociais no Consumo de Viagens	EMA 2016
16	Rebeca Valerio Rosenstock; Simone Cristina Ramos	Influência das Redes Sociais na Busca de Profissionais em uma Consultoria de Recrutamento e Seleção em Curitiba	EnGPR 2015
17	Amanda Soares Zambelli Ferretti; Bruno Felix Von Borell de Araujo	Comportamentos nas Redes Sociais Online e Seus Impactos nas Relações Profissionais	EnANPAD 2015
18	Lina Eiko Nakata; Pedro Paulo Melo Arantes; Karuna Sibila Silva Alves dos Santos Fernandes	As Redes Sociais na Internet e Sua Influência em uma Organização sem Fins Lucrativos	EnANPAD 2015
19	Victor Silva Corrêa; Gláucia Maria Vasconcellos Vale	Empreendedorismo Religioso - Strictness - e Redes Sociais	EnANPAD 2015
20	Carla D. M. Soares; Luiz Antonio Joia	A Influência do Uso de Redes Sociais em Movimentos Sociais: Proposição de um Frame Heurístico	EnANPAD 2015
21	Cáren Maria da Rosa Rinker; Vânia Gisele Bessi	A Utilização de Redes Sociais no Ambiente de Trabalho: a Visão de Gestores e Usuários	EnANPAD 2015
22	Monize Sâmara Visentini; Fernanda Bard Chagas; Daiane Lindner Radons	Proposição e Validação de Instrumento para Mensurar os Fatores Motivadores do Comportamento de Uso das Redes Sociais Virtuais	EnANPAD 2015
23	Caroline Fabricia Bonk Sarmiento; Carlos Augusto Septimio de Carvalho; Luis Antonio da Rocha Dib	Efeito das Redes Sociais e Effectuation em Internacionalização de Startups em Aceleradoras	3Es 2015
24	Monize Sâmara Visentini; Debora Bobsin; Fernanda Bard	Redes Sociais Virtuais sob o Prisma Acadêmico Brasileiro: um Levantamento Bibliográfico dos Últimos 10 Anos	EnADI 2015
25	Ana Rafaela de Sousa Cláudio; Cristiane Drebes Pedron; Paulo Almeida Gonçalves	O Novo Desafio da Gestão de Reclamações: as Redes Sociais	EnANPAD 2014
26	Marcelo Santos Amaral; José Antonio Gomes de Pinho; Lucas Santos de Oliveira; Israel dos Santos Aguiar	O Congresso nas Redes Sociais: Uso do Twitter por Parlamentares Brasileiros	EnANPAD 2014
27	Aline Armanini Stefanan; Damiana Machado de Almeida; Luis Felipe Dias Lopes	Motivações de Estudantes acerca de Redes Sociais Virtuais	EnANPAD 2014
28	Gustavo Hermínio Salati Marcondes de Moraes; Alexandre Cappelozza; Fernando de Souza Meirelles	#VEMPRARUA ? a Tecnologia da Informação e as Manifestações Sociais: um Estudo da Utilização das Redes Sociais para Participação nos Protestos	EnANPAD 2014
29	Viviane Moura Rocha; Mateus Canniatti Ponchio; Eduardo de Rezende Francisco	Lealdade do Consumidor e Programas de Fidelidade: uma análise topográfica do campo de conhecimento à luz da bibliometria, estatística espacial e redes sociais	EnANPAD 2013

30	Antonio Sergio da Silva; Aline Bento Ambrósio Avelar; Milton Carlos Farina	Transferência Intra-Hospitalar de Pacientes: Uma Aplicação da Análise de Redes Sociais	EnANPAD 2013
31	Fabiane Cristina Brand; Jorge Renato de Souza Verschoore Filho	O Que se Mede e o Que Não se Mede. A Utilização de Medidas de Análise de Redes Sociais nas Pesquisas em Administração	EnANPAD 2013
32	Alair Ferreira de Freitas; Ivan Beck Ckagnazaroff	REDES SOCIAIS: ALÉM DO MÉTODO	EnANPAD 2013
33	Wellington Tavares; Ana Paula Paes de Paula	Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas e Ativistas no Ciberespaço	EnANPAD 2013
34	Rafael Nishino Ono; Isadora Teixeira Vergara Menin Netto Castro; Catarina Cecília Odelius	Relações entre Competências de Trabalho de Equipe e Redes Sociais em Grupos de Pesquisa	EnANPAD 2013
35	Elaine Rabelo Neiva; Larissa Dutra Ramos	Contexto de mudança organizacional: sua influência sobre a aprendizagem, as redes sociais e as competências aprendidas no trabalho	EnANPAD 2013
36	Wellington Tavares; Guilherme Cássio Almeida	Redes Sociais Virtuais e a Democracia 2.0: Dinâmica e Perspectivas Políticas na Relação entre Políticos e Sociedade	EnANPAD 2013
37	Cristiane Silva Penteado Bertolino; Maria Bethânia Batista; Luciano Prates Junqueira; Edson Sadao Iizuka	Gestão social, Redes sociais e a Produção Acadêmica: Visita aos Anais dos EnAPG's de 2004 a 2012	EnANPAD 2013
38	Henrique Gonçalves Amaral; Maurício Gregianin Testa; Edimara Mezzomo Luciano	A FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL ATRAVÉS DE REDES SOCIAIS NA INTERNET: UM ESTUDO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	EnANPAD 2013
39	Rafael Xavier Esteves de Almeida; Simone Bacellar Leal Ferreira; Denis Silva da Silveira; Mariano Pimentel; Ronaldo Goldbach; Allan Telles Bessa	Heurísticas de Usabilidade Orientadas às Redes Sociais	EnADI 2013
40	Cassia Maria Paula Lima; Janaina Rute da Silva Dourado; Maria Teresa Stefani; Erika Buzo Martins; Luciano Antonio Prates Junqueira	Redes Sociais e a Produção Acadêmica nas Principais Revistas Brasileiras de Administração no Período de 2001 a 2011	EnAPG 2012
41	Delci Grapegia Dal Vesco; Ilse Maria Beuren	Teoria da Estrutura de Propriedade: Redes Sociais em Periódicos Internacionais	Simpósio 2012
42	Terezinha Vicenti, Marcelo da Silva M. Dockhorn, Gislaine Mascarello, Denise Del Prá Netto Machado, Eda Castro Lucas de Souza	Produção Científica sobre Inovação e Teoria Institucional em Bases Internacionais ? 1977/2012: Uma análise sob a Ótica das Redes Sociais	Simpósio 2012

43	Gilmara Elke Dutra Dias, Danielle Miranda de Oliveira Arruda Gomes, Cláudio André Gondim Nogueira, Alyne Oliveira do Vale	A Importância Relativa dos Fatores de Qualidade e seus Determinantes na Seleção de Cursos de Línguas Estrangeiras em Redes Sociais sob a Ótica do Consumidor	EnANPAD 2012
44	Leomar dos Santos, Silvana; Anita Walter, Tatiana Marceda; Bach, Lizandro Nunes; Fernandes, Udo Schroeder	Redes Sociais e Bibliometria: uma Análise Longitudinal da temática de Logística do período de 1997 a 2011	EnANPAD 2012
45	Lívia Garcez de Oliveira; Padilha, Jorge Renato de Souza Verschoore Filho	Redes Sociais para o Desenvolvimento Sustentável Local: uma Análise Qualitativa e Quantitativa de sua Governança	EnANPAD 2012
46	Alessandra Cenerino, Jaiane Aparecida Pereira, Josiane Silva de Oliveira, Márcia Cristina David de Souza	Redes Sociais como Fenômeno Cultural: Contribuições Teóricas as Pesquisas sobre Inovação	EnANPAD 2012
47	Diego de Queiroz Machado; Ana Sílvia Rocha Ipiranga	Esforços de Inovação em Redes Sociais: Uma Análise na Rede Nordeste de Biotecnologia	EnANPAD 2012
48	Silvana Anita Walter, Tatiana Marceda Bach, Flaviane Barbosa	Estrutura das Redes Sociais e Bibliometria: Uma análise longitudinal da Abordagem de Estratégia como Prática	EnANPAD 2012
49	Daniel José Cardoso da Silva, Adhemar Ranciaro Neto, Luiz Carlos Marques dos Anjos, Luiz Carlos Miranda	Redes Sociais e o Desempenho Acadêmico: Um Estudo com Alunos de Contabilidade	EnANPAD 2012
50	Debora Bobsin, Norberto Hoppen	Estruturação de Redes Sociais Virtuais em Organizações: um estudo de caso	EnANPAD 2012
51	Ana Julia de Almeida Novaes, Josmar Andrade	Música na Era Digital. Um Estudo Exploratório sobre a Percepção da Importância das Redes Sociais nas Estratégias de Comunicação e Interação dos Artistas com Seus Públicos	EMA 2012
52	Thelma Valéria Rocha, Caroline Jansen, Eduardo Lotfi, Rodrigo Ribeiro Fraga	O uso das redes sociais na construção do relacionamento com clientes: um estudo de caso múltiplo no Brasil	EnANPAD 2011
53	Gislene Pereira da Silva, Amanna Ferreira Peixoto, Rita de Cássia de Faria Pereira	Profiles de Redes Sociais Virtuais como Extensão do Self: um Olhar através das Lentes do Método Arqueológico	EnANPAD 2011
54	Marco Antonio Pinheiro da Silveira, Milton Carlos Farina, José Carlos Dugo, Marcos Takao Ozaki	Análise de Redes Sociais como Ferramenta que Contribui para Melhoria das Relações entre Empresas Participantes de um APL do Setor de Eventos	EnANPAD 2011
55	Marcia Regina Santiago Scarpin, Giancarlo Gomes, Denise Del Prá Netto Machado	Produção Científica sobre Inovação em periódicos de alto impacto ? 2006/2010: Uma análise sob a Ótica das Redes Sociais	EnANPAD 2011
56	Mohamed Amal, Silvana Anita Walter, Tatiana Marceda Bach, Natalie Aurélia Cidral	Estudos sobre estratégias internacionais no Brasil: análise sob a perspectiva de redes sociais	EnANPAD 2011

57	Debora Bobsin, Norberto Hoppen	Proposta de Aplicação da Teoria da Estruturação no estudo das Redes Sociais Virtuais no Contexto Organizacional	EnANPAD 2011
58	Angelita Freitas da Silva, Vânia M. Flores Costa, Carlos Otavio Zamberlan, Vívian Flores Costa	Análise de Redes Sociais Informais ? Ferramenta para o Compartilhamento do Conhecimento Organizacional	EnANPAD 2011
59	Gislene Pereira da Silva, Polyanna de Arruda Torres, André Luiz Dias de França	Proteção e Anticonsumo em Rede: uma Aplicação da Análise de Redes Sociais na Comunidade Virtual do Banco X do Site Reclame AQUI	EnANPAD 2011
60	Jorge da Silva Correia Neto, Ana Amélia Batista da Silva, Décio Fonseca	Sites de Redes Sociais Corporativas: entre o pessoal e o profissional	EnADI 2011
61	Erika Costa da Silva Gaudeoso, Luciano Antonio Prates Junqueira	Redes Sociais em um Empreendimento Social: um estudo de caso	EnAPG 2010
62	Ayalla Candido Freire, Mariana Baldi, Fernando Dias Lopes	Expandindo a Análise de Redes de Inovação: Uma Reflexão a partir da Perspectiva de Redes Sociais	Simpósio 2010
63	Guilherme Siqueira Bez, Rafael Ávila Faraco, Maria Terezinha Angeloni	Aplicação da Técnica de Análise de Redes Sociais em uma Instituição de Ensino Superior	Simpósio 2010
64	Fábio Rogério de Moraes, Talita Ribeiro da Luz	Tecnologia, Inovação e Competitividade: um estudo de caso sobre redes sociais que utilizam as ferramentas da Web 2.0 para o fortalecimento da produtividade local	Simpósio 2010
65	Silvio de Oliveira Murdocco, Eduardo de Camargo Oliva	A Cultura Organizacional e a Centralidade nas Redes Sociais: Um Estudo Exploratório em uma Empresa de Serviços	EnANPAD 2010
66	Ana Paula Capuano da Cruz, Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo, Flavia Pozzera Gassner	Uma Análise da Evolução do Campo de Pesquisa em Contabilidade Gerencial sob a Perspectiva Colaborativa Mapeada em Redes Sociais	EnANPAD 2009
67	Sérgio Ricardo Franco Vieira, Elaine Rabelo Neiva	Redes Sociais no Contexto de Mudança Organizacional	EnANPAD 2009
68	José Osvaldo De Sordi	Análise da Coesão entre Seções de Textos de Documentos Extensos a partir da Aplicação Conjunta das Técnicas de Análise de Redes Sociais e Referencias Internas	EnANPAD 2009
69	Áureo Magno Gaspar Pinto, Luciano Antonio Prates Junqueira	A Análise de Redes Sociais no Terceiro Setor: Um Estudo de Caso	EnAPG 2008
70	Claudio Zancan, Valter Afonso Vieira	Aspectos convergentes e complementares em estudos de Redes Sociais e Inovação: na busca de um conceito integrador	Simpósio 2008
71	Claudio Zancan	As contribuições teóricas da Análise de Redes Sociais aos Estudos Organizacionais	EnANPAD 2008
72	Silvana Anita Walter, Eduardo Damião da Silva	Visão Baseada em Recursos: um Estudo Bibliométrico e de Redes Sociais da Produção Científica da Área de Estratégia do EnANPAD 1997-2007	EnANPAD 2008
73	Alexandre Reis Graeml, Marie Anne Macadar, Edson R. Guarido Filho, Luciano Rossoni	Redes Sociais e Intelectuais em ADI: Uma Análise Cientométrica do Período 1997-2006	EnANPAD 2008
74	Moises Calheiros de Almeida	Análise de Redes Sociais como Ferramenta na Engenharia de Software	EnADI 2007

75	Rafael Fortes Gatto	Capital Social e Redes Sociais	EnANPAD 2007
76	Angeli Kishore; Tania Casado	Diversidade das Redes Sociais de Desenvolvimento	EnANPAD 2007

APÊNDICE C – ARTIGOS DA SCIELO (2007 a 2016)

	Autores	Artigo	Periódico
1	Nicolaci-da-Costa, Maria; Matos-Silva, Mariana Santiago de	Smartphones E Recursos Locativos No Brasil: Reações De Usuários	Paidéia, v. 24, n. 57, p. 115-123, jan-apr. 2014
2	Freitas, A. F. de.	Por uma Abordagem Relacional do Desenvolvimento Territorial Rural	Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 4, n. 4, p. 667 – 690, 2016
3	Duarte, António; Joaquim, Natércia; Nunes, Cristina.	Dimensões da Qualidade de Vida e Apoio Social dos Pacientes Hospitalizados nas Unidades de Assistência à Saúde do Algarve	Psicologia: Teoria e Pesquisa, Out 2016, Volume 32 Nº 2
4	Reis, Paula Cristina Simões da Silva de Castro; Leite, Ângela Maria Teixeira; Amorim, Susana Marisa Mota; Souto, Teresa Soares.	A SOLIDÃO EM UTILIZADORES PORTUGUESES DO FACEBOOK	Psicologia & Sociedade, v. 28, n. 2, p. 237 – 246, 2016
5	Magnoni, Maria Salete.	Lei de Cotas e a mídia brasileira: o que diria Lima Barreto?	Estudos Avançados, v. 30, n. 87, p. 299 – 312, 2016
6	Melo-Silva, Gustavo.	Redes de investimento e o financiamento de campanhas em Minas Gerais	Revista de Administração Pública, v. 50, n. 4, p. 689 – 709, 2016
7	Rosa, Gabriel Artur Marra e; Santos, Benedito Rodrigues dos; Faleiros, Vicente de Paula.	Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook	Psicologia USP, v. 27, n. 2, p. 263 – 272, 2016
8	Torres, Maria Filomena; García, José Álvarez; Rama, María de la Cruz Del Río; Santos, Barbara Coutinho Pires dos.	Nível de engagement dos fãs das Termas do Centro de Portugal no Facebook	Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 10, n. 10, v. 2, p. 233 – 253, 2016
9	Ribeiro, Flávio; Colauto, Romualdo Douglas.	The Relationship Between Board Interlocking and Income Smoothing Practices	Revista Contabilidade & Finanças, n. 70, p. 55 – 66, 2016
10	Ferreira, Adriano Charles; Santos, Edvander Ramalho dos; Rosso, Ademir José.	Representação social da indisciplina escolar	Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 32, n. 1, p. 199 – 208, 2016
11	Pinheiro, Marina.	A paixão pela imagem: o eu como cenógrafo das virtualidades do si mesmo	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 19, n. 1, p. 84 – 98, 2016, 2016
12	Rossini, Diva de Mello; Tricárico, Luciano Torres; Tomelin,	O Português Centro Histórico de São Francisco do Sul (BR): um atributo para o turismo cultural	Interações (Campo Grande), v. 17, n. 1, p. 110 – 125, 2016

	Carlos Alberto.		
13	BAPTISTA, Rubem Muniz; JUNIOR, Pedro Viana de FREITAS; PEÇANHA, Adriana Penha; SOARES, Adriana Benevides; METTRAU, Marsyl Bulkool; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da.	Práticas de leitura e compreensão de texto no 6º e 7º anos do ensino fundamental	Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 1, p. 173 – 182
14	NEIVA, Elaine Rabelo; FUSSI, Carolina Carvalho; CORRA DI, Ariane Agnes.	Relações entre produtividade acadêmica e redes sociais entre pesquisadores da Ciência Psicológica	Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 1, p. 83 – 94, 2016
15	Neiva, Elaine Rabelo.	Estudo revela o papel das redes sociais na produtividade de pesquisadores	Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 1, p. 1 – 1, 2016
16	Pereira, Jesus Marmanillo.	Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.	Horizontes Antropológicos, v. 21, n. 44, p. 407 – 410, 2015
17	Arruda, Marcelo Paulo de; Girão, Luiz Felipe de Araújo Pontes; Lucena, Wenner Glaucio Lopes.	Assimetria Informacional e o Preço das Ações: Análise da Utilização das Redes Sociais nos Mercados de Capitais Brasileiro e Norte-americano	Revista Contabilidade & Finanças, Dez 2015, Volume 26 Nº 69 Páginas 317 – 330
18	Jacobi, Pedro Roberto; Cibim, Juliana; Leão, Renata de Souza.	Crise hídrica na Macrometrópole Paulista e respostas da sociedade civil	Estudos Avançados, v. 29, n. 84, p. 27 – 42, 2015
19	Pigatto, Giuliana Aparecida Santini; Queiroz, Timóteo Ramos; Lourenzani, Ana Elisa Bressan Smith.	Redes sociais de produtores de mandioca em regiões do estado de São Paulo	Interações (Campo Grande), v. 16, n. 1, p. 75 – 86, 2015
20	Leonidas, Carolina; Santos, Manoel Antônio dos.	Relacionamentos Afetivo-Familiares em Mulheres com Anorexia e Bulimia	Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 31, n. 2 p. 181 – 191, 2015
21	Santos, Cecília MacDowell.	Curto-circuito, falta de linha ou na linha? Redes de enfrentamento à violência contra mulheres em São Paulo	Revista Estudos Feministas, v. 23, n. 2, p. 577 – 600, 2015
22	Portugal, Sílvia; Nogueira, Cláudia; Hespánha, Pedro.	As Teias que a Doença Tece: A Análise das Redes Sociais no Cuidado da Doença Mental	Dados, v. 57, n. 4, p. 935 – 968, 2014
23	Santos, Francisco	Produção de subjetividade em	Psicologia & Sociedade, v. 26, n. 3, p. 685 –

	Coelho dos; Cypriano, Cristina Petersen.	blogs e microblogs	695, 2014
24	Assunção, Raquel Sofia; Matos, Paula Mena.	Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo	Psicologia em Estudo, v. 19, n. 3, p. 539 – 547, 2014
25	Custódio, Zaira Aparecida de Oliveira; Crepaldi, Maria Aparecida; Linhares, Maria Beatriz Martins.	Redes sociais de apoio no contexto da prematuridade: perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano	Estudos de Psicologia (Campinas), v. 3, n. 2, p. 247 – 255, 2014
26	Souza, Rebeca Hennemann Vergara de; Solagna, Fabrício; Leal, Ondina Fachel.	As políticas globais de governança e regulamentação da privacidade na internet	Horizontes Antropológicos, v. 20, n. 41, p.141 – 172, 2014
27	Pinheiro, Ricardo Lana; Guanaes-Lorenzi, Carla.	Funções do agente comunitário de saúde no trabalho com redes sociais	Estudos de Psicologia (Natal), v. 19, n. 1, p. 48 – 57, 2014
28	Hüning, Simone Maria; Silva, Aline Kelly da; Nascimento, Paulo dos Santos; Mariano, Rondineli Bezerra.	Estratégias de resistência no sistema de moradias do contexto sucroalcooleiro	Estudos de Psicologia (Natal), v. 19, n. 1, p. 58 – 66, 2104
29	Bonamigo, Irme Salete.	Novas tecnologias de vigilância e a gestão de violências	Fractal : Revista de Psicologia, v. 25, n. 3, p. 659 – 674, 2013
30	Macêdo, Tereza Efigênia Pessoa Morano; Fernandes, Cibelle Antunes; Costa, Ileno Silva da.	Rede de apoio social de pacientes com diagnóstico de esquizofrenia: estudo exploratório	Estudos de Psicologia (Natal), v. 18, n. 4, p. 639 – 647, 2013
31	Freitas, Alair Ferreira de; Freitas, Alan Ferreira de.	Os alicerces sociopolíticos do cooperativismo de crédito rural solidário na Zona da Mata de Minas Gerais	Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 51, n. 3, p. 433 – 453, 2013
32	Santana, Hugo David; Ítavo, Luís Carlos Vinhas; Silva, Luzia Felix da.	As relações dos atores envolvidos com o arranjo produtivo local Terra Cozida do Pantanal	Interações (Campo Grande), v. 14, n. 1, p. 63 – 69, 2013
33	Vedana, Viviane.	Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano	Horizontes Antropológicos, v. 19, n. 39, p. 41 – 68, 2013
34	Lopes, José Sergio Leite.	TOURAINÉ E BOURDIEU NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS: DUAS RECEPÇÕES DIFERENCIADAS	Sociologia & Antropologia, v. 3, n. 5, p. 43 – 79, 2013
35	Von Zuben, Juliana Vieira; Rissi, Maria Rosa Rodrigues; Guanaes	A rede social significativa de uma mulher após o diagnóstico de HIV/AIDS	Psicologia em Estudo, v. 18, n. 2, p. 211 – 221, 2013

	-Lorenzi, Carla.		
36	Andrade, Danyelle Almeida de; Eulálio, Maria do Carmo; Melo, Rômulo Lustosa Pimenteira de.	Fontes de apoio social a idosos portadores de doença pulmonar obstrutiva crônica	Psicologia em Estudo, v. 18, n. 1, p. 115 – 123, 2013
37	Bittencourt, Liliane de Jesus; Almeida, Rafaela Andrade.	Transtornos alimentares: patologia ou estilo de vida?	Psicologia & Sociedade, v. 25, n. 1, p. 220 – 229, 2013
38	Chalita, Marie Anne Najm.	O consumo de queijo como referência para a análise do mercado de qualidade do produto	Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 50, n. 3, p. 545 – 562, 2012
39	Vasconcelos, Alexandre Meira de; Lezana, Álvaro Guillermo Rojas.	Modelo de ciclo de vida de empreendimentos sociais	Revista de Administração Pública, v. 46, n. 4, p. 1037 – 1058, 2012
40	Feijó, Marianne Ramos; Macedo, Rosa Maria Stefanini de.	Família e projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação	Estudos de Psicologia (Campinas), v. 2, n. 2, p. 193 – 202, 2012
41	Araújo, Ludgleydson Fernandes de; Amaral, Edna de Brito; Sá, Elba Celestina do Nascimento; Azevedo, Regina Ligia W. de; Lobo Filho, Jorgeano Gregório.	Violência contra pessoa idosa: representações sociais entre adolescentes do arquipélago de Fernando de Noronha-PE	Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 1, p. 104 – 111, 2012
42	Oliveira, Sidinei Rocha de; Piccinini, Valmiria Carolina.	Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos	Revista de Administração Pública, v. 45, n. 5, p. 1517 – 1538, 2011
43	Ribeiro, Elisa Maria Barbosa de Amorim; Bastos, Antônio Virgílio Bittencourt.	Redes sociais interorganizacionais na efetivação de projetos sociais	Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 2, p. 282 – 292, 2011
44	Silva, Victor Hugo da.	Cidadania e inserção laboral assistida: a experiência do trabalho formal de adolescentes pobres	Estudos de Psicologia (Natal), v. 16, n. 2, p. 187 – 195, 2011
45	Jardim, João Bosco.	Adoção, citação e difusão do artigo científico: o que é que se difunde?	Psicologia USP, v. 22, n. 2, p. 357 – 366, 2011
46	Rohden, Fabíola.	"O homem é mesmo a sua testosterona": promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro	Horizontes Antropológicos, v. 17, n. 35, p. 161 – 196, 2011
47	Cruz, Ana Paula Capuano da; Espejo, Márcia Maria dos Santos Bortolucci; Costa, Flaviano; Almeida,	Perfil das redes de cooperação científica: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade - 2001 a 2009	Revista Contabilidade & Finanças, v. 22, n. 55, p. 64 – 87, 2011

	Lauro Brito de.		
48	Soares, Milene; Feijó, Marianne Ramos; Valério, Nelson Iguimar; Siquieri, Carmem Lúcia dos Santos Maia; Pinto, Maria Jaqueline Coelho.	O apoio da rede social a transexuais femininas	Paidéia (Ribeirão Preto), v. 21, n. 48, p. 83 – 92, 2011
49	Venturini, Ernesto.	O caminho dos cantos: morar e intersectorialidade na saúde mental	Fractal : Revista de Psicologia, v. 22, n. 3, p. 471 – 480, 2010
50	Rodrigues, Cristiano Santos; Prado, Marco Aurélio Maximo.	Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro	Psicologia & Sociedade, v. 22, n. 3, p. 445 – 456, 2010
51	Silva, Simone Souza da Costa; Pontes, Fernando Augusto Ramos; Lima, Leandro Cavalcante; Maluschke, Julia Bucher.	Rede social e papéis de gênero de casais ribeirinhos de uma comunidade amazônica	Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 26, n. 4, p. 605 – 612, 2010
52	Martins, Rafael D'Almeida; Vaz, José Carlos; Caldas, Eduardo de Lima.	A gestão do desenvolvimento local no Brasil: (des)articulação de atores, instrumentos e território	Revista de Administração Pública, v. 44, n. 3, p. 559 – 590, 2010
53	Pedroso Neto, Antonio José.	A dinâmica do marketing de rede: relações sociais e expectativas de um novo estilo de vida	Horizontes Antropológicos, v. 16, n. 33, p. 93 – 120, 2010
54	Ferrari, Solimar; Zaher, Vera Lúcia; Gonçalves, Maria De Jesus.	O nascimento de um bebê prematuro ou deficiente: questões de bioética na comunicação do diagnóstico	Psicologia USP, v. 21, n. 4, p. 781 – 808, 2010
55	Silva, Arielle Rocha de Oliveira; Detoni, Camila Lenhaus; Pinheiro, Diego Arthur Lima; Pereira, Joana Paula; Rocha, Lutz Franthesco da Silva; Magalhães, Natalia Mendonça; Valejo, Nathalia Galvão; Haacke, Tatiany Ribeiro; Oliveira, Sonia Pinto.	Enredando lutas cotidianas: dispositivos de saúde pela cidade	Fractal: Revista de Psicologia, Dez 2009, Volume 21 N° 3 Páginas 507 - 520
56	Maciel, Cristiano de Oliveira; Machado-da-Silva, Clóvis L..	Práticas estratégicas em uma rede de congregações religiosas: valores e	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 6, p. 1251 – 1278, 2009

		instituições, interdependência e reciprocidade	
57	Junqueira, Luciano A. Prates; Misoczky, Maria Ceci.	Redes sociais: apresentação	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 5, p. 1003 – 1005, 2009
58	Lopes, Fernando dias; Baldi, Mariana.	Redes como perspectiva de análise e como estrutura de governança: uma análise das diferentes contribuições	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 5, p. 1007 – 1035, 2009
59	João, Belmiro do Nascimento.	Redes em subsidiárias de multinacionais: um estudo de caso com análise de redes sociais de inventores e patentes	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 5, p. 1037 – 1066, 2009
60	Pinto, Áureo Magno Gaspar; Junqueira, Luciano Antonio Prates.	Relações de poder em uma rede do terceiro setor: um estudo de caso	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 5, p. 1091 – 1116, 2009
61	Prates, Antônio Augusto Pereira.	Redes sociais em comunidades de baixa renda: os efeitos diferenciais dos laços fracos e dos laços fortes	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 5, p. 1117 – 1146, 2009
62	Misoczky, Maria Ceci.	Abordagem de redes no estudo de movimentos sociais: entre o modelo e a metáfora	Revista de Administração Pública, v. 43, n. 5, p. 1147 – 1180, 2009
63	Marques, Eduardo Cesar Leão.	As redes sociais importam para a pobreza urbana?	Dados, v. 52, n. 2, p. 471 – 505, 2009
64	Rossoni, Luciano; Silva, Antônio João Hocayenda; Ferreira Júnior, Israel.	Aspectos estruturais da cooperação entre pesquisadores no campo de administração pública e gestão social: análise das redes entre instituições no Brasil	Revista de Administração Pública, v. 42, n. 6, p. 1041 – 1067, 2008
65	Amparo, Deise Matos do; Galvão, Afonso Celso Tanus; Alves, Paola Biasoli; Brasil, Katia Tarouquella; Koller, Sílvia Helena.	Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção	Estudos de Psicologia (Natal), v. 13, n. 2, p. 165 – 174, 2008
66	Pereira, Sandra Eni Fernandes Nunes; Sudbrack, Maria Fátima Olivier.	Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei	Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 24, n. 2, p. 151 – 159, 2008
67	Braga, Mauro Joaquim da Costa; Gomes, Luiz Flavio Autran Monteiro; Ruediger, Marco Aurélio.	Mundos pequenos, produção acadêmica e grafos de colaboração: um estudo de caso dos Enanpads	Revista de Administração Pública, v. 42, n. 1, p. 133 – 154, 2008
68	Santana, Jeanny Joana Rodrigues Alves de; Zanin, Carla Rodrigues; Maniglia	Pacientes com câncer: enfrentamento, rede social e apoio social	Paidéia (Ribeirão Preto), v. 18, n. 40, p. 371 – 384, 2008

	, José Victor.		
69	Auad, Juliana Cal; Conceição, Maria Inês Gandolfo.	Inserção social universitária: uma investigação com base no átomo social mínimo	Paidéia (Ribeirão Preto), v. 18, n. 39, p. 139 – 154, 2008
70	Telles, Vera da Silva; Hirata, Daniel veloso.	Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito	Estudos Avançados, v. 21, n. 61, p. 173 – 191, 2007
71	Assis, Gláucia de Oliveira.	Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional	Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 3, p. 745 – 772, 2007
72	Jucá, Vlândia Jamile dos Santos; Silva, Ana Carla Nunes da; Passos, Cecília Mello; Castro, Gabriela Alves de; Melo, Geisa Bastos; Tortorella, Isabelle; Sena, Isael de Jesus; Souza, Juliana da Arcela de; Oliveira, Laís; Lima, Poliane; Sampaio, Renata Oliveira; Reis, Samara dos.	Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social: um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores	Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 2, p. 122 – 130, 2007
73	Moreira, Eduardo Figueiredo; Araújo, Ludgleydson Fernandes de; Pimentel, Carlos Eduardo.	Percepção dos ambientalistas por universitários: uma análise semântica	Psicologia em Estudo, v. 12, n. 1, p. 161 – 169, 2007
74	Sato, Leny.	Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre	Psicologia & Sociedade, v. 19, p. 95 – 102, 2007

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO



Caro (a) aluno (a),
este questionário foi elaborado para conhecer seu **uso de aplicativos de redes sociais**.

1-Você acessa redes sociais através de aplicativos (no smartphone ou tablet)? 1() Sim 2() Não

2-Gênero: 1() Feminino 2() Masculino

3-Idade: _____

4-Ano em que estuda: 1()1º Ano 2()2º Ano 3()3º Ano

5-Marque o(s) aplicativo(s) de rede(s) social(is) que você utiliza:

- 1() Facebook
2() Instagram
3() Snapchat
4() WhatsApp
5() Twitter
6() YouTube
7() Messenger
8() Outro(s). Qual (is)? _____

6-Há quanto tempo utiliza esse(s) aplicativo(s) de rede(s) social(is)? Leve em consideração desde a primeira vez que utilizou algum do(s) aplicativo(s).

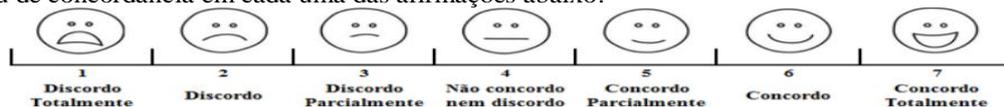
- 1() Menos de 1 ano
2() De 1 ano a 2 anos
3() De 2 anos a 3 anos
4() De 3 anos a 4 anos
5() Mais de 4 anos

7-Quanto tempo você acessa esse(s) aplicativo(s) durante o dia? Leve em consideração o tempo total de uso diário da soma de todos os aplicativos.

- 1() Não acesso diariamente
2() Menos de 1 hora por dia
3() Entre 1 e 3 horas por dia
4() Entre 3 e 6 horas por dia
5() Acima de 6 horas por dia

8-Colégio: _____ **9-Cidade:** _____

Identifique seu grau de concordância em cada uma das afirmações abaixo:



Afirmações	Concordância						
	1	2	3	4	5	6	7
10-Acredito que o tempo que eu gasto com aplicativos de redes sociais é excessivo.	1	2	3	4	5	6	7
11-Outras pessoas dizem que estou muito envolvido em atividades nas quais eu utilizo aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
12-Acredito ter tempo suficiente para usar meus aplicativos de redes sociais e passar tempo com a família e amigos.	1	2	3	4	5	6	7
13-Eu negligencio os trabalhos da escola para passar mais tempo nos aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
14-Gasto mais tempo usando aplicativos de redes sociais do que a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
15-Sinto-me muito envolvido por atividades que exigem que eu utilize aplicativos de redes sociais	1	2	3	4	5	6	7
16-Quando fico sem usar os aplicativos de redes sociais por algum tempo, fico preocupado e pensando em usá-los.	1	2	3	4	5	6	7
17-O uso de aplicativos de redes sociais me afasta da minha família e dos meus amigos mais do que eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
18-Aos olhos dos outros, pareço mais nervoso por utilizar os aplicativos de redes sociais todos os dias.	1	2	3	4	5	6	7
19-Sinto-me desconfortável quando não posso usar os aplicativos de redes sociais	1	2	3	4	5	6	7
20-Pessoas próximas a mim afirmam que pareço cansado devido ao uso excessivo de aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
21-Meu desempenho na escola e minha concentração são influenciados pelo uso de aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
22-Penso muito nos aplicativos de redes sociais quando não estou usando-os.	1	2	3	4	5	6	7
23-Sinto-me cansado das atividades nos aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
24-Às vezes, pessoas que convivem comigo dizem que pareço esgotado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
25-Utilizar todos os dias os aplicativos de redes sociais é uma tensão para mim.	1	2	3	4	5	6	7
26-Usar aplicativos de redes sociais à noite influencia no meu sono.	1	2	3	4	5	6	7
27-O tempo que dedico ao uso de aplicativos de redes sociais não me impede de participar de outras atividades além dos estudos.	1	2	3	4	5	6	7
28-Perco o sono devido à utilização de aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
29-Gasto muito tempo usando aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
30-O uso de aplicativos de redes sociais influencia nas minhas tarefas da escola.	1	2	3	4	5	6	7
31-Tenho problemas físicos por causa dos aplicativos de redes sociais, por exemplo: dor nas costas, cansaço visual, dores de cabeça e insônia.	1	2	3	4	5	6	7
32-Sinto-me desgastado com minhas atividades nos aplicativos de redes sociais.	1	2	3	4	5	6	7
33-O uso de aplicativos de redes sociais consome um tempo que sinto que deveria gastar com minha família e amigos.	1	2	3	4	5	6	7